



Maria Ignez Carneiro de Azevedo Limeira

**Recasamento com o ex-cônjuge: um processo de
reconstrução conjunta da relação conjugal**

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Psicologia da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção
do grau de Doutor em Psicologia Clínica.

Orientadora: Profa. Terezinha Féres-Carneiro

Rio de Janeiro
Março de 2018



Maria Ignez Carneiro de Azevedo Limeira

**Recasamento com o ex-cônjuge: um
processo de reconstrução conjunta da
relação conjugal**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Terezinha Féres-Carneiro

Orientadora
Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Solange Jobim e Souza

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Renata Machado de Mello

CCE - PUC-Rio

Profa. Mônica de Vasconcellos Dias

Instituto de Psicologia - UERJ

Profa. Célia Henriques

Sem Vínculo

Profa. Monah Winograd

Coordenadora Setorial de Pós-Graduação
e Pesquisa do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 02 de março de 2018

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Maria Ignez Carneiro de Azevedo Limeira

Graduou-se em Psicologia na UGF em 1987. Possui Mestrado em Sistemas de Gestão pela UFF (2004), Pós-Graduação em Estratégia e Inovação pela Oxford University (2011) e Especialização em Terapia Sistêmica Breve de Casal e Família pela Núcleo Pesquisas (2015). Atualmente atende a indivíduos, casais e famílias como Psicóloga Clínica, se utilizando das abordagens Sistêmica, EMDR e *Brainspotting*. Área de interesse em pesquisa acadêmica: casal e família.

Ficha Catalográfica

Limeira, Maria Ignez Carneiro de Azevedo

Recasamento com o ex-cônjuge : um processo de reconstrução conjunta da relação conjugal / Maria Ignez Carneiro de Azevedo Limeira ; orientadora: Terezinha Féres-Carneiro. – 2018.

123 f. ; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2018.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Recasamento. 3. Ex-cônjuge. 4. Reconciliação. 5. Compromisso. 6. Intimidade. I. Carneiro, Terezinha Féres. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Ao meu marido,
que me incentivou e apoiou incondicionalmente
durante a realização deste trabalho.

Agradecimentos

A Deus, que me sustentou até aqui e me proporcionou a oportunidade de viver este momento.

À minha mais que querida orientadora, que desde o primeiro momento me acolheu com carinho e compartilhou seu inestimável conhecimento comigo. Agradeço, sobretudo, pelo apoio e compreensão nos momentos difíceis que vivi durante estes anos.

À CAPES e à PUC-Rio, pelos auxílios recebidos, sem os quais este estudo não poderia ser realizado.

À minha mãe, que sempre acreditou em mim e lutou pelo melhor para a minha vida.

Aos meus filhos, minha melhor herança para esta terra, por serem quem são e me inspirarem a ser cada dia melhor.

Aos colegas, professores e funcionários do departamento de Psicologia da PUC-Rio pela ajuda e pelas valiosas trocas.

Aos participantes desta pesquisa, pela confiança e generosidade em compartilhar comigo pensamentos, sentimentos e situações que vivenciaram, de forma tão transparente.

Resumo

Limeira, Maria Ignez Carneiro de Azevedo; Féres-Carneiro, Terezinha. **Recasamento com o ex-cônjuge: um processo de reconstrução conjunta da relação conjugal.** Rio de Janeiro, 2018. 123p. Tese de Doutorado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O presente estudo teve como objetivo compreender, a partir do relato dos cônjuges, os principais fatores que contribuem para a reconstrução do relacionamento conjugal no recasamento com o ex-cônjuge. Baseou-se, sobretudo, na teoria triangular do amor (Sternberg, 1986) e na teoria do apego (Bowlby, 1988), aplicada a adultos (Johnson 2012b; Weiss 1976). Realizou-se uma pesquisa qualitativa com 12 sujeitos independentes, de camadas médias da população do Rio de Janeiro, heterossexuais, casados com o ex-cônjuge, com filhos em comum. Os dados foram obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas e, para análise dos resultados, utilizou-se o método de análise de conteúdo (Bardin, 2011), em sua vertente categorial. A partir das narrativas, emergiram quatro categorias de análise: *período de separação; valores pessoais; níveis de mudança; e, atributos do amor.* A primeira categoria foi desdobrada em três subcategorias: *valeu a pena, fantasias x realidades e dando um tempo.* A segunda, deu origem a duas: *conceito sobre casamento e crenças religiosas.* A terceira categoria foi desdobrada em duas subcategorias: *expectativas, e atitudes e comportamentos.* A quarta categoria deu origem a três: *intimidade, paixão e decisão/compromisso.* Os resultados sugerem que diferentes fatores, ao longo do tempo, contribuem para a reconstrução destes relacionamentos. O significado das vivências da separação, aliado à interação dos estilos de apego dos ex-cônjuges, reaproxima os ex-parceiros. Os valores pessoais têm um papel consolidador; funciona como parte do alicerce que sustenta a direção escolhida. A maior empatia pelo parceiro e séria disposição para assumir responsabilidades geram mudanças que confirmam o compromisso verdadeiro com a relação. O amor companheiro, reforçado por doação genuína, atua como uma proteção natural ao relacionamento, ao longo do tempo.

Palavras-chave

Recasamento; ex-cônjuge; reconciliação; compromisso; intimidade; amor; casamento; valores; mudanças; separação.

Abstract

Limeira, Maria Ignez Carneiro de Azevedo; Féres-Carneiro, Terezinha (Advisor). **Remarriage with the ex-spouse: a joint reconstruction process of the marital relationship.** Rio de Janeiro, 2018. 123p. Tese de Doutorado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The purpose of the present study was to understand, from the spouse's discourse, the main factors that contribute to the marital relationship reconstruction in the remarriage with the ex-spouse. It was based, mainly, on the triangular theory of love (Sternberg, 1986) and on the attachment theory (Bowlby, 1988), applied to adults (Johnson 2012b; Weiss 1976). A qualitative study was carried out with 12 independent subjects, from the middle strata of Rio de Janeiro population - heterosexuals, married with the ex-spouse, with children in common. The data were obtained through semi-structured interviews and, for the results analysis, the content analysis method (Bardin, 2011) was used, in its categorical aspect. From the narratives, four analysis categories emerged: *separation period*; *personal values*; *levels of change*; and, *attributes of love*. The first category was unfolded in three subcategories: *it was worth it*, *fantasies x realities* and *giving a time*. The second, originate two: *concept about marriage* and *religious beliefs*. The third category was unfolded in two subcategories: *expectations*, and *attitudes and behaviors*. The fourth category originate three: *intimacy*, *passion* and *decision/commitment*. The results suggest that different factors, over time, contribute to the reconstruction of these relationships. The meaning of the separation experiences, coupled with the interaction of the ex-spouses attachment styles, reapproximated the former partners. Personal values have a consolidating role; it works as part of the foundation that underpins the chosen direction. A greater empathy for the partner and a serious willingness to take on responsibility leads to changes that confirm the true commitment to the relationship. The companion love, reinforced by genuine giving, acts as a natural protection to the relationship, over time.

Keywords

Remarriage; ex-spouse; reconciliation; commitment; intimacy; love; marriage; values; changes; separation.

Sumário

1. Introdução	10
2. Separação e recasamento com o ex-cônjuge: redefinindo significados e redescobrimdo vínculos	18
Método	24
Participantes	24
Instrumento	25
Procedimentos	25
Análise dos dados	26
Resultados e Discussão	26
Período de Separação	26
Valeu a pena	27
Fantasias x realidades	30
Dando um tempo	33
Considerações Finais	37
3. Valores pessoais: alicerce do relacionamento no recasamento com o ex-cônjuge	41
Método	47
Participantes	47
Instrumento	48
Procedimentos	48
Análise dos dados	49
Resultados e Discussão	49
Valores Pessoais	50
Conceito sobre casamento	50
Crenças religiosas	54
Considerações Finais	58
4. Reconciliação no recasamento com o ex-cônjuge: mudanças individuais	61
Método	67
Participantes	67

Instrumento	68
Procedimentos	68
Análise dos dados	69
Resultados e Discussão	69
Níveis de Mudança	69
Expectativas	70
Atitudes e comportamentos	72
Considerações Finais	78
5. Atributos do amor no recasamento com o ex-cônjuge: uma reconstrução gratificante	82
Método	88
Participantes	88
Instrumento	89
Procedimentos	89
Análise dos dados	90
Resultados e Discussão	90
Atributos do Amor	90
Intimidade	91
Paixão	94
Decisão/Compromisso	95
Considerações Finais	100
6. Conclusão	103
7. Referências bibliográficas	107
8. Apêndices	121
Roteiro das entrevistas	121
Ficha de dados biográficos	122
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	123

1. Introdução

Existem muitos estudos que objetivam investigar o recasamento com um novo parceiro conjugal e as diversas repercussões deste tipo de união para os indivíduos e suas famílias; entretanto, há pouquíssimas pesquisas a respeito dos processos envolvidos no recasamento com o mesmo cônjuge. Na década de 90, houve alguns estudos (Wineberg, 94, 95, 96, 97, 99) e, muito recentemente, foi publicada uma pesquisa qualitativa sobre as razões pelas quais os casais se reconciliaram, após terem iniciado oficialmente o processo de divórcio (Pearce Plauche, Marks & Hawkins, 2016). Contudo, investigar mais intensamente este fenômeno pode oferecer subsídios importantes à reflexão sobre o que pode ajudar os casais, em geral, a ter um casamento mais recompensador ou, ainda, a evitar uma separação, nos casos em que houver potencial para se viver um relacionamento gratificante.

Adicionalmente, investigações americanas mostraram que algumas pessoas separadas, divorciadas, ou que deram entrada no divórcio, apresentaram dúvidas quanto à decisão pela separação ter sido a melhor opção, e outras teriam interesse em se reconciliar, por acreditarem que a relação poderia ser restaurada, se algumas condições fossem atendidas (Doherty, Harris, & Wickel Didericksen, 2016; Doherty, Willoughby, & Peterson, 2011; Hawkins, Willoughby, & Doherty, 2012). No Brasil, o estudo de Zordan, Wagner e Mosmann (2012) apontou que cerca de 22% dos casais que iniciaram o divórcio judicialmente, abandonaram a ação ou se reconciliaram. Resultados como estes indicam que várias pessoas poderiam se beneficiar de um conhecimento mais aprofundado das diferentes questões envolvidas nos processos de reconstrução do relacionamento conjugal entre ex-cônjuges.

Sabe-se que a separação conjugal é um processo doloroso para a grande maioria das pessoas, principalmente no início, pois é necessário reconstruir a individualidade e desconstruir a identidade conjugal, ao mesmo tempo (Féres-Carneiro, 2003). Alguns cônjuges têm uma grande dificuldade de se separar emocionalmente do outro, mesmo que fiquem fisicamente separados por muitos anos. Para entender as razões pelas quais estes parceiros conjugais apresentam tal dificuldade e são motivados a se reaproximar, uma das opções poderia ser tomar

por base a teoria do apego (Bowlby, 1980, 1988), aplicada à vida adulta (Weiss, 1976), e, uma outra, a teoria da interdependência (Thibaut & Kelley, 1959).

De acordo com Weiss (1976), a dor gerada pela separação indica que o apego se mantém, ainda que outros elementos do amor se alterem, apenas se esvanecendo vagarosamente na medida em que os cônjuges se distanciam. Há diversas pesquisas sobre as reações à separação amorosa associadas aos estilos de apego das pessoas, conforme Ainsworth, Blehar, Waters e Wall (1978). É importante ressaltar que existe uma interação entre os padrões de apego dos dois ex-cônjuges que origina dinâmicas relacionais distintas (Finzi, Cohen, & Ram, 2000), e que várias destas pesquisas relacionam os comportamentos desadaptados à dificuldade de ajuste psicológico com a separação e/ou aos estilos inseguros de apego (Chan & Pfeifer, 2015; Cohen & Finzi-Dottan, 2012; Halford & Sweeper, 2013; Symoens, Bastait, Mortelmans, & Bracke, 2013). Todavia, há autores que argumentam que os desajustes podem ser interpretados como funcionais, mediante o processo de reorganização do vínculo (Bowlby, 1980), o que pode, inclusive, estar relacionado ao estilo seguro de apego (Davis et al., 2003; Lamela, Figueiredo, & Bastos, 2010).

Por outro lado, a teoria da interdependência postula que as pessoas mantêm, ou não, seus relacionamentos ao compararem os resultados de seus investimentos às suas expectativas e a outras opções (Thibaut & Kelley, 1959). Assim, fatores como, a melhoria do relacionamento com a separação, frustrações com outros parceiros amorosos, ou medo de novas perdas podem influenciar o processo (Cohen & Finzi-Dottan, 2012; Dailey, Jin, Pfiester, & Beck, 2011; Dailey, Rossetto, Pfiester, & Surra, 2009). Diante disto, percebe-se que existe uma necessidade de amar e um conceito de amor não focado em objetos; porém, o desejo por alguém, quando se está apaixonado, é focado em um objeto que pode ser substituído, se não atender às expectativas (Lamy, 2016). Na contemporaneidade, muitas pessoas demandam excessivamente do parceiro conjugal, sem interesse em investir na mesma medida (Finkel, Hui, Carswell, & Larson, 2014), e esta falta de compromisso pode levar a divórcios em casamentos com baixo nível de infelicidade, conforme apontou o estudo de Amato e Hohmann-Marriott (2007). Entretanto, vivenciar adversidades depois de uma separação pode produzir uma nova visão sobre o relacionamento e repercutir positivamente sobre a reaproximação dos ex-cônjuges (Dailey et al., 2009; Dailey et al., 2011).

Para que se alcance um entendimento mais completo sobre a decisão pelo recasamento é importante, igualmente, buscar a compreensão a respeito dos valores e crenças dos cônjuges, pois estes influenciam suas escolhas e atitudes (Willoughby, Hall, & Goff, 2015; Willoughby, Hall, & Luczak, 2015; Gomes, Gouveia, da Silva Júnior, Coutinho, & Campos, 2013) e podem motivar a permanência no casamento em tempos de dificuldade (Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt, & Sharlin, 2004). Crenças estão relacionadas ao que uma pessoa assume como verdade (Willoughby, Hall, & Luczak, 2015) e valores se referem a regras profundamente enraizadas, que levam as pessoas a tomar decisões e a se comportar de certa forma por entenderem que é o melhor a se fazer (Barret, 2000).

Gouveia (2003) sugeriu uma classificação de valores que representa o conteúdo das necessidades básicas (Maslow, 1999). Para o autor, os valores possuem duas funções principais - guiar as ações do homem e expressar suas necessidades que, combinadas, geram seis sub-funções: existência, normativa, suprapessoal, realização, experimentação e interacional. Parece existirem, na contemporaneidade, dois conceitos paralelos de família: um ligado a valores tradicionais, geralmente, de pessoas mais velhas, e outro de pessoas mais jovens que não acreditam em relações duradouras (Borges & Magalhães, 2013). No entanto, há uma certa contradição nesta última concepção, na medida em que a geração mais jovem quer ter “asas e raízes”, ilustrando o desafio de equilibrar a liberdade individual com a necessidade de laços conjugais (Borges, Magalhães, & Féres-Carneiro, 2014). Inclusive, os resultados do estudo de Fonseca e Duarte (2014) mostraram que participantes entre 26 e 37 anos tinham a expectativa de que o casamento fosse indissolúvel, apenas rompido em casos extremos.

Percebe-se assim, que conhecer as crenças sobre o relacionamento conjugal é crucial para entender as interações entre os parceiros (Hall, 2006). Segundo este autor, o casamento pode ser conceituado em cinco dimensões de crenças inter-relacionadas e polarizadas. Outra forma de classificação de crenças conjugais é a apresentada por Willoughby, Hall e Luczak (2015) - a teoria do paradigma conjugal. Esta teoria preconiza que tais crenças têm seis dimensões distintas com relação a se casar e a ser casado, mutuamente reforçadoras.

As crenças religiosas têm sido apontadas por diversos autores como relevantes para a manutenção do casamento (Alves-Silva, Scorsolini-Comin, & dos

Santos, 2016; Fonseca & Duarte, 2014; Norgren et al., 2004; Wineberg, 1994). São diversas as dimensões estudadas pelos pesquisadores, relacionadas a tais crenças, e suas repercussões sobre o compromisso com o casamento. A pesquisa de Burdette, Ellison, Sherkat e Gore (2007) sugeriu que uma maior frequência em reuniões religiosas e uma visão literal da Bíblia estão relacionadas a uma menor inclinação para a infidelidade. Segundo Ellison, Wolfinger e Ramos-Wada (2013), atividades devocionais institucionais, ou não, incentivam ideias tradicionais quanto à família. O apoio de uma comunidade religiosa, as práticas regulares e a confiança nas crenças religiosas foram associados ao maior compromisso conjugal por outros pesquisadores (Goodman, Dollahite, Marks, & Layton, 2013; Olson, Marshall, Goddard, & Schramm, 2015; Wilcox & Dew, 2016).

Os resultados do estudo de Ciscon-Evangelista e Menandro (2011) indicaram que, para os casais protestantes, ter uma visão de indissolubilidade do casamento foi importante para que mantivessem a harmonia e resolvessem seus conflitos de forma positiva, já que o divórcio não era uma opção. Esta “ideia poderosa” de casamento vitalício também foi encontrada na investigação de Dollahite, Hawkins e Parr (2012) e isto ajudou os cônjuges a tirar o foco de si próprios, redirecionando-o para o parceiro. Além disto, esta pesquisa apontou que, para os casais religiosos, o casamento é uma instituição sagrada e a união sinérgica de duas pessoas. O estudo de Shichida, Dollahite e Carroll (2015) mostrou que, quando os cônjuges entendem que Deus é uma autoridade moral transcendente, eles O veem como um modelo de comportamento a ser seguido no relacionamento conjugal, bem como alguém com quem se têm uma relação próxima e que vai provê-los daquilo de que precisam.

O processo de reconstrução de um casamento desfeito exige uma boa dose de investimento pessoal dos parceiros. A pesquisa de Pearce Plauche et al., (2016) sugere que, após terem decidido se reconciliar um com o outro, o fato de o ex-cônjuge ter mudado algo importante em prol do relacionamento conjugal fez toda a diferença para o ‘novo’ casamento. O apoio de um parceiro amoroso e receptivo evoca no outro a sensação de segurança, ajudando-o a lidar melhor com as dificuldades (Johnson, 2012a). É muito importante que a amizade e a confiança entre os cônjuges sejam reforçadas, para que embasem as trocas diárias e solução de conflitos que, certamente, virão (Gottman & Gottman, 2017; Gottman & Silver,

2015). É relevante mencionar que a maioria dos conflitos acontece por diferenças fundamentais entre os cônjuges, sobre as quais são necessários diálogo e aceitação (Gottman & Gottman, 2017).

Para que as mudanças sejam bem-sucedidas, podem ser citadas algumas atitudes: maior empatia em relação aos comportamentos do outro, o que facilita a aceitação (Gurman, 2013); o cultivo de atributos relacionais, como, domínio próprio e generosidade, já que as mudanças ocorrem por meio das características individuais (Fowers, 2001); e, enfatizar mais o parceiro do que a si mesmo (Fife, 2015; Knapp, 2015). Assim, na medida em que um cônjuge percebe atributos afetivos e positivos no outro, assim como um maior investimento na relação, maior satisfação e compromisso são gerados (Rauer et al., 2014; (Schoebi, Karney, & Bradbury, 2012; Wallace Goddard, Olson, Galovan, Schramm, & Marshall, 2016).

Para que haja mais contentamento com um relacionamento do qual se tem expectativas amorosas, é necessária uma maior conexão emocional entre os parceiros e, embora uma minoria invista suficientemente nisto, os que o fazem obtêm ótimos benefícios (Finkel et al., 2014). Expectativas adequadas são saudáveis para as relações amorosas, na medida em que motivam respostas mais construtivas (Neff & Morgan, 2014; vanDellen & Campbell, 2014); contudo, se forem insustentáveis, pode ocorrer uma redução no bem-estar do casal (Neff & Geers, 2013). A falta de conexão entre os parceiros gera insegurança, acusações mútuas e distanciamento. Para que se sintam mais seguros e consigam mudar, precisam deixar as emoções reativas e de autoproteção e substituí-las pelas adaptativas e de estímulo ao consolo, que permitem a consciência da verdadeira necessidade e geram ciclos positivos de interação (Johnson, 2012b; Zuccarini, Johnson, Dagleish, & Makinen, 2013). Quando há segurança nos vínculos, os cônjuges se expressam com clareza e gentileza, são mais tolerantes e receptivos, e interpretam o protesto como uma necessidade de maior proximidade, e não como uma ameaça (Johnson, 2012a).

Pesquisas sugerem que a duração da influência do modelo interno de funcionamento (Bowlby, 1980, 1988) é moderada pela qualidade de outros relacionamentos importantes ao longo da vida (Dinero, Conger, Shaver, Widaman, & Larsen-Rife, 2011; Fraley, Roisman, Booth-Laforce, Owen, & Holland, 2013). Assim, as mudanças em direção à segurança do vínculo entre cônjuges refletem

novas memórias e emoções (Burgess Moser et al., 2016). Ainda que os traços de personalidade tenham uma natureza relativamente estável, entende-se que os mesmos podem mudar em função de diferentes experiências, como o casamento, levando a um processo gradual de transformação da identidade (Bersani & Doherty, 2013; Bleidorn, Hopwood, & Lucas, 2018).

Mesmo que as mudanças necessárias ao relacionamento conjugal sejam implementadas, para que o casamento seja gratificante para ambos os parceiros, é importante, ainda, adicionar o ingrediente do amor. A maioria das pessoas precisa de uma relação amorosa de forma que possa compartilhar a vida com alguém íntimo (K. Sternberg, 2014). Uma das teorias que procura compreender as facetas deste sentimento é a teoria triangular do amor de R. J. Sternberg (1986), que postula que o mesmo possui três componentes com diferentes atributos, formando um triângulo: intimidade, paixão e decisão/compromisso.

Dentre outras formas, a intimidade pode ser expressa quando se comunicam os mais profundos sentimentos e se demonstra afeto. A paixão, normalmente, se relaciona à atração física, desejo sexual e romantismo, e o componente decisão/compromisso é fundamental para a manutenção dos casamentos em épocas de crise (R. J. Sternberg, 1986). Para este autor, tanto intimidade quanto decisão/compromisso têm maior importância para se manter relações duráveis; mas a paixão tende a enfraquecer com o tempo. Contudo, isto não significa que é impossível haver paixão em relacionamentos de longa duração, como mostram pesquisas recentes (Acevedo, Aron, Fisher, & Brown, 2012; O'Leary, Acevedo, Aron, Huddy, & Mashek, 2012).

Segundo R. J. Sternberg (1986), o amor pode ser classificado em oito tipos, na medida em que os componentes estão presentes ou combinados: (a) amor ausente; (b) gostar; (c) amor apaixonado; (d) amor vazio; (e) amor romântico; (f) amor companheiro; (g) amor insensato; (h) amor completo. John Lee (1977) e Ellen Berscheid (2010), assim como outros autores, igualmente nomeiam estilos diferentes de amor, sendo alguns coincidentes com os da teoria triangular. A classificação de Lee (1977) estipula seis estilos: (a) *eros*; (b) *ludus*; (c) *storge*; (d) *mania*; (e) *pragma*; (f) *ágape*. Berscheid (2010) menciona quatro tipos de amor: (a) romântico; (b) companheiro; (c) compassivo; (d) de apego adulto.

É importante mencionar que os conceitos de amor companheiro e de compromisso se sobrepõem, na medida em que o compromisso também inclui características afetivas (Fehr, 1988). Outro aspecto que compõe o compromisso é o apoio incondicional mútuo, o que produz um senso de segurança (Beck & Clark, 2010). O estudo das repercussões do amor compassivo sobre as relações amorosas tem identificado a relevância da dimensão do cuidado neste contexto (Clark & Mills, 2012; Feeney & Collins, 2015; Fehr, Harasymchuk, & Sprecher, 2014; Sabey, Rauer, & Haselschwerdt, 2016).

Em meio ao cenário atual, menos conservador, originário de diversas mudanças socioculturais, no qual os casais lidam com o conflito entre o individualismo e a necessidade de se ter um único projeto conjugal (Bauman, 2004; Borges, Magalhães, & Féres-Carneiro, 2014), surge o interesse da pesquisadora pelo tema. Tal interesse é motivado por alguns fatores. Um deles é a prática clínica, na qual a pesquisadora tem se deparado com o sofrimento de algumas pessoas que se separaram e teriam interesse em refazer sua história com o ex-cônjuge, caso houvesse algumas mudanças e acordos entre eles. Além disto, se deve mencionar a sua própria vivência pessoal de um recasamento recompensador com o mesmo cônjuge e, por isto, o desejo de conhecer experiências similares. Desta forma, ao decidir fazer o doutorado, surgiu a ideia de investigar o assunto, sobretudo, por saber que é um fenômeno menos frequente, que tem recebido pouquíssima atenção de pesquisadores, mas que pode ser de utilidade para muitos. O pensamento foi o de que, a compreensão mais abrangente dos motivos que levam alguém a se recasar com o ex-cônjuge, bem como os diferentes processos que tornam e mantêm este relacionamento gratificante, produziria um bom aprendizado a ser utilizado na prática clínica.

Assim, o objetivo geral deste estudo é compreender, a partir do relato dos cônjuges, os principais fatores que contribuem para a reconstrução do relacionamento conjugal no recasamento com o ex-cônjuge. Os resultados são apresentados, nesta tese, em formato de quatro artigos. No primeiro, é abordada a forma pela qual as experiências vividas pelos participantes, durante o período de separação, repercutiram sobre a reaproximação dos ex-cônjuges. No segundo artigo, aprofunda-se o entendimento sobre a decisão de reaproximação, ao se examinar o efeito dos valores pessoais sobre a reconstrução do relacionamento

conjugal. No terceiro trabalho, busca-se compreender como as principais mudanças ocorridas ajudaram a sustentar a retomada da conjugalidade. Finalmente, no quarto artigo, são investigados os atributos do amor, de forma a compreender como contribuíram para a história de reconstrução da nova vida a dois.

2. Separação e recasamento com o ex-cônjuge: redefinindo significados e redescobrimo vínculos

Resumo

O presente estudo, parte de uma investigação mais ampla sobre o recasamento com o ex-cônjuge, tem como objetivo compreender de que maneira as experiências vivenciadas pelos participantes, durante a separação, influenciaram sua reaproximação do ex-cônjuge. Realizou-se uma pesquisa qualitativa, na qual foram entrevistados 12 sujeitos independentes, de camadas médias da população do Rio de Janeiro, heterossexuais, casados com o ex-cônjuge, com filhos em comum. Para análise dos resultados, utilizou-se o método de análise de conteúdo, sendo discutida a categoria *período de separação*, e suas subcategorias: *valeu a pena*, *fantasias x realidades e dando um tempo*. Constatou-se que o significado dado às vivências da separação e os estilos de apego dos ex-cônjuges repercutiram na reorganização dos antigos vínculos, assemelhando-os a novos.

Palavras-chave: recasamento, ex-cônjuge, apego, separação, ideal

Abstract

The present study, part of a larger investigation on remarriage with the ex-spouse, aims to understand how the participants' experiences, during the separation, influenced their rapprochement with ex-spouse. A qualitative study was carried out, in which 12 independent subjects, from Rio de Janeiro's middle classes population, were interviewed, heterosexuals, married to the ex-spouse and with children in common. For the results analysis, the content analysis method was used, and the separation period category and its subcategories were discussed: it was worth it, fantasies x realities and giving a time. Findings indicated that the meaning given to the experiences of separation and the attachment styles of the ex-spouses have repercussions on the old bonds reorganization, resembling them to new ones.

Keywords: remarriage, ex-spouse, attachment, separation, ideal.

A separação conjugal é um processo difícil para a grande maioria das pessoas, mesmo que em medidas diferentes. Reconstruir a individualidade, ao mesmo tempo em que se desconstrói a identidade conjugal, é um processo doloroso, no qual se vive uma liberdade maior misturada ao sentimento de solidão, o que o torna ainda mais complicado no início (Féres-Carneiro, 2003). Por outro lado, viver vários tipos de situações estressantes pode gerar uma nova perspectiva sobre o relacionamento e oportunidades de mudanças deliberadas, repercutindo positivamente sobre a reconciliação (Dailey, Jin, Pfiester, & Beck, 2011; Dailey, Rossetto, Pfiester, & Surra, 2009).

As estatísticas de registro civil do IBGE (2015) mostram dados interessantes, ao se comparar os anos de 2011 e 2015: (a) crescimento de 10% no número de casamentos, incluindo recasamentos; (b) redução de 6% do número de divórcios em primeira instância; e (c) redução da proporção de divórcios sobre casamentos de 27% para 23%. Embora esta proporção signifique que quase um quarto das pessoas que se casam chega a uma separação, observa-se uma tendência de redução do divórcio e de aumento da importância do casamento, confirmando dados sobre sua relevância na sociedade atual, ainda que mais individualista (Costa & Mosmann, 2015; Fonseca & Duarte, 2014; Heckler & Mosmann, 2016).

Investigações, ainda limitadas, sugerem que várias pessoas separadas ou divorciadas gostariam de superar suas dificuldades conjugais, de forma a não viver tal rompimento, definitivamente. Recentemente, verificou-se uma proporção de 6% de reconciliações entre os norte-americanos (Vennum, Lindstrom, Monk, & Adams, 2014). A pesquisa de Doherty, Willoughby e Peterson (2011) identificou que cerca de 10% dos casais e, individualmente, um a cada quatro cônjuges, em processo de divórcio, acreditava que o casamento poderia ser restaurado. Os resultados da investigação de Zordan, Wagner e Mosmann (2012) indicaram que cerca de 22% dos casais que haviam iniciado uma ação judicial de divórcio abandonaram a ação ou se reconciliaram. Ao associar razões do divórcio e receptividade à reconciliação, Hawkins, Willoughby e Doherty (2012) apontaram que “não ter atenção suficiente” aumentou este interesse em 77%. O estudo de Waite, Luo e Lewin (2009) sugeriu redução significativa no nível geral de bem-estar das pessoas que se separaram, e não se recasaram com outro cônjuge, com relação às que continuaram casadas. Se o casamento era considerado infeliz, a

ruptura não reduzia o bem-estar, mas os resultados não eram melhores do que os dos casados.

Achados como estes reforçam a necessidade de pesquisas com foco mais aprofundado nos motivos que levam algumas pessoas a se recasarem com o ex-cônjuge, embora a temática tenha sido insuficientemente explorada. No Brasil, não foi encontrada nenhuma pesquisa que busque as raízes da questão; e, nos Estados Unidos, muito poucas abordam diretamente certas características do tema como, recentemente, a de Pearce Plache, Marks e Hawkins (2016).

Ao se refletir sobre o assunto, em geral, observa-se que uma das vias que pode ser usada para compreender algumas razões pelas quais certas pessoas não se separam emocionalmente, mas apenas fisicamente, é a teoria do apego (Bowlby, 1980, 1988), aplicada à vida adulta (Weiss, 1976). Para tanto, parte-se do princípio de que as crenças internalizadas nas experiências com os primeiros cuidadores criam um modelo interno para se estabelecer e manter os demais vínculos e para lidar com as perdas, inclusive nas relações amorosas (Bowlby, 1988; Hazan & Shaver, 1987). A angústia produzida na separação, em casamentos felizes ou não, sugere que, mesmo que certas experiências alterem outros elementos do amor, o apego permanece; só desaparecendo lentamente em resposta à ausência (Weiss, 1976).

Algumas questões têm sido associadas a um maior apego ao ex-parceiro amoroso; e, dentre elas estão: (a) mais afeto ou amor romântico (Berman, 1985; Chan & Pfeifer, 2015; Dailey et al., 2011; Davis, Shaver, & Vernon, 2003); (b) não querer/não iniciar o rompimento (Berman, 1985; Davis et al., 2003; Doherty et al., 2011; Halford & Sweeper, 2013); (c) maior preocupação com o ex-parceiro e (d) contato conflituoso após a separação (Berman, 1985; Davis et al., 2003; Weiss, 1976). Ressalta-se que há uma interação entre os padrões de apego dos dois ex-cônjuges e que as respectivas combinações produzem dinâmicas relacionais distintas (Finzi, Cohen, & Ram, 2000). Vários estudos têm investigado a associação entre os estilos de apego, conforme descritos por Ainsworth, Blehar, Waters e Wall (1978), e as reações à separação amorosa, como um dos principais fatores que afetam a adaptação neste período. Sob o paradigma de que o apego ao ex-cônjuge reflete um desajuste emocional, muitas destas pesquisas têm focado os comportamentos desadaptados, enfatizando que a maioria deles está ligada à

dificuldade de ajuste psicológico com a separação e/ou aos estilos inseguros de apego (Chan & Pfeifer, 2015; Cohen & Finzi-Dottan, 2012; Halford & Sweeper, 2013; Symoens, Bastaits, Mortelmans, & Bracke, 2013).

Contudo, a suposição generalizada de que o apego emocional entre ex-cônjuges está ligado a uma inadequação tem levado à “patologização” desta interação, que pode ser funcional em alguns casos (Madden-Derdich & Ardini, 1999). Neste sentido, Lamela, Figueiredo e Bastos (2010) postulam que conflitos e desajustes podem ser vistos como resultantes do processo de reorganização do vínculo que, segundo Bowlby (1980), é o último estágio de adaptação à perda da figura de apego e possibilita a continuidade alterada dos laços e o ajuste a novas situações, a partir da reorganização da representação do self e do outro. Segundo os autores, sua postulação contribui para a “despatologização” dos comportamentos após a separação, pois estes passam a ser avaliados como adaptativos ao processo, cuja qualidade depende dos estilos de apego. Baseando-se na mesma ideia, Davis et al. (2003) argumentam que uma pessoa com padrão de apego seguro pode interpretar, por exemplo, que a relação com o ex-cônjuge trouxe aprendizado ou que se sentiu fortalecida com a perda.

Mesmo com estas possibilidades, observa-se que todo o potencial adaptativo à separação, pertencente às pessoas com apego seguro, não tem sido o foco de boa parte das pesquisas sobre o tema. Adultos com estilo seguro estão abertos à interdependência, à proximidade, recebem cuidados ou expressam suas necessidades sem dificuldades, cuidam do parceiro e, geralmente, têm relações longas, confiáveis e amigáveis (Arriaga, Kumashiro, Finkel, VanderDrift, & Luchies, 2014; Finkel & Eastwick, 2015; Hazan & Shaver, 1987; Simpson, 1990). São pessoas otimistas quanto às possibilidades de manter os relacionamentos (Finzi et al., 2000); mas, caso haja ruptura são mais bem-sucedidas em fazê-la amigavelmente, o que resulta em respeito mútuo e vontade de estar junto novamente, seja em uma relação romântica, ou não (Madey & Jilek, 2012). Por terem mais recursos internos adaptativos, usam estratégias adequadas para lidar com a separação e mudam o que for necessário mais facilmente (Davis et al., 2003; Lamela et al., 2010; Madey & Jilek, 2012).

Já os adultos com padrão de apego ansioso/ambivalente têm dúvidas sobre o afeto do parceiro, demandam reciprocidade em seus relacionamentos, tendem a

querer uma espécie de fusão e sentem mais ciúmes e raiva (Finzi et al., 2000; Hazan & Shaver, 1987). Diante de uma separação, têm senso de perda de identidade, maior dificuldade em se adaptar e em ficar só; reagem com raiva; exageram nas tentativas de reconciliação, se comprometendo com assuntos que antes rejeitavam; e possuem mais preocupação com o ex-parceiro, pois, para eles, o divórcio significa não apenas a perda de uma figura de apego, mas, também, dos mecanismos de apoio vinculados a ela (Cohen & Finzi-Dottan, 2012; Davis et al., 2003; Finzi et al., 2000). Pesquisas mostram que altos índices deste estilo predizem apego resistente ao ex-parceiro (Garrido Rojas, Guzmán-González, & Rivera Ottenberger, 2016; Halford & Sweeper, 2013).

Por outro lado, pessoas com um estilo evitativo de apego veem a intimidade como uma ameaça, investem pouco nos relacionamentos, não demonstram empatia ou disponibilidade para cuidar do outro, e têm medo de depender dele (Hazan & Shaver, 1987). Estes adultos tendem a reprimir emoções negativas, a enfatizar a autoconfiança, a manter distância do ex-parceiro, e a não demonstrar interesse em reconciliação (Cohen & Finzi-Dottan, 2012; Davis et al., 2003; Finzi et al., 2000).

Embora a teoria do apego seja abrangente e vários aspectos do tema possam se ligar a ela, este caminho não é o único para entendê-lo. A teoria da interdependência, por exemplo, é um outro caminho e preconiza que as relações são rompidas ou mantidas em função da avaliação dos resultados de seu investimento pessoal, quando comparados às expectativas para tais relações e a outras opções (Thibaut & Kelley, 1959). Assim, outros fatores além do apego podem se combinar e repercutir nesta reaproximação, como exemplo, o fato de a separação ter melhorado o relacionamento e o de não terem sido encontradas melhores opções para uma relação amorosa (Dailey et al., 2011; Dailey et al., 2009). Convém sublinhar que, se existirem questões mal resolvidas entre os ex-cônjuges, a proximidade com outros parceiros pode se tornar mais difícil (Shafer, Jensen, Pace, & Larson, 2013). Além disto, novas relações podem ser vistas como ameaças se evocarem o medo de nova rejeição e, com isto, a perda de outros recursos (Cohen & Finzi-Dottan, 2012). Segundo Schneller e Arditti (2004) e Chan e Pfeifer (2015), esta sensação é menos comum entre pessoas mais jovens (até 35 anos).

Diante da busca da maioria das pessoas por alguém que as complete, Lamy (2016) argumenta que há uma necessidade de amar e uma ideia sobre o amor que

não são focadas em objetos. Em contrapartida, quando se está amando, o desejo, que implica em uma seleção específica de alguém, é focado em um objeto que pode ser substituído, caso não satisfaça a necessidade ou se o conceito sobre o amor mudar. Assim, nos dias de hoje, nota-se que muitas pessoas exigem demais do casamento e do parceiro, mas não estão dispostas a investir, na mesma intensidade, para conquistar aquilo de que precisam (Finkel, Hui, Carswell, & Larson, 2014). O estudo de Amato & Hohmann-Marriott (2007) confirma esta afirmação na medida em que aponta que cerca de metade dos divorciados reportou casamentos com pouca infelicidade, o que sugere o precário compromisso como uma das duas motivações básicas para o divórcio.

Com este panorama, avaliar de que forma certas vivências do período de separação repercutem sobre os ex-cônjuges se torna relevante, pois, além de ter recebido escassa atenção de pesquisadores, permite uma visão mais ampliada sobre o que pode motivar, inicialmente, este tipo de recasamento. Assim, o objetivo deste estudo é compreender de que maneira as experiências vivenciadas pelos participantes, durante o período de separação, influenciaram sua reaproximação do ex-cônjuge.

Método

Participantes

A pesquisa de campo foi realizada com 12 sujeitos independentes, ou seja, membros de casais distintos (seis homens e seis mulheres), pertencentes às camadas médias da população do Rio de Janeiro, heterossexuais, casados com o ex-cônjuge e com, pelo menos, um filho em comum. Não foi exigido um registro civil para o casal ser considerado casado ou separado. Durante o período de separação, os participantes viveram em moradias distintas. A Tabela 1 apresenta uma descrição de seus perfis e a duração de suas transições conjugais.

Tabela 1

Características dos participantes e duração das transições conjugais

Cônjuge	Idade	Escolaridade	Religião	Duração (em anos)		
				Primeiro casamento	Separação	Recasamento até a entrevista
F1	59	Superior	Católica	5	13	18
F2	39	Pós-Graduação	Católica	7	2	3
F3	36	Superior incompleto	Protestante	5	9	8
F4	55	Superior	Nenhuma	17	16	1
F5	45	Superior	Católica	10	1 e meio	8
F6	65	Superior	Budista	11	15	18
M1	55	Pós-Graduação	Protestante	5	1	20
M2	68	Superior	Católica	15	12	22
M3	63	Superior	Protestante	22	4 e meio	16
M4	76	Ensino Médio	Protestante	25	20	6
M5	45	Pós-Graduação	Católica	12	1	2
M6	66	Superior	Católica	7	25	1 e meio

Instrumento

Foram utilizadas entrevistas individuais com roteiro semiestruturado, que foram gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas integralmente. O roteiro foi formulado com base na revisão da literatura sobre o tema e enfocou os seguintes eixos temáticos: significados e expectativas sobre casamento; questões ligadas à parentalidade e influência dos filhos na separação e no recasamento; acontecimentos com maiores repercussões para a separação; diferenças e semelhanças entre o recasamento e o primeiro casamento; experiências e atitudes após a separação quanto a trabalho, finanças, relacionamentos, dentre outros; perdas e ganhos com a separação e o recasamento.

Procedimentos

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética (Parecer nº 2016-27) da instituição onde foi desenvolvido. A indicação de participantes ocorreu por meio da rede de relacionamento da pesquisadora, constituindo uma amostra de conveniência. As entrevistas tiveram a duração de uma a duas horas e o local, data e horário foram agendados de acordo com a disponibilidade dos participantes.

Todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando a divulgação dos resultados em ensino, pesquisa e publicação, e foram informados de que a sua identidade e a de seus familiares seriam resguardadas.

Análise dos dados

Para análise dos dados obtidos nas entrevistas, foi utilizado o método de análise de conteúdo, na sua vertente categorial, como proposto por Bardin (2011). O método permite a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção das mensagens, ou seja, conhecer aquilo que está por trás das palavras. Sua base reside na articulação entre a descrição e análise dos textos e os fatores que determinaram estas características, deduzidos através da lógica. Ao se realizar a leitura, os relatos considerados relevantes ao encaminhamento das discussões foram agrupados por similaridade de significado e relacionados, entre si, até que as categorias temáticas emergissem das falas.

Resultados e Discussão

O presente estudo apresenta parte dos resultados de uma pesquisa mais abrangente que buscou compreender, a partir do relato dos participantes, os principais fatores que contribuem para a reconstrução do relacionamento conjugal no recasamento com o ex-cônjuge. Para a apresentação dos resultados, os participantes serão nomeados como F (feminino) e M (masculino) e numerados de 1 a 6, tendo sua idade indicada.

Um dos pontos observados foi o de que todos os entrevistados vivenciaram, durante o tempo em que estiveram separados, determinadas situações e sentimentos de apego que os fizeram avaliar esse período como crucial para a retomada do relacionamento. Assim, para atingir os objetivos deste estudo, ou seja, compreender de que maneira as experiências vivenciadas pelos participantes, durante a separação, influenciaram sua reaproximação do ex-cônjuge, será discutida a categoria *período de separação*, desdobrada em três subcategorias.

Período de Separação

O período de separação conjugal gera perdas para casais e famílias, mas pode, também, ser um tempo para profunda reflexão e análise de vários aspectos do relacionamento, visando a entender melhor o que ocorreu, assumir as próprias responsabilidades e buscar mudanças. Tomando por base este entendimento, nesta

categoria, discute-se o que se percebeu de significados mais relevantes para a reaproximação dos participantes de seu ex-cônjuge, a partir das situações e sentimentos vivenciados, durante o período de separação.

Dentre as vivências mencionadas, os entrevistados apontaram as seguintes questões como bastante importantes para suas histórias de reaproximação, que serão abordadas em seguida: o sentimento de que foi fundamental ter passado pela separação, as decepções amorosas com outros parceiros, e a dificuldade em se desvincular emocionalmente do ex-cônjuge. A categoria *período de separação* foi, assim, desdobrada em subcategorias: *valeu a pena*, *fantasias x realidades*, e *dando um tempo*.

Valeu a pena

As circunstâncias que culminaram com a separação dos participantes de seus cônjuges, bem como as situações vividas por eles durante o período em que estiveram separados, foram de diversas naturezas. Alguns se separaram por adultério, outros por vícios ou por incompatibilidade no cotidiano, dentre outras razões. Durante a separação, houve dificuldades financeiras, problemas com os filhos, e muitas distintas questões. No entanto, para todos eles, independentemente dos tipos de situações vivenciadas, tê-las vivido, ‘valeu a pena’ para que pudessem se redescobrir e reconstruir suas vidas.

Inclusive tudo o que eu sofri, valeu a pena [...] por ter essa consequência, entendeu? Se eu não tivesse rompido a relação, talvez ela estivesse esgarçada, talvez ela tivesse sobrevivido, mas de uma forma é... ruim, desgastada, entendeu? Talvez a gente se apegasse aos defeitos só, um do outro, e a coisa... E dessa maneira, não. A gente preservou o sentimento pelo outro, a ponto de reatar (M6, 66 anos).

Ela [a filha] disse [ao pai]: ‘você não ama ninguém, você ama a bebida’. Foi um caos. Eu fiquei assustada, mas eu falei, tem que ser assim mesmo pra... tinha que ser feito pra ela, tinha que ser feito pra mim, tinha que ser feito pra ele. Os três tinham que passar por isso. Não sei se a forma tinha que ser esta... E foi de lá pra cá que eles começaram a ajeitar a forma de viver (F4, 55 anos).

Tem certas coisas na vida que são inevitáveis. Dolorosas, às vezes, mas inevitáveis. Você tem que passar por isso (F6, 65 anos).

[Ela] Vamos reconstruir, mas eu estou ferida, ainda dói. Aí, eu falei assim: então a gente vai ter que curar junto porque a tua ferida foi provocada por mim através da minha atitude e as que eu tenho foram provocadas por mim, também (M2, 68 anos).

A partir das narrativas, percebe-se que os entrevistados estão certos de que foi imprescindível ter passado por experiências dolorosas para que seus casamentos tivessem uma chance de se modificar e voltar a ser gratificante, mantendo-se sentimentos de amor, respeito e compreensão mútua. Apesar de ter havido redução no bem-estar da família, como postula Waite et al. (2009), para eles, a ruptura viabilizou um recomeço sobre novas bases. Os dados sugerem que houve uma percepção de que todo o sofrimento vivenciado transformou positivamente os ex-cônjuges de tal forma, que os ganhos pelo recasamento recompensaram o esforço de superar os traumas e problemas, juntos, novamente (Thibaut & Kelley, 1959). Assim, percebe-se que a ruptura não significou o término da interdependência, e sim a redefinição da forma de se relacionar, visando a uma maior satisfação (Dailey et al., 2009).

De forma geral, as falas sugerem que os participantes se tornaram mais fortes com o aprendizado adquirido por meio do enfrentamento da dor e do sofrimento (Pearce Plauche et al., 2016). Os entrevistados deixaram claro que ter vivido um período de separação trouxe avaliação consciente do que desejavam em uma relação conjugal e os levou a tomar melhores decisões e a mudar comportamentos, pois o foco de suas reflexões esteve no processo de interpretação das questões do relacionamento que havia acabado e não nas perdas, como preconizado por Schneller e Arditti (2004). O participante M2, inclusive, é um dos que assume para si a responsabilidade pela separação e se dispõe claramente a enfrentar, junto com o cônjuge, as dificuldades e feridas causadas pelo que viveram no período de separação e, desta maneira, reconstruir a relação. Tal gesto de apoio trouxe segurança, reaproximou os ex-cônjuges e reforçou os laços entre eles (Pearce Plauche et al., 2016).

Assim, os resultados indicam que vivenciar diferentes estresses e frustrações durante o tempo de separação pode proporcionar uma boa possibilidade de

retomada do recasamento com o ex-cônjuge, desde que se perceba que há grandes chances de se recuperar satisfatoriamente o investimento emocional feito naquela relação (Dailey et al., 2011). Como apoio a este processo de reconstrução, vários entrevistados se utilizaram de psicoterapia.

Eu fiz muitas terapias. Logo que eu separei, eu comecei a fazer uma psicoterapia freudiana mesmo, né, com psicanalista. Eu fiz um... bom tempo. Depois eu fiz Lacan. Depois eu fiz umas alternativas, assim, bio..., nem lembro mais o nome (F1, 59 anos).

Depois, com o divórcio, eu tive que, iniciar um trabalho de... na verdade de... um trabalho de psicologia, né? Ou de... de psicanálise pra entender, tentar entender, algumas razões pelas quais isso tudo acabou ocorrendo (M5, 45 anos).

Era impossível continuar levando aquele desgaste e aquela forma de vida sem, sem uma quebra. [...] ele falou que estava fazendo autorreflexão. Eu também tive que fazer isso. [...] mas eu já fazia terapia; então, eu acho que eu já, já fazia mais esse exercício. [...] nessa hora eu senti que ele tinha, de verdade, parado pra fazer alguma autocrítica do papel dele naquele casamento. Acho que, a partir daí, ele abriu mais pra construir essa volta (F5, 45 anos).

Dois terços dos participantes buscaram, em terapia, uma ajuda especializada com o objetivo de, sobretudo, entender o que não funcionou bem no casamento para que uma futura relação viesse a ser mais gratificante e trouxesse mais sentido à vida a dois. Metade deles havia se separado, principalmente, por “falta de atenção” e não foram identificadas, neste estudo, incompatibilidades básicas entre eles e seus ex-cônjuges. Estes dados sugerem que muitos casais se beneficiariam de um espaço terapêutico para refletir sobre suas dificuldades e reconsiderar suas trajetórias, avaliando, inclusive, a retomada do casamento como uma das possibilidades, caso acreditassem que conseguiriam superar seus problemas (Doherty et al. 2011; Hawkins et al., 2012; Zordan et al., 2012).

Deste modo, os resultados indicam que avaliar toda a história vivida durante o período de separação, composta de fatos de maior ou menor gravidade, é uma

preciosa oportunidade para amadurecimento. Além disto, mostram que tal amadurecimento possui um papel relevante na reaproximação dos ex-cônjuges.

Fantasia x realidades

As pessoas geralmente fazem um balanço entre futuras possibilidades e o que tinham anteriormente em seus casamentos, ao passarem por diferentes experiências na separação. Ao serem indagados se houve ganhos com isto, todos os participantes relataram que o período foi bastante útil para, a partir de outras relações amorosas, entrarem em uma jornada de autoconhecimento e revisarem suas fantasias sobre como seria a vida com outras pessoas.

Então era como se eu buscasse, assim, o tempo todo, assim, o príncipe encantado, né? Alguém que me... aquele ideal, né? [...] eu queria encontrar o meu príncipe encantado, maravilhoso, ótimo, lindo. [Entrevistadora] ‘Achou?’ Não, lógico que não! Eu não ia achar nunca, entendeu? Eu já tinha, né? A diferença é a forma de você ver, a forma de você encarar as... eu ia falar as imitações, mas não, são limitações, as características do outro que não te agradam tanto, né? Você não vai mudar o outro. Você muda a forma de ver. Você fica mais tolerante, né? (F1, 59 anos).

Fiquei dois anos separada, conheci muitos homens que não valeram a pena, isso me deixava querendo recuar. Tudo aquilo que eu te falei que eu gostava no F. eu não encontrava em ninguém, absolutamente ninguém. Vivi uma relação e me apaixonei, mas era uma relação, assim, superficial, mais, mais físico mesmo, eu nunca tive interesse de ter nada com o cara (F2, 39 anos).

Rodei muito.... Fiz aferição de taxímetro e nada... O mercado... [sinal de ruim com o polegar]. Nada melhor do que uma amizade. Não tem mais!!!! O que você quer? [...]. Não sou gatinha, não sou gostosa, não sou rica, não tenho intenção de nada disso a não ser viver em paz [...]. É o que você valoriza, seus filhos, seus netos, sua casa. E é verdade! [...] Estou super bem! Muito realizada hoje (F4, 55 anos).

Um ponto que chama a atenção no relato de F1 foi o lapso ocorrido quando a participante argumenta que ia falar ‘imitações’, mas queria falar ‘limitações’, sugerindo uma substituição da ideia consciente por uma incursão não controlada, carregada de sentido, que quebrou sua defesa inesperadamente (Bardin, 2011). A

partir disto, depreende-se que houve um certo desapontamento quanto ao que ela pensava que poderia ter de opções para um novo parceiro, como se os homens fossem todos iguais - ‘as imitações’; ou, como se diz, popularmente, seria “trocar seis por meia dúzia”.

As três falas evidenciam a ligação entre a decepção diante da constatação de não haver um modelo ideal, ou príncipe encantado, para suas relações amorosas e a reavaliação do que se pode esperar para estes relacionamentos (Schneller & Arditti, 2004). Isto sugere que ter uma experiência real, com o que se pensava antes ser melhor, pode mudar a perspectiva das pessoas em relação a estas possíveis alternativas ‘encantadas’, corroborando o estudo de Dailey et al. (2009).

Mesmo quando houve afeto por outros parceiros neste período, os participantes se decepcionaram com o que viveram.

Eu comecei a ter um certo envolvimento com esse meu ex-namorado, que era uma paixão reprimida que eu tive [...] o cara já tinha 30 anos; podia ter evoluído um pouquinho. Não... Tava com aquela cabecinha de 15 anos. Sabe, aquela coisa? Um homem besta, sem conteúdo, não gostei. Aí eu falei: não, esse cara é bom, assim, pra dar uns beijos, uns amassos, mas só pra isso. Porque na realidade o que eu tinha de ideal, de expectativa de família era com o G. (F3, 36 anos).

Esse relacionamento que eu tive lá também foi, foi o divisor de águas na balança, entendeu? O que eu tinha antes [...] tinha a minha esposa, que gostava de mim, tinha minha filha, pô, tinha as brincadeiras em casa, tinha carinho, tinha... a gente ia pra igreja, tinha uma série de coisas. Já com essa outra pessoa não, essa outra pessoa era totalmente diferente. E além dos problemas com, com a mãe, ciúmes, com o pai.... Dessa vez, como eu já tinha tido essa experiência fora e não tinha gostado de nada, então, eu passei a valorizar muito o que eu tinha antes (M1, 55 anos).

A necessidade dos entrevistados de encontrar um parceiro amoroso que os ajudasse a enriquecer suas vidas emocionalmente, não tendo apenas relacionamentos fugazes, mostra a importância-chave de se ter alguém que proporcione tal experiência para uma boa adaptação ao divórcio. Isto evidencia que ter relações amorosas continua a ser central para a identidade das pessoas (Symoens et al., 2013; Symoens, Colman, & Bracke, 2014). Contudo, os participantes não

tiveram sucesso nos relacionamentos com novos parceiros. Tal fato trouxe à tona as memórias boas que tinham do casamento, sugerindo que, na medida em que se percebe que as alternativas não são o que se esperava, o relacionamento anterior passa a ser visto de outra forma – como mais atraente ou valorizado (Dailey et al., 2009; Thibaut & Kelley, 1959).

As narrativas apontam para a falta que os entrevistados sentiam, não apenas dos ex-cônjuges, mas do que eles representavam de seus ideais de família. Isto sugere que as múltiplas perdas - unidade da família, segurança, amigos, dentre outras, podem continuar a ter importância e influenciar as respostas a novas relações, na medida em que entram na balança de comparação com estas alternativas (Cohen & Finzi-Dottan, 2012; Dailey et al., 2011; Schneller & Arditti, 2004). A busca fantasiosa por amar em si mesmo, igualmente, aparece nos relatos, gerando frustração.

Você não encontra aquele monte de gente incrível, que você poderia encontrar imediatamente na fantasia. Eu não encontrei ninguém, assim, que fosse importante, né? Saí pra lá, pra cá, encontrei uma pessoa ou outra, mas nada de importante que me fizesse, de verdade, feliz com alguma outra relação (F5, 45 anos).

Ele também teve namoradas, mas nunca chegou a consolidar uma relação, né? Acho que isso também facilitou a volta, né? [...]. Eu tive várias paixões, muitas paixões. Aí também você se apaixona pelo seu sentimento, né, na realidade. Porque assim, se eu pegar os relacionamentos que eu tive neste período, assim, só foi piorando. [...]. Sabe aquele que você não quer nem lembrar? [...]. Isso contribuiu também para a volta, né? Porque vai piorando, aí quando você abre o olho... [...] e diz assim: o que é isso, meu Deus do céu? Tchau! (F1, 59 anos).

As falas indicam que existe uma procura angustiante por um algo mais nos relacionamentos, a ponto de fazer a pessoa se ‘apaixonar pelo seu sentimento’, como se houvesse alguém imaginário, que apenas ainda não havia sido descoberto, que faria com que o outro fosse ‘de verdade’ feliz. Percebe-se que as entrevistadas estão em busca, primariamente, do amor e, secundariamente, de um parceiro específico com uma imagem compatível com o script de amor em suas memórias, que seja capaz de reativá-lo (Lamy, 2016). Entretanto, as experiências narradas

sugerem que estas pessoas começaram a entender o valor de se estabelecerem expectativas saudáveis, mas realistas, para suas relações; e tal atitude é importante para que haja maior compromisso nos casamentos (Amato, 2007).

Os relatos de todos os participantes, e não apenas os dos mais velhos, denotam pessimismo e insegurança sobre outros parceiros, devido às variadas decepções durante o período de separação. É importante notar que mais da metade dos entrevistados deste estudo se separaram com idades entre 27 e 35 anos e, neste ponto, os resultados não estão completamente alinhados aos de Schneller e Arditti (2004) e de Chan e Pfeifer (2015). No presente trabalho, notou-se que quando as pessoas têm experiências negativas com outros parceiros, o fato de serem mais jovens não necessariamente as influencia a ter uma visão mais otimista sobre tais relacionamentos por possuírem mais tempo e oportunidades para investir.

No geral, os dados indicam que os significados atribuídos às vivências amorosas do período de separação podem repercutir sobre a perspectiva ilusória que se tinha antes destes relacionamentos, bem como sobre a revalorização da relação com o ex-cônjuge. Assim, retomando os conceitos da teoria da interdependência (Thibaut & Kelley, 1959), observa-se que a comparação de alternativas ao relacionamento com o ex-cônjuge pode influenciar na retomada do casamento, na medida em que se percebe que, mesmo que não seja perfeita, a relação com o ex-cônjuge é uma melhor opção para seu ideal de família.

Dando um tempo

Muitas pessoas encontram dificuldade em abrir mão de suas histórias anteriores, como casal. Neste estudo, todos os participantes, à exceção de um, relataram situações que apontam para a continuidade de fortes laços afetivos com os ex-cônjuges. Vários deles disseram que viam a separação como algo temporário, mesmo que tenham ficado 1 ou 25 anos separados.

Assim, estávamos separados, mas, assim, eu [ênfase] não estava separado na minha cabeça. Eu estava indo lá, eu estava dando um tempo (M2, 68 anos).

É... eu, na verdade, eu nunca quis me divorciar. A verdade é essa. Nunca! Eu sempre falei isso pra todo mundo (M5, 45 anos).

Eu acho que é muito difícil você se separar quando você ainda tem um sentimento pela pessoa [...]. E começou um afastamento e tal. Mas no início era muito medo, ao mesmo tempo, de perder a pessoa de vez [...]. Então, aquela coisa, assim, em vez de falar na palavra separação, é falar em dar um tempo. É tentar segurar um pouquinho ainda (F5, 45 anos).

Mas eu nunca quis..., eu acho que nesses 25 anos, eu nunca deixei de pensar na L., apesar de ter tido outros relacionamentos. Ela também teve os relacionamentos dela, mas eu sempre gostei muito dela (M6, 66 anos).

As falas indicam que os participantes acreditavam que existia chance para que seus relacionamentos fossem restaurados, não havendo necessidade de uma separação definitiva (Doherty et al., 2011). Os entrevistados mostram que não queriam o rompimento e que isto aconteceu devido à iniciativa do parceiro, apontando para apego ao ex-cônjuge (Berman, 1985; Davis et al., 2003; Halford & Sweeper, 2013). Percebe-se nestas pessoas o sentimento de falta de controle sobre a situação, típico de quem não iniciou a separação, na medida em que davam às suas atitudes e reações o significado de ‘dar um tempo’, na tentativa de aplacar o medo de perder o parceiro para sempre, o que complementa o estudo de Chan e Pfeifer (2015). Neste sentido, os dados sugerem que não ter tido a iniciativa pelo rompimento ameaçou diretamente os laços de apego destas pessoas e disparou fortes desejos de reconciliação (Doherty et al., 2011).

Observa-se, ainda, a manutenção de afeto e crenças românticas pelo ex-cônjuge, tal como acreditar que ele é seu verdadeiro amor, mesmo que ambos tenham se envolvido com outras pessoas (Berman, 1985; Chan & Pfeifer, 2015; Dailey et al., 2011; Davis et al., 2003). Os resultados ilustram, ainda, a forte associação entre envolvimento emocional e o fato de não ter dado início ao processo de rompimento do relacionamento, confirmando os resultados de outras investigações que apontam para apego entre ex-cônjuges (Berman, 1985; Davis et al., 2003).

Algumas falas assinalam que a ambiguidade e a negação estiveram relacionadas ao não rompimento do vínculo com o ex-cônjuge.

O F. nunca desistiu de mim, sofreu igual um louco [...]. Porque todo final de semana, toda semana, era me ligando, chorando, cho-rando. Um homem de quase 2 metros, parece um Hulk, forte, batia na minha porta, ele

prometia pra mim que não ia chorar, que ia ser forte, [...]. Quando me via, chorava. E esse idiota, desse jeito, conseguia me mobilizar. E por mais que eu não estivesse nem aí (era até aquela época que eu estava apaixonada por aquele cara), quando eu via ele chorando, mal por mim, eu ficava mexida (F2, 39 anos).

[Ele] Eu já estou rodeando você já tem um tempo e até agora você não diz se quer voltar comigo. Aí eu pensei: que afronta é essa, hein? Aí, olhei pra ele e disse assim: olha, eu sempre soube o que eu queria da minha vida, que era continuar casada [...]. Quem não sabe o que quer da vida é você [...]. E ali eu dei um basta, sabe? Não, eu não ia deixar ele fazer isso comigo. Porque no fundo eu tinha uma dependência emocional muito grande dele. Só que eu não queria voltar (F3, 36 anos).

Dez anos depois que eu fui tirar o sobrenome. [...] Eu mantive o meu sobrenome de casada. Aí, logo depois que eu tirei o sobrenome, a gente voltou. [...] Mas aí, eu coloquei no convite de casamento, e eu já era o nome de solteira, [...] o meu nome de casada... Então, assim, era como se fosse um desejo muito interno meu de voltar e de reatar e de resgatar mesmo, [...] o que foi perdido, né? (F6, 65 anos).

Estas entrevistadas não tinham intenção racional de reatar; e, inclusive, a decisão pela separação foi delas, devido a abusos e adultérios. Contudo, os relatos sugerem que elas ainda se sentiam atraídas pelos ex-parceiros e se mantiveram conectadas, mesmo sentindo raiva deles, paixão por outra pessoa, ou depois de 10 anos de separação. As falas de F2 e F3 mostram que os ex-cônjuges enfraqueciam sua decisão de manter o rompimento, mesmo sem que os admirassem ou respeitassem, gerando sentimentos ambivalentes de desejo pela reconciliação e raiva do outro pela separação, o que ocasionou conflitos, mas, em paralelo, caracterizou a continuidade do apego, como postulado por Weiss (1976).

O relacionamento de F2 foi marcado por sérios problemas antes e depois da separação. Apesar disto, nota-se que o fato de ver o ex-cônjuge chorando, porque queria reatar o casamento, ‘mexe’ com ela, fazendo-a sentir uma grande preocupação com ele. A narrativa de F3 exemplifica um tipo de conflito com maior hostilidade, no qual ela se sente muito ofendida ao ser pressionada pelo ex-cônjuge a reatar, pois percebeu que tem grande ‘dependência emocional’ dele e interpretou

que ele não conhecia sua real intimidade. Estes dados indicam que os conflitos pós-separação estão associados, muitas vezes, à preocupação com o ex-parceiro e/ou ao afeto (Berman, 1985; Davis et al., 2003).

Já F6 só conseguiu retirar o sobrenome do ex-marido, depois de dez anos de separada e, ainda assim, o recolocou no convite do recasamento. Ao explicar esta questão durante a entrevista, verbaliza: ‘e eu já era o nome de solteira’, ao invés de dizer: ‘e eu já estava com o nome de solteira’. A atitude prática de negação do ‘que foi perdido’ mostra o ‘desejo de resgatá-lo’ e ilustra a ligação do forte envolvimento emocional ao senso de perda de identidade, característico de apego ambivalente, segundo Davis et al. (2003).

Outros relatos estão ligados à questão de cuidar um do outro, o que, normalmente, deixa de acontecer quando as pessoas se separam, mas continuou a ocorrer com estas pessoas.

Ele sempre foi muito cuidadoso, muito paternal, muito! Comigo e com ela [a filha]. E eu sempre me apoiei nele esses anos todos. No início eu não fazia muito, mas depois, você vai relaxando. Até que rolou a volta, [risos] 13 anos depois (F1, 59 anos).

Sempre fui amigo da C. Eu trocava o carro da C. de 2 em 2 anos. [...] Não tô preocupado se o Ricardão vai usufruir ou não. [...] é um direito dela, ué! Ela é uma mulher livre. Quem fez a m. fui eu. [...] a minha visão era que eu tinha que trocar de carro pra dar conforto pra ela [...] Não fui daqueles que ... ‘vamos separar as coisas’ [...] Não teve essa de vender apartamento ou dividir as coisas. As contas bancárias continuaram conjuntas, o apartamento ficou no nome meu e no dela. O consultório que eu tinha era no meu nome e no dela, entendeu? (M3, 63 anos).

O pior é quando você tem essas crises de coluna, fica entrevado, e não sabe o que vai fazer. Ele ligava pra mim e eu tinha que arrambar a casa dele pra entrar com o SAMU porque ele ficava entrevado no chão. Caia (conseguia cair com o celular na mão), me ligava e... como eu ia entrar? (F4, 55 anos).

E assim, toda vez que meu marido ficava doente, meu ex-marido, né, eu tava sempre... eu socorria, eu ia ver. Quando eu ficava mal, eu ligava pra ele, pra ele me... sabe? Me socorrer. Então, na verdade, nunca houve uma

quebra, não houve uma quebra direto e tal. Primeiro, a amizade continuou, até por conta dos filhos, né? (F6, 65 anos).

Alguns entrevistados tiveram reações de se apoiar nos cuidados recebidos do ex-cônjuge, de cuidar dele, ou protegê-lo de ameaças potenciais, o que indica apego e forte compromisso em manter uma boa relação no futuro (Finkel & Eastwick, 2015). F1, inclusive, associa o cônjuge à figura paterna. As narrativas indicam que estes participantes mantinham com os ex-cônjuges, durante a separação, sentimentos e atitudes ligados ao apego seguro, tais como satisfação, assumir responsabilidades, confiança e proximidade (Hazan & Shaver, 1987; Simpson, 1990). Os dados apontam para o uso de um modelo mental positivo diante da maneira bem-sucedida como os entrevistados reorganizaram os vínculos e lidaram com as angústias da separação, se utilizando, até mesmo, do ex-cônjuge como um apoio para si, ou vice-versa, confirmando a caracterização destas pessoas como possuidoras do estilo seguro de apego (Ainsworth et al., 1978; Davis et al., 2003; Lamela et al., 2010). Tal estilo parece ter facilitado o rompimento destes relacionamentos sem rancor ou repulsa, o que possibilitou a existência de relações amigáveis após a separação, conforme postulações de Madey e Jilek (2012), indicando a influência das mesmas sobre a retomada do casamento.

A partir das narrativas, percebe-se que havia laços emocionais mútuos não desfeitos entre os participantes e seus ex-cônjuges, na medida em que nenhum dos dois estabeleceu limites claros para o rompimento, o que contribuiu para que o vínculo conjugal não fosse quebrado definitivamente. Assim, os resultados sugerem que a separação dos entrevistados foi vivenciada como temporária, pois os comportamentos à época demonstraram o objetivo de não permitir que a ruptura se consolidasse, ao reterem a atenção da figura de apego de maneira adaptativa, para que pudessem reorganizar a experiência (Lamela et al., 2010).

Considerações Finais

Os resultados deste estudo sugerem que a reaproximação amorosa entre ex-cônjuges está associada ao significado das diversas situações vividas durante o período de separação, aliado a dinâmica resultante da interação entre aqueles que têm apego seguro e ansioso-ambivalente e o estilo de apego de seus ex-parceiros. Ao se analisar o conceito de reorganização do vínculo, percebeu-se que seria possível tomá-lo emprestado para compreender tal reaproximação, visto que há

várias perdas com o processo de separação – sonhos, ideais, expectativas, bens, relações próximas - ainda que se decida retomar o casamento posteriormente. Neste sentido, os dados indicam que ocorrem várias reorganizações internas e mudanças adaptativas, a partir da significação das vivências da separação, a ponto de dar a entender que o recasamento com o ex-cônjuge parecia um casamento com uma nova pessoa.

As narrativas mostram que o amadurecimento emocional, como consequência destas experiências, faz com que muitas pessoas se sintam mais fortes e orgulhosas de si mesmas. Assim, conseguem usar seus recursos internos e externos em prol da reconstrução do relacionamento, sugerindo que estas pessoas veem a separação como mais recompensadora do que causadora de sofrimentos irreversíveis. Ou seja, as pessoas amadurecem quando interpretam de maneira construtiva tudo o que viveram com a separação - e não como uma fonte de ressentimentos – o que possibilita a criação de condições para reavaliação e revalorização da relação com o ex-cônjuge. As falas ilustram que isto ocorre, principalmente, quando se percebe que as alternativas não são melhores diante do potencial da relação com o ex-cônjuge. Neste sentido, as pessoas aprendem que expectativas são saudáveis, mas dentro de um nível de realidade, de maneira que os parceiros não precisem ficar em suas eternas buscas por princesas e príncipes encantados inexistentes.

Adicionalmente, os resultados indicam que o apego seguro está relacionado parcialmente ao processo de reaproximação, pois metade dos participantes apresentou sentimentos e/ou comportamentos que evidenciam a presença deste estilo, tais como, otimismo, assumir responsabilidades pelos erros, confiar no outro, se sentir confortável com a proximidade do ex-parceiro, cuidar e se deixar ser cuidado por ele, relação de respeito e compromisso. Identificou-se, ainda, que o estilo ansioso-ambivalente também influencia este processo, na medida em que gera um certo domínio psicológico do outro sobre si, que se reflete em sentimentos como, ambiguidade e perda de identidade.

Assim, a separação pode oportunizar um novo começo se as pessoas a virem como ponto de partida para a redefinição de seus relacionamentos, de forma a valorizar o que existia de bom e reajustar aquilo que trazia sérios desgastes. A construção anterior deve ser destruída, ou bastante remodelada, para que algo

edificado em seu lugar seja visto como novo. No caso de relacionamentos, isto significa, ter novas perspectivas sobre como lidar com sua própria realidade e a do outro, e fazer as mudanças que forem possíveis e importantes para a reconstrução. Os relatos indicam que, para que tal transformação ocorra, será demandada uma boa dose de investimento de ambas as partes. Portanto, não se deve ter ilusões de que não haverá mais problemas e, sim, um compromisso de lidar com as questões do casamento com um novo modelo mental.

Este estudo manteve o foco na perspectiva de que as pessoas têm capacidades que podem ser ativadas para reconstruir seus relacionamentos com os pares que escolheram para selar um compromisso de casamento, caso se decidam por isso. Desta forma, fornece ferramentas e subsídios à reflexão, que podem ser usados na clínica para o cuidado com pessoas separadas, mas receptivas à reconciliação, por meio da maior compreensão da dinâmica dos processos que promovem a reaproximação entre os ex-cônjuges. Enquanto casados, a terapia de casal poderia se apresentar como uma alternativa, visando a delimitar as individualidades e a reestruturação do casal, evitando, possivelmente, a separação.

Esta investigação tem algumas limitações. Seria desejável ter ampliado a duração mínima para o período de separação e o tempo de recasamento, buscando uma maior homogeneização do grupo de participantes. Todavia, o fato de o recasamento com o mesmo cônjuge ser um fenômeno pouco frequente não possibilitou a aplicação deste critério. Além disto, por se tratar de uma temática com escassa literatura específica, na discussão dos dados obtidos neste estudo, foi necessário incluir trabalhos sobre relações amorosas em geral, e não apenas sobre recasamento.

Por outro lado, o caráter exploratório do estudo deixa espaço para vários outros. Um ponto que chama a atenção é que em 80% destes casais, os dois cônjuges, ou pelo menos um deles, tinham entre 15 e 20 anos de idade quando começaram a namorar e, em mais de 50% deles, um foi o primeiro amor do outro. Uma possibilidade seria compreender melhor como a interação entre os estilos de apego dos membros do casal influencia a retomada do casamento, pois apenas um dos cônjuges de cada casal participou desta pesquisa. Outra boa opção seria avaliar se os laços emocionais mantidos entre os ex-cônjuges dificultaram a aproximação

de outros parceiros. Ou ainda, se as diferenças de gênero exercem alguma influência sobre os fatores que repercutiram na reaproximação.

3. Valores pessoais: alicerce do relacionamento no recasamento com o ex-cônjuge

Resumo

O presente estudo, parte de uma investigação mais ampla sobre o recasamento com o ex-cônjuge, tem como objetivo examinar os efeitos dos valores pessoais na reconstrução do relacionamento conjugal com o ex-cônjuge. Realizou-se uma pesquisa qualitativa, na qual foram entrevistados 12 sujeitos independentes, de camadas médias da população do Rio de Janeiro, heterossexuais, casados com o ex-cônjuge, com filhos em comum. Para análise dos resultados utilizou-se o método de análise de conteúdo, sendo discutida a categoria *valores pessoais* e suas subcategorias: *conceito sobre casamento e crenças religiosas*. Constatou-se que os valores pessoais fazem parte do alicerce que sustenta a direção escolhida para a reconstrução destes relacionamentos. Ao trilharem os caminhos que decidiram tomar em suas vidas conjugais, os parceiros, conscientes daquilo que mais valorizavam e dos investimentos associados, puderam experimentar sensações agradáveis, tais como paz, harmonia e segurança, que facilitaram a consolidação deste processo.

Palavras-chave: recasamento, ex-cônjuge, valores, crenças religiosas.

Abstract

The present study, part of a larger investigation on remarriage with the ex-spouse, aims to examine the effects of personal values on the marital relationship reconstruction with the former spouse. A qualitative study was carried out, in which 12 independent subjects, from Rio de Janeiro's middle classes population, were interviewed - heterosexuals, married to the ex-spouse, with at least one child in common. For the results analysis, the content analysis method was used, and the *personal values* category and its subcategories, *concept about marriage* and *religious beliefs* were discussed. Findings indicate that personal values are part of the foundation that underpins the chosen direction for the relationships reconstruction. As they walked the paths they chose to take in their married lives, the spouses, aware of what they valued most and the associated investments, were able to experience pleasant sensations such as peace, harmony and security that facilitated this process consolidation.

Keywords: remarriage; ex-spouse; values; religious beliefs.

Os valores e as crenças das pessoas influenciam suas escolhas, decisões, atitudes e comportamentos relacionais (Willoughby, Hall, & Goff, 2015; Willoughby, Hall, & Luczak, 2015; Gomes, Gouveia, da Silva Júnior, Coutinho, & Campos, 2013). As crenças descrevem o significado ou pensamento que alguém assume como verdade (Willoughby, Hall, & Luczak, 2015). Já os valores, segundo Maslow (1999), são intimamente ligados às necessidades básicas, intrínsecos à estrutura do self e dependentes da história individual. Para este pesquisador, motivações mais elevadas, como amor e justiça, são tão básicas para o homem quanto a sede - são apenas menos urgentes, e mostram que há uma boa relação de dependência do ambiente, pois só podem ser satisfeitas por outras pessoas. Nos momentos difíceis, os motivos mais importantes para se permanecer no casamento são os relativos a valores e crenças pessoais (Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt, & Sharlin, 2004).

Gouveia (2003) sugeriu uma lista de vinte e quatro valores representando o conteúdo das necessidades básicas, partindo da premissa de que o homem tem uma natureza essencialmente boa (Maslow, 1999). Por serem, em grande parte, consequência da socialização, os valores são adotados pelas pessoas por meio de argumentos lógicos ou morais que justifiquem o porquê de serem desejáveis. Segundo Gouveia (2003), os valores perpassam situações e ideias; são construtos latentes com duas funções principais - guiar as ações do homem e expressar suas necessidades. Quando, combinadas, tais funções geram seis sub-funções valorativas: existência, normativa, suprapessoal, realização, experimentação e interacional.

Ao analisarem os motivos mais valorizados pelas pessoas para se casarem, Zordan, Falcke e Wagner (2009) constataram que estes são relacionados aos mesmos fatores que estimulam a manutenção do relacionamento conjugal. Dentre os valores apontados, a maioria das pessoas escolheu aspectos ligados ao amor, à família, aos filhos e à religiosidade. Para Gomes et al. (2013), os valores são mais preponderantes na escolha dos atributos do parceiro ideal do que os traços de personalidade.

Os resultados do estudo de Borges e Magalhães (2013) mostraram a existência atual de dois conceitos diferentes de família. As pessoas mais velhas apresentaram um conceito tradicional, no qual a família se inicia com o casamento,

o qual se espera que seja duradouro. As mais jovens pareceram não acreditar em relacionamentos duradouros, e seu foco primário ao pensar em formar uma família esteve na ideia de ter filhos. Contudo, houve certa contradição ao, também, valorizarem algumas questões do modelo tradicional relacionadas ao papel do homem na família. Para Borges, Magalhães e Féres-Carneiro (2014), a geração mais jovem quer ter “asas e raízes”, pois a liberdade é bastante valorizada, mas a necessidade de pertencimento social se mantém, conjugada à grande idealização da relação amorosa. Isto ilustra o desafio contemporâneo de se buscar, no casamento, um equilíbrio entre a individualidade e a conjugalidade, devido ao aprofundamento nos valores individualistas.

Na pesquisa de Fonseca e Duarte (2014), os participantes entre 26 e 37 anos esperavam que o casamento fosse vitalício - um compromisso somente rompido em casos extremos - e tinham uma visão de que os filhos viriam como consequência de maior intimidade e tempo juntos. Além disto, foi percebida uma mentalidade menos perfeccionista da vida conjugal, na qual ambos cedem, aceitam o parceiro e privilegiam o bem-estar do outro, sem que se sintam anulados. Diante disto, os autores afirmam que, apesar da proliferação de novas configurações familiares, ainda subsiste o ideal do casamento estável, muito alicerçado no processo de socialização e nas vivências familiares.

De acordo com Hall (2006), na medida em que o significado que as pessoas dão ao casamento repercute sobre como as mesmas se comportam em relação a ele, conhecer as crenças subjacentes à relação conjugal se torna um fator crítico para a compreensão das interações entre os parceiros. Sua pesquisa mostrou que o casamento pode ser conceituado, ao longo de um *continuum*, em cinco dimensões de crenças inter-relacionadas e polarizadas. São elas: (a) uma relação com status especial (a mais satisfatória de todas) x neutra (“um pedaço de papel”); (b) autorrealização (tudo o que se pode obter para si por meio do casamento) x responsabilidade (está acima da realização individual); (c) unidade (identidade única) x individualidade (pouca restrição de autonomia); (d) romantismo (“almas gêmeas”, completa aceitação, sem demandar muito trabalho) x pragmatismo (sistema prático de trocas), e; (e) papéis hierárquicos (comumente associados a gênero) x paralelos (equidade, companheirismo).

Neste sentido, Willoughby, Hall e Luczak (2015) apresentaram a teoria do paradigma conjugal, na qual as crenças conjugais têm seis dimensões distintas com relação a se casar e a ser casado, que se reforçam mutuamente. As três relativas a “ser casado” são: (a) centralidade conjugal, ligada ao tamanho do próprio investimento no papel conjugal e a quão central é o papel do cônjuge em sua vida se comparado ao de amigos, parentes e carreira; (b) permanência conjugal, inclui crenças sobre o compromisso com o casamento e sob quais circunstâncias ele pode ser rompido, e; (c) processos conjugais, se refere ao que se espera de questões como, intimidade e equilíbrio entre vida profissional e familiar.

Dentre as crenças encorajadoras para a manutenção do compromisso com o casamento, as diferentes dimensões das crenças religiosas têm sido apontadas por vários autores (Alves-Silva, Scorsolini-Comin, & dos Santos, 2016; Fonseca & Duarte, 2014; Norgren et al., 2004; Wineberg, 1994). A investigação de Burdette, Ellison, Sherkat e Gore (2007), em uma ampla gama da população norte-americana, apontou que estar afiliado a alguma religião é relacionado à redução da probabilidade de infidelidade conjugal, à exceção dos mórmons, testemunhas de Jeová e religiões não cristãs. Os resultados sugeriram que a maior frequência de participação em reuniões religiosas e a visão teológica de que a Bíblia é literalmente a palavra de Deus, e não apenas uma metáfora inspirada por Ele, estão associadas à menor inclinação para a infidelidade.

Os dados da pesquisa de Willoughby, Hall e Goff (2015) mostraram que mulheres e jovens adultos com alto nível de religiosidade têm maior probabilidade de adotar crenças de centralidade conjugal. Além disto, o comportamento destas pessoas foi significativamente moderado pela religiosidade e pelos altos níveis destas crenças, sugerindo a ligação entre crenças religiosas, crenças conjugais e comportamentos. Os achados de Ellison, Wolfinger e Ramos-Wada (2013) indicaram que atividades religiosas institucionais, ou não, podem gerar ideias tradicionais quanto à família. Em seu estudo, a visão literal da Bíblia foi associada a três atitudes: (a) o casamento é um voto inquebrável diante de Deus, (b) as pessoas não devem se divorciar se acharem que não se amam mais (c) coabitar é moralmente errado.

A investigação de Ciscon-Evangelista e Menandro (2011) apontou que a questão da indissolubilidade do casamento, para os casais protestantes, contribuiu

para que buscassem manter a harmonia e resolvessem seus conflitos por meio do diálogo, visto que o divórcio não era uma opção a ser cogitada. Ao se “converterem” à nova visão religiosa, os participantes daquele estudo reformularam seus valores, ao se identificarem com os outros membros do grupo e compartilharem de suas crenças, o que gerou transformações em sua visão de mundo, nas práticas cotidianas e nos relacionamentos com as pessoas. Segundo os autores, as possíveis diferenças entre os cônjuges foram minimizadas por algo que ambos elegeram como mais valioso – os princípios religiosos advindos de uma mesma fonte considerada fundamental.

Em uma pesquisa com casais cristãos, judeus e islâmicos, Dollahite, Hawkins e Parr (2012) verificaram que, para estes casais, o casamento é uma instituição sagrada da qual Deus faz parte, maior que o self, o casal ou a família, e que transcende a opinião da sociedade em geral. É a união sinérgica de duas pessoas, que potencializa suas forças e permite que “o todo seja maior que a soma das partes”. Para estes parceiros, deve haver um compromisso sincero com a aliança conjugal, por toda a vida. Tal “ideia poderosa” os ajudou a tirar o foco de si mesmos e redirecioná-lo para o outro e para o relacionamento, trazendo um significado mais profundo para o casamento - sérias promessas altruístas que não podem ser quebradas.

O apoio de uma comunidade religiosa e a religiosidade em geral (práticas e confiança nas crenças religiosas, de forma regular) foram associados ao maior compromisso conjugal (Olson, Goddard & Marshall, 2013). A pesquisa qualitativa de Goodman, Dollahite, Marks e Layton (2013), com 184 casais religiosos, mostrou que a inclusão destas pessoas em uma comunidade de fé e a adoção de crenças, práticas e princípios específicos se tornam recursos direcionadores de suas atitudes. Tais recursos trazem um senso de propósito maior do que a si mesmos e as ajudam a fortalecer não apenas o compromisso conjugal, mas também a habilidade de lidar com os desafios da vida. Dentre as crenças estão: (a) o casamento é uma relação distinta de todas as outras e definida por Deus; (b) Deus é parte efetiva do relacionamento do casal; (c) tal união é indissolúvel; (d) os desafios têm um propósito divino de desenvolvimento e aproximam os cônjuges um do outro e de Deus, que os ajuda na solução. Dentre as práticas e os princípios estão o estudo das escrituras, os rituais, o aconselhamento espiritual, o arrependimento e o perdão.

O estudo de Olson, Marshall, Goddard e Schramm (2015) demonstrou que a religiosidade protege o casamento contra fatores de risco, como relacionamentos estressantes ou divórcios anteriores, e que existe uma relação positiva significativa entre indicadores de religiosidade e satisfação conjugal. Cônjuges que oram e vão, juntos, a reuniões religiosas e que creem que Deus está presente em seus casamentos têm maior probabilidade de se engajar em comportamentos mútuos de generosidade conjugal (Wilcox & Dew, 2016).

Quando os parceiros consideram Deus como uma autoridade moral transcendente, eles O percebem como um modelo e provedor pessoal, com o qual constroem uma relação próxima e profunda ao servi-Lo, obedecê-Lo, se identificar com Ele e serem agraciados por Ele. Desta maneira, se forma uma estrutura simbólica em que a relação vertical com Deus é integrada a uma ética horizontal de cuidado conjugal, levando o relacionamento entre os cônjuges a ser influenciado por esta relação de autoridade. Assim, a unidade e o compromisso são reforçados por dinâmicas relacionais nas quais os parceiros compartilham o objetivo de obedecer a Deus, percebem que Ele fortalece os laços conjugais e mudam comportamentos por terem Seu amor como padrão (Shichida, Dollahite, & Carroll, 2015).

Assim, percebe-se que os valores e crenças das pessoas permeiam o ambiente no qual a conjugalidade vai sendo construída ao longo do tempo. Tempo este, que tem, igualmente, um papel transformador para o ajuste pós-divórcio, considerado como um processo de desenvolvimento que requer várias transições e mudanças, desde o luto pela perda do casamento até a adaptação a uma nova vida (Lloyd, Sailor, & Carney, 2014). Ainda que seja uma reconciliação, trata-se de uma ‘nova vida’ e, neste cenário, é relevante analisar o papel dos valores e crenças para se compreender mais profundamente estas escolhas. Assim, o objetivo deste estudo é examinar os efeitos dos valores pessoais na reconstrução do relacionamento conjugal no recasamento com o ex-cônjuge.

Método

Participantes

A pesquisa de campo foi realizada com 12 sujeitos independentes, ou seja, membros de casais distintos (seis homens e seis mulheres), pertencentes às camadas médias da população do Rio de Janeiro, heterossexuais, casados com o ex-cônjuge

e com, pelo menos, um filho em comum. Não foi exigido um registro civil para o casal ser considerado casado ou separado. Durante o período de separação, os participantes viveram em moradias distintas. A Tabela 1 apresenta uma descrição de seus perfis e a duração de suas transições conjugais.

Tabela 1

Características dos participantes e duração das transições conjugais

Cônjuge	Idade	Escolaridade	Religião	Duração (em anos)		
				Primeiro casamento	Separação	Recasamento até a entrevista
F1	59	Superior	Católica	5	13	18
F2	39	Pós-Graduação	Católica	7	2	3
F3	36	Superior incompleto	Protestante	5	9	8
F4	55	Superior	Nenhuma	17	16	1
F5	45	Superior	Católica	10	1 e meio	8
F6	65	Superior	Budista	11	15	18
M1	55	Pós-Graduação	Protestante	5	1	20
M2	68	Superior	Católica	15	12	22
M3	63	Superior	Protestante	22	4 e meio	16
M4	76	Ensino Médio	Protestante	25	20	6
M5	45	Pós-Graduação	Católica	12	1	2
M6	66	Superior	Católica	7	25	1 e meio

Instrumento

Foram utilizadas entrevistas individuais com roteiro semiestruturado, que foram gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas integralmente. O roteiro foi formulado com base na revisão da literatura sobre o tema e focou os seguintes eixos temáticos: significados e expectativas sobre casamento; questões ligadas à parentalidade e influência dos filhos na separação e no recasamento; acontecimentos com maiores repercussões para a separação; diferenças e semelhanças entre o recasamento e o primeiro casamento; experiências e atitudes após a separação quanto a trabalho, finanças, relacionamentos, dentre outros; perdas e ganhos com a separação e o recasamento.

Procedimentos

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética (Parecer nº 2016-27) da instituição onde foi desenvolvido. A indicação de participantes ocorreu por meio da rede de relacionamento da pesquisadora, constituindo uma amostra de conveniência. As entrevistas tiveram a duração de uma a duas horas e o local, data e horário foram agendados de acordo com a disponibilidade dos participantes. Todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando a divulgação dos resultados em ensino, pesquisa e publicação, e foram informados de que a sua identidade e a de seus familiares seriam resguardadas.

Análise dos dados

Para análise dos dados obtidos nas entrevistas, foi utilizado o método de análise de conteúdo, na sua vertente categorial, como proposto por Bardin (2011). O método permite a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção das mensagens, ou seja, conhecer aquilo que está por trás das palavras. Sua base reside na articulação entre a descrição e análise dos textos e os fatores que determinaram estas características, deduzidos através da lógica. Ao se realizar a leitura, os relatos considerados relevantes ao encaminhamento das discussões foram agrupados por similaridade de significado e relacionados, entre si, até que as categorias temáticas emergissem das falas.

Resultados e Discussão

O presente estudo apresenta parte dos resultados de uma pesquisa mais abrangente que buscou compreender, a partir do relato dos participantes, os principais fatores que contribuem para a reconstrução do relacionamento conjugal no recasamento com o ex-cônjuge. Para a apresentação dos resultados, os participantes serão-nomeados como F (feminino) e M (masculino) e numerados de 1 a 6, tendo sua idade indicada.

Percebeu-se que os valores pessoais permearam o relato dos participantes ao explicarem o que pensavam a respeito do casamento, sob diversos aspectos. Alguns dos entrevistados também incluíram, especificamente, questões ligadas ao aspecto religioso. Assim, para atingir os objetivos deste estudo, ou seja, examinar o efeito dos valores pessoais na reconstrução do relacionamento conjugal no recasamento com o ex-cônjuge, será discutida a categoria de análise *valores pessoais*, desdobrada em duas subcategorias.

Valores Pessoais

Neste trabalho, compreende-se valores pessoais como regras internas profundamente enraizadas, que orientam a vida das pessoas e levam-nas a tomar decisões e a se comportar de certa forma, por entenderem que é o melhor a se fazer, expondo, assim, a consciência (Barret, 2000). Neste sentido, existem muitos estudos sobre os diferentes processos relacionais associados ao significado do casamento e às crenças religiosas, mas não foi encontrado nenhum enfocando casos de reconciliação após a ruptura definitiva do relacionamento. Desta forma, esta categoria explora de que maneira os valores pessoais, associados ao significado individual do casamento, repercutem no recasamento com o mesmo cônjuge, sendo, então, desdobrada em: *conceito sobre casamento e crenças religiosas*.

Conceito sobre casamento

Todos os participantes externaram valores que pareceram estar relacionados ao processo decisório que os conduziu à reconciliação com o ex-cônjuge, ao descreverem o significado do casamento, na medida em que, mais à frente em suas histórias, estes conceitos vieram à tona ao refletirem sobre o que era mais importante para eles. Para exemplificar isto, as narrativas desta subcategoria mostram dois momentos da entrevista para cada participante: o primeiro, quando explicam o que entendem por casamento; e o segundo, o que pensaram ou sentiram ao se reconciliarem.

Casamento é o somatório de amor, carinho, é... parceria, amizade, e... como eu posso chamar? Quando a gente vê a pessoa e a gente vê essa pessoa profissionalmente, e aquilo ali te encanta. [...] E ela voltou, ela já voltou com, com a expectativa de trabalho. Aí comecei a pesar, botar na balança, o que é que eu tinha antes, de família, e o que é que eu tinha agora. Comecei a pesar, né? Então, o que eu tinha antes pesou muito mais, né? De várias meninas que você conheceu, você chegou ao casamento com uma. É porque aquela ali tem várias coisas que te agradam. Então, esse processo de seleção precisa ser valorizado (M1, 55 anos).

Casamento pra mim é o que estou vivendo agora, sabe? É uma coisa de querer estar junto, de formar um vínculo, uma coisa sua. Todo ser humano tem potencial e, e anseia criar uma coisa dele, entendeu, uma obra, né? A

gente quer ter uma coisa que a gente seja um pouco dono, entendeu, um pouco o criador daquilo ali. Eu criei um nucleozinho ali de mulher, filho, coisa e tal, e ter prazer com isso. [...] É um legado que eu vou deixar. É uma construção que eu me sinto um dos, um dos é... pilares, até porque partiu de mim, dela, que vieram os filhos, e a partir disso... (M6, 66 anos).

É... viver o amor, crescer junto, né? Formar a família. [...] Uma segunda chance em vida pra eu poder, pra eu poder reviver o... formar de novo, né? Porque são filhos lindos, sabe, que eu tenho. Então, eu acho que o reatar foi nesse sentido de resgatar, de redimir, de redimir, né? E estar com a pessoa que é... que eu profundamente amo, né? O sentimento que me preenche é paz. É como se agora eu tô fazendo a coisa certa. Porque nos outros relacionamentos, por mais intensos que foram, eu não tinha paz. E agora eu tenho paz (F6, 65 anos).

Expressões como ‘agora eu tô fazendo a coisa certa’, ‘um legado’, ou ‘esse processo de seleção precisa ser valorizado’ evidenciam a força dos valores pessoais para a reescolha do parceiro (Gomes et al., 2013). Nestas narrativas percebe-se que os participantes citam conceitos tradicionais de família ligados ao núcleo formado por pais e filhos e à construção conjunta de uma obra, aos quais recorreram quando refletiram sobre o rumo de suas vidas (Fonseca & Duarte, 2014). M6 e F6, com idades acima de 60 anos, mostram, inclusive, que entendem que a família é formada, a partir do casal, com a chegada dos filhos, como pontuam Borges e Magalhães (2013) com relação à geração mais velha.

Já o relato de M1 aborda a importância de se admirar o parceiro profissionalmente, não apenas para a primeira escolha, mas também para a retomada do relacionamento conjugal, sugerindo a necessidade de segurança e de uma vida planejada. Isto indica a presença de valores de existência, especificamente relacionados à estabilidade pessoal (Gouveia, 2003), coerentes com uma sociedade que valoriza a questão material e os atributos de uma pessoa “batalhadora” (Gomes et al., 2013).

Para alguns participantes, foi preciso analisar de que forma o valor contemporâneo de liberdade individual seria cabível, no casamento, em um novo momento conjugal.

Um compromisso de afetividade, de objetivos e projetos mútuos, projetos futuros, na verdade, em comum, e... na verdade, objetivos de vida comuns. [...] Então, hoje eu sou muito menos egoísta, eu sou muito menos impositor, e eu aprendi realmente separar o, a faceta N. profissional e N. pai, marido, indivíduo (M5, 45 anos).

Uma grande parceria, né? E eu acho que é buscar o equilíbrio nos momentos difíceis que acontecem sempre, né? Porque vai oscilando a vida. E acho que a coisa da parceria tem a ver, no casamento com, com tolerância, com aceitação do outro, da forma como o outro lida com as coisas. Às vezes é bem difícil. [...] Ele continua, ele tem liberdade pra fazer os programas dele, como eu também tenho, e acho que é bom. Ele continua fazendo, jogando os esportes dele, mas é de uma forma diferente, assim, do que foi naquele ponto da separação. Nada interessava, só o que ele tava com vontade. E assim, tipo, ou você me acompanha e vem comigo, ou tchau! (F5, 45 anos).

As falas mostram que houve a necessidade de os cônjuges revisarem suas crenças sobre o processo conjugal (Willoughby, Hall, & Goff, 2015), de maneira a incluir o outro e filhos, como parceiros, em diversos aspectos da vida familiar como, projetos e opções de lazer. Isto indica que ambos os cônjuges devem estar dispostos a ceder em alguns pontos, para que possa ser construída uma identidade conjugal (Fonseca & Duarte, 2014). Percebe-se pelas narrativas que, apesar de difícil, é viável ter um casamento “não hipócrita”, no qual é possível conciliar as individualidades e expectativas dos cônjuges quanto ao casamento, sem que o vínculo conjugal frustrasse os objetivos de cada um (Borges et al., 2014). Nota-se, ainda, a consciência em F5 de que, quando surgem as inevitáveis dificuldades de um relacionamento, os parceiros precisam buscar equilíbrio para que possam superar os desafios, juntos, ilustrando, assim, o valor dado à diminuição das assimetrias entre os cônjuges (Borges & Magalhães, 2013; Fonseca & Duarte, 2014).

A maioria dos entrevistados apresentou um conceito de casamento relacionado à união de ‘duas pessoas que se complementam’ e que têm um sério compromisso de compartilhar a vida conjugal, composta de altos e baixos.

É uma relação de duas pessoas que se complementam, é uma complementaridade em que essas coisas vão se harmonizando ao longo do tempo. E você chega a um ponto em que você vai aceitando as diferenças de uma maneira positiva, e vai se construindo uma relação mais madura através dessa aceitação, e até das coisas que você vê de positivo um no outro, né? [...] Vamos dizer assim, era a maneira como ela me tratava, ela me reportava a coisas que eu sonhava com relação a uma mulher. Aquela coisa de romantismo (M2, 68 anos).

Casamento pra mim é a união de almas, né? Uma coisa, assim, muito profunda. É cumplicidade. É como se a gente fizesse um pacto de cumplicidade, de amizade, entendeu? Eu acho que até mais do que... eu acho que é um acordo, uma aliança que a gente faz de... ‘vamos estar juntos’ [...]. Foi uma conversa sem briga, sem discussão, uma conversa longa. Aquilo mexeu comigo. Aquela conversa, sabe? Fiquei pensando naquilo, fiquei pensando no casamento, fiquei pensando também no que eu queria como família. A gente não casa pra separar (F3, 36 anos).

O casamento é, é, é uma, é uma solidez, entendeu? É um porto seguro de um casal. O casal que quer ser, ter um porto seguro, tem que se casar porque o casamento pra mim é a restauração de tudo. É, é, é o compartilhar, é o... é o conviver, entendeu? É o dividir, é o somar, é o multiplicar, é tudo. [...] Hoje, hoje, com toda a sinceridade, eu tenho a certeza que eu, sem ela, eu não sou nada. Foi uma..., uma derrota a separação. A minha separação, pra mim, foi uma derrota. Eu me sentia, eu era uma pessoa derrotada (M3, 63 anos).

As narrativas sugerem que a visão de casamento como algo sólido ou um ‘pacto de cumplicidade’, do qual não se tem a intenção de abrir mão facilmente, reforçou o compromisso entre os cônjuges, apontando para crenças de permanência conjugal (Willoughby, Hall, & Goff, 2015). Este resultado é, de certa forma, diferente dos achados de Borges e Magalhães (2013), visto que ocorreu, também, com a geração mais jovem. É importante ressaltar que tal compromisso para toda a vida não é apresentado, pelos participantes, como um peso, e sim como uma parceria na qual há cumplicidade, companheirismo e segurança emocional (Fonseca & Duarte, 2014; Norgren et al., 2004; Zordan et al., 2009). Estes aspectos ilustram

o investimento pessoal na relação, característico da presença de crenças de centralidade conjugal (Willoughby, Hall, & Goff, 2015). Percebe-se que estes cônjuges tendem a ver seu relacionamento como uma união sinérgica que expande suas habilidades, gerando um sentimento de completude - ‘sem ela, eu não sou nada’, ‘união de almas’, ‘é uma complementaridade’ (Dollahite et al., 2012).

De forma geral, os resultados também legitimam a existência do valor interacional de afetividade na escolha pela restauração e manutenção do casamento, visto que os participantes dão muita importância à amizade verdadeira, à intimidade e ao compartilhamento (Gouveia, 2003). Para estas pessoas, o matrimônio parece ser muito especial, ter ênfase na unidade e, apesar de apresentar algumas características românticas, exige investimento, é voltado para a responsabilidade e necessita de equidade de papéis (Hall, 2006).

Crenças religiosas

Metade dos entrevistados adicionou distintas dimensões de crenças religiosas, como parte de seus valores pessoais, ao explicarem como se deu o processo de reconstrução da relação conjugal.

Porque a gente aprendeu que o casamento é indissolúvel, e teve a influência da igreja. Então, a gente ficava tentando segurar, segurar, segurar ao máximo ali, tentar resolver, resolver, resolver... Quando a gente discutia alguma coisa e eu falava: vou dormir; ela falava: ‘não, não vou dormir, não. Eu aprendi que a gente não pode deixar o sol se pôr e tal, que a gente tem que conversar e resolver’. E depois que a gente voltou, e que a gente teve o apoio lá do... da igreja, que foi super importante... A gente chegou na igreja e o pessoal abraçou a gente, deu oportunidade da gente trabalhar e viviam chamando a gente pra, pra tudo. O Pastor ia lá na nossa casa, um cara bem, bem jovem, assim, com a esposa (M1, 55 anos).

Uma tempestade de coisas na minha cabeça. Aí que eu fui me aproximando, assim. Oh, tem coisas que... não tenho forças pra fazer. Outra coisa, eu não consigo ter domínio sobre isso. Aí, eu me lembro que eu escrevi uma carta pra Jesus. É. Jesus! Cada dia era assim, eu botando pra Ele aquilo que era sonho; aquilo que... a vontade de mudar. Mas queria Ele mais do que eu sabia porque eu não tinha força pra isso. E eu queria voltar pra minha

família, eu queria voltar a reconstruir minha vida. [...] Aí já entrou a religião também, e a gente começou a caminhar juntos. A gente fez encontro de casais, a gente começou a trabalhar em pastorais, começou a trabalhar em movimento mariano, aí a gente começou a rezar junto (M2, 68 anos).

Hoje eu sei que são as brechas que a gente dá, né? Que na época eu dava porque eu não tinha Jesus na minha vida; então, eu sabia que, que tinha. Eu deixava as brechas, né? Até que depois de 2 anos e meio, fomos convidados três vezes pro encontro de casais e eu neguei duas. Na terceira, eu já tava vendo que as coisas estavam ruins e eu falei: 'meu casamento nunca vai dar certo de novo'. A C. vai já já me convidar pra sair de novo... Aí eu falei: 'C., eu quero ir no encontro de casais'. Foi aí que eu fui e tomei a maior decisão da minha vida - eu ter aceitado a Jesus (M3, 63 anos).

As falas apontam para a valorização do casamento como algo sagrado e com forte ligação com a fé destas pessoas (Fonseca & Duarte, 2014; Zordan et al., 2009). Ter a mesma orientação religiosa foi um fator que parece ter ajudado os cônjuges a serem bem-sucedidos na reconciliação, na medida em que fortaleceu os laços conjugais. M3, inclusive, cita que sua conversão à religião da esposa foi uma decisão fundamental para o redirecionamento de sua vida, em um momento em que uma nova separação era iminente (Ciscon-Evangelista & Menandro, 2011; Norgren et al., 2004; Wineberg, 1994). O compromisso dos parceiros pode ser, também, exemplificado pela narrativa de M1 a respeito da disposição do casal de esgotar todas as possibilidades de solução de conflitos, atuando como protetor do casamento (Ciscon-Evangelista & Menandro, 2011; Olson et al., 2015; Wineberg, 1994). Percebe-se, assim, que os relatos ilustram a questão de indissolubilidade do casamento sob o viés da confiança nas crenças religiosas, que pressupõem que o mesmo é composto por votos que não podem ser desfeitos (Dollahite et al., 2012; Ellison et al., 2013; Goodman et al., 2013).

Os entrevistados mencionaram a participação de ambos os cônjuges em várias atividades, como trabalhos em pastorais, encontros de casais e reuniões com líderes religiosos. Percebe-se um contexto no qual a sua prática regular reforçou a internalização da razoabilidade do sistema de crenças e valores associados às doutrinas das instituições religiosas às quais estavam vinculados, o que os estimulou a manter o casamento (Burdette et al., 2007; Ellison et al., 2013; Olson

et al., 2013). Nota-se, ainda, que o apoio de uma comunidade de fé, como exemplificado por M1, operou como mais um fator a contribuir para a consolidação da relação entre os parceiros (Dollahite et al., 2012; Goodman et al., 2013).

Como M2, outros participantes relataram sua crença em Deus e busca de intimidade com Ele para fazer as mudanças das quais necessitavam, reconstruir suas vidas e manter o compromisso assumido (Dollahite et al., 2012).

E eu comecei a orar e eu buscava muito a Deus, eu orava muito, e pedia muito a ajuda do Senhor. E eu, como sempre, continuei acreditando que Deus podia fazer, Deus podia fazer! E eu tinha essa vontade. [...]. Então, assim, é..., como cristã, eu aprendi que Deus usa de caminhos estranhos pra gente... pra poder nos mostrar certas coisas, nos amadurecer. E que não existe outra forma de amadurecer que não seja com sofrimento, infelizmente. E hoje eu vejo, assim: 'não, poxa, eu acho que eu me superei, eu consegui superar isso. Com a ajuda de Deus, lógico! (F3, 36 anos).

Passei a conhecer Jesus melhor, né? Aí, eu lendo a Bíblia eu falei, ah Deus, me mostra o caminho certo porque essa vida tá, tá errada pra mim. Eu não quero viver errado [...]. E em Eclesiastes 7, também, que eu deveria voltar pra mulher da minha mocidade, né? Aí que eu botei isso na minha cabeça, né? Casei de novo com ela [...]. Primeiro eu fiz uma oração a Deus. Já que eu quero viver a vida seguindo o Senhor, eu tenho que fazer a coisa certa, né? Aí, foi aonde eu abrindo a Bíblia, de repente tava aquela parte ali, que eu comecei a ler, e tava a resposta clara. [...] eu passei a ter mais responsabilidade na vida, né? Ser mais amoroso, né? E a ter conhecimento mais de... de Deus, né? Da paz. E mais a palavra de Deus que me ajudou muito, né? O conhecimento tem me aproximado mais de Deus (M4, 76 anos).

E depois que a gente voltou, é... nós descobrimos que, no religioso, quer dizer, nós casamos na sinagoga, a gente não havia separado. Nem lembramos... Então assim, tava escrito, não adianta, maktub, não tem jeito, nós não nos separamos no religioso. [...]. E, assim, porque tem uma coisa na minha vida que, assim, Deus sempre me dá uma segunda chance (F6, 65 anos).

Os entrevistados se engajaram em atividades devocionais não institucionais, tais como oração e leitura da Bíblia, com o objetivo de pedir ajuda e sabedoria a Deus para lidar com os desafios relativos à relação conjugal. A fala de F3 sugere que a intensificação da oração individual fortaleceu o compromisso com a crença de que Deus poderia intervir na situação e mudar os rumos de seu recasamento, pois seu primeiro casamento havia sido bastante estressante (Ellison et al., 2013; Olson et al., 2015). As crenças religiosas também pareceram fundamentais para os cônjuges quanto à percepção e ao enfrentamento das dificuldades, na medida em que entendem que as situações adversas têm uma intenção divina, cujo produto final é o amadurecimento por meio da superação do sofrimento (Goodman et al., 2013).

Alguns participantes, como M4, mencionaram que a leitura das Escrituras os ajudou a se conectar com Deus, a ser pessoas melhores e lhes mostrou o caminho a seguir (Goodman et al., 2013). Isto sugere que o reforço efetivo de doutrinas conservadoras se relaciona a mudanças de comportamentos, como aponta Burdette et al. (2007). A busca de M4 por uma resposta clara de Deus, por meio da Bíblia, pois queria ‘fazer a coisa certa’, indica que é importante que uma sincera convicção, vinda do íntimo, anteceda a atitude específica em direção à reconciliação (Dollahite et al., 2012). Outro ponto interessante a ser analisado é o papel dos rituais para estas pessoas. F6, por exemplo, mesmo sendo budista atualmente, acredita que por terem se casado na sinagoga no passado, pois são de origem judaica, não haviam se separado; e, devido a isto, Deus lhe deu ‘uma segunda chance’. Tal fato sugere a existência da crença de que seu casamento precisaria atender a um propósito maior do que aos anseios do casal e, por isto, Deus não teria permitido que a separação fosse definitiva (Goodman et al., 2013).

Observa-se que, de forma consistente, os entrevistados que atribuem uma maior importância às crenças religiosas possuem valores normativos associados à honestidade, obediência e tradição, pois mostram que dão importância aos compromissos assumidos, ao cumprimento de deveres e ao respeito a símbolos e padrões culturais (Gouveia, 2003). Para estas pessoas, Deus parece ter um papel central no casamento – é uma figura parental perfeita a quem se deve submeter, e que provê força, segurança, direção e habilidades necessárias a um relacionamento pacífico e satisfatório. Suas falas sugerem que a percepção de Deus como uma

autoridade moral provocou mudanças comportamentais que geraram um relacionamento conjugal mais gratificante (Shichida et al., 2015).

Considerações Finais

Os resultados deste estudo indicam que os valores pessoais, associados ao que representa o casamento, fazem parte do alicerce que sustenta a direção escolhida para a reconstrução da vida afetiva, após a separação conjugal. Estes valores parecem ter subsidiado parte da base sobre a qual os participantes solidificaram a decisão pela reconciliação. Ao trilharem os caminhos que decidiram tomar em suas vidas conjugais, os participantes, conscientes daquilo que mais valorizavam e dos investimentos associados, puderam experimentar sensações agradáveis, tais como paz, harmonia e segurança, que facilitaram a consolidação deste processo. As narrativas sugerem que este grupo de pessoas possui um sistema de valores tradicionais e que ressalta o casamento como um relacionamento que requer bastante investimento, mas que gera resultados recompensadores, como consequência.

Os entrevistados enfatizaram menos a individualidade e mais o casamento como uma dimensão especial, o que contribuiu para uma maior unidade entre os cônjuges e um maior compromisso em evitar uma nova separação. Em apenas um caso, se perceberam valores relacionados à estabilidade pessoal, sugerindo que estes não são os mais relevantes para a reconciliação. Por outro lado, se observou que há uma grande valorização da intimidade, da cumplicidade, da parceria, do companheirismo e da sinergia decorrente da complementaridade entre os parceiros, ilustrando a centralidade do papel do cônjuge na vida destas pessoas, e a afetividade como um valor importante.

Os dados mostram que quando há crenças de permanência conjugal, como acreditar que o casamento somente pode ser rompido em casos extremos, os cônjuges são estimulados a um maior investimento para a solução dos problemas e para superar desafios juntos. Quando existe este compromisso com o longo prazo, os parceiros tendem a buscar várias alternativas para solução de conflitos, por meio do diálogo, da aceitação mútua e da disposição em ceder sua posição pessoal, subordinando-a ao que for melhor para a relação.

Aqueles que são mais tocados por crenças religiosas parecem confiar que Deus, mesmo sendo o ser supremo, é acessível e está presente no cotidiano para dar

direções sobre como lidar com situações difíceis, causando, assim, um efeito estabilizador no casamento. Neste sentido, estas pessoas se utilizam de recursos religiosos, como, oração, leitura da Bíblia, aconselhamento com líderes, reuniões de diversos tipos e apoio da comunidade, para lhes ajudar a refletir sobre um outro ponto de vista e a transformar seu modo de viver e se relacionar. Na medida em que foram bem-sucedidos ao enfrentar adversidades e superar obstáculos, confiando regularmente nestes recursos, os participantes puderam confirmar que suas crenças eram válidas e que aquele era um caminho frutífero para o amadurecimento pessoal ao longo da vida.

Compartilhar das mesmas crenças, voltadas para doutrinas mais conservadoras, como obediência e tradição, parece facilitar o reforço ao compromisso conjugal dos mais religiosos, na medida em que acreditam que seu casamento tem um objetivo maior do que somente o de atender às suas próprias necessidades. Os relatos indicam que a mudança destas pessoas em relação ao relacionamento com o ex-cônjuge aconteceu antes, sinceramente, em seus corações, a partir de uma busca honesta de intimidade com Deus, para, posteriormente, ser externalizada em ações. Desta forma, nota-se o quanto Deus, enquanto modelo a ser seguido e provedor de necessidades diversas, se torna crucial para a reconstrução do relacionamento conjugal dos parceiros que enfatizam as diferentes dimensões das crenças religiosas.

Este trabalho aponta para a questão de que valores mais tradicionais, que consideram características institucionais do casamento, coexistem com modelos contemporâneos de relacionamentos e podem sustentar de forma recompensadora a restauração de relacionamentos rompidos, e não apenas nos casos de pessoas religiosas. Assim, contribui para a elucidação da diversidade cultural existente em nossa sociedade, ao identificar um contraponto ao discurso dominante de valorização do indivíduo sobre o coletivo, no que tange às relações conjugais. As informações contidas neste estudo podem estimular psicoterapeutas que cuidam de casais a considerar estas questões, gerando uma visão mais abrangente sobre a díade e outros aspectos com boa chance de motivar uma mudança nos relacionamentos.

Esta investigação tem algumas limitações. Seria desejável ter ampliado a duração mínima para o período de separação e o tempo de recasamento, buscando uma maior homogeneização do grupo de participantes. Todavia, o fato de o

recasamento com o mesmo cônjuge ser um fenômeno pouco frequente não possibilitou a aplicação deste critério. Além disto, por se tratar de uma temática com escassa literatura específica, na discussão dos dados obtidos neste estudo, foi necessário incluir trabalhos sobre relações amorosas em geral, e não apenas sobre recasamento.

Outras pesquisas poderiam analisar, mais detalhadamente, de que forma cada uma das mencionadas dimensões de religiosidade repercutiram na consolidação do relacionamento com o ex-cônjuge, ao longo dos anos. Além disto, poderia ser verificado se as diferentes faixas etárias dos participantes têm uma repercussão relevante sobre os valores pessoais associados ao casamento. Ou ainda, seria interessante averiguar outros fatores, além dos valores pessoais, que possam ter sido considerados, pelos participantes, como ingredientes do alicerce que sustentou a reconciliação, buscando ampliar a compreensão sobre o tema.

4. Reconciliação no recasamento com o ex-cônjuge: mudanças individuais

Resumo

O presente estudo, parte de uma investigação mais ampla sobre o recasamento com o ex-cônjuge, tem como objetivo analisar como as principais mudanças individuais ocorridas repercutem sobre a retomada da conjugalidade. Realizou-se uma pesquisa qualitativa, na qual foram entrevistados 12 sujeitos independentes, de camadas médias da população do Rio de Janeiro, heterossexuais, casados com o ex-cônjuge, com filhos em comum. Para análise dos resultados utilizou-se o método de análise de conteúdo, na sua vertente categorial, sendo discutida a categoria *níveis de mudanças* e suas duas subcategorias: *expectativas, e atitudes e comportamentos*. Constatou-se que a maior empatia pelo outro e séria disposição para assumir responsabilidades geraram mudanças em expectativas, maior respeito, confiança, diálogo, afeto e segurança no relacionamento, o que possibilitou a confirmação do compromisso com o “novo” casamento, mostrando que a reconciliação foi uma boa escolha.

Palavras-chave: recasamento, ex-cônjuge, mudanças individuais, reconciliação.

Abstract

The present study, part of a larger investigation on remarriage with the ex-spouse, aims to analyze how the main individual changes that have occurred affect the resumption of conjugality. A qualitative study was carried out, in which 12 independent subjects, from Rio de Janeiro's middle classes population, were interviewed - heterosexuals, married to the ex-spouse, with children in common. For the results analysis, the content analysis method was used, in its categorical aspect, and the category of *change levels* and its two subcategories - *expectations, and attitudes and behaviors* - were discussed. Findings indicate that greater empathy for the other and serious willingness to take responsibility led to changes in expectations, greater respect, trust, dialogue, affection and security in the relationship, which made it possible to confirm the commitment with the "new" marriage, showing that reconciliation was a good choice.

Keywords: remarriage; ex-spouse; individual changes, reconciliation.

Há pesquisas sobre divórcio e recasamento sob vários prismas; porém, pouca atenção tem sido dada ao tema relacionado ao recasamento de pessoas que se separam, mas, posteriormente, decidem se reconciliar, ou seja, se recasar uma com a outra. Apesar disto, dados recentes demonstram que um maior conhecimento sobre a questão poderia evitar que casais com potencial para viver uma relação recompensadora se separassem definitivamente. A pesquisa de Doherty, Harris e Wickel Didericksen (2016) aponta que 16,5% das pessoas que deram entrada no processo de divórcio expuseram sentimentos mistos quanto a esta decisão; cerca de 10% se reconciliariam se o cônjuge se comprometesse seriamente em fazer mudanças importantes; e 7,5% não queriam o divórcio e fariam de tudo para se reconciliar. Na investigação de Pearce Plauche, Marks e Hawkins (2016) sobre razões para a reconciliação, vários participantes relataram que o fato de o ex-cônjuge ter mudado algo relevante fez toda a diferença quanto à direção do relacionamento. Neste sentido, é válido analisar como certas atitudes repercutem no fortalecimento da conjugalidade ao longo do tempo, visando a uma melhor compreensão sobre como podem apoiar as mudanças necessárias durante o processo de reconstrução de casamentos rompidos.

Segundo Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt e Sharlin (2004), dentre as razões para a manutenção de um casamento duradouro e gratificante estão o amor existente entre os cônjuges e a convicção de que aquela é uma parceria para toda a vida. Os autores citam que todos os casais em sua pesquisa, e não apenas os satisfeitos, avaliaram que o relacionamento afetivo é vital para a conjugalidade. Em paralelo, a comunicação entre os parceiros repercute na aproximação ou no distanciamento entre eles. Pequenos momentos de interação positiva no cotidiano do casal contribuem para o uso do afeto e do bom-humor durante conflitos, servindo de recurso adicional para melhorar o relacionamento entre os cônjuges (Driver & Gottman, 2004; Gottman, Driver & Tabares, 2015). Segundo Alves-Silva, Scorsolini-Comin e dos Santos (2016), sentir satisfação em uma relação conjugal é crucial para manter a afetividade que, por sua vez, é favorecida pelo bom diálogo entre os cônjuges.

Para se construir uma relação conjugal satisfatória é necessário muito trabalho, junto a vários tipos de decisões e compromissos (Costa & Mosmann, 2015; Norgren et al., 2004; Pearce Plauche et al., 2016). O cenário de reconstrução

de um casamento demanda, ainda mais, um sério investimento. Porém, com a ajuda de um cônjuge amoroso e receptivo se pode obter a sensação de conexão segura, o que permite às pessoas lidar melhor com profundas vulnerabilidades (Johnson, 2012a). De acordo com Gottman e Gottman (2017) e Gottman e Silver (2015), conflitos são inevitáveis e possuem, inclusive, aspectos positivos, sendo a qualidade da relação o que determina a efetividade das reconciliações, quando é necessário gerenciá-los. Logo, para que o processo de reconstrução aconteça é fundamental que se reforce a amizade e a confiança entre os cônjuges, tornando-as a base de interações positivas no dia a dia.

Cerca de 70% dos conflitos ocorrem por necessidades ou diferenças imutáveis e fundamentais para a definição do self, ou seja, são questões não totalmente resolvíveis e, várias vezes, relacionadas a um sonho ou propósito profundo não esclarecido ao cônjuge. Assim, os casais que se mantêm felizes aprendem a aceitar as diferenças e a manter um diálogo sobre elas, por meio da compreensão do significado das posições de ambos e da busca por alternativas que considerem suas necessidades. Sob este olhar, os relacionamentos têm maior chance de funcionar quando se seleciona um cônjuge com questões permanentes com as quais se pode aprender a conviver (Gottman & Gottman, 2017).

O foco em compreender o que está por trás de certo comportamento indesejado, torna possível tal atitude de aceitação, na qual as diferenças não são punidas e, sim, percebidas como uma parte constituinte do outro (Gurman, 2013). Na medida em que há maior empatia em relação ao cônjuge, se usa mais frequentemente estratégias positivas de resolução de conflito, e se percebe maior satisfação (Perrone-McGovern et al., 2014). Não se pode esquecer que a satisfação dos cônjuges em relação ao casamento é dinâmica e oscila em função dos diversos desgastes que ocorrem ao longo do tempo (Costa & Mosmann, 2015). Além disto, a conjugalidade recebe influência da forma de ser de cada um dos parceiros, sendo que os efeitos positivos, comumente, advêm quando a ênfase está no outro e não em si mesmo (Fife, 2015; Knapp, 2015). Diante disto, nota-se que, para que as mudanças sejam bem-sucedidas, não basta aprender algumas habilidades, como a de comunicação, por exemplo. É preciso, também, que haja ou se cultivem virtudes relacionais, tais como, domínio próprio, generosidade, coragem e bom julgamento,

visto que as características individuais são os mecanismos pelos quais as mudanças ocorrem (Fowers, 2001).

Neste sentido, o estudo de Goddard, Olson, Galovan, Schramm e Marshall (2016) mostrou que a percepção, no parceiro, de características como, compaixão, humildade (modéstia, consideração, aceitação de diferenças), e positividade (interesse, inspiração, gratidão) foi significativamente associada à satisfação conjugal. Segundo os autores, na medida em que os cônjuges se conhecem mais intimamente, estes atributos são reforçados, sugerindo que, muitas vezes, os mesmos são expressos em resposta à mudança de percepção do outro em sua totalidade. Independentemente de causa e efeito, pessoas em relacionamentos estáveis e felizes são mais saudáveis física e psicologicamente do que aquelas que estão sozinhas ou em relações instáveis ou descompromissadas (Boyce, Wood, & Ferguson, 2016; Gottman & Gottman, 2017). O estudo de Rauer et al. (2014) evidenciou que o aumento no uso de comportamentos positivos e afetivos, e não a redução no uso de negativos, é fortemente ligado à elevação do compromisso e à melhoria do relacionamento, como consequência. O maior compromisso, por sua vez, pode exigir mais investimento em curto prazo, porém trará mais satisfação e benefícios em longo prazo, além de maior estabilidade ao relacionamento; sendo o contrário, também, verdadeiro (Schoebi, Karney, & Bradbury, 2012).

Entretanto, na sociedade contemporânea, repleta de fantasias sobre o amor (Jablonski, 2010), impera o conceito de que o casamento é um meio para se atingir expectativas bem difíceis. Isto leva muitas pessoas a nutrir ressentimentos pelo que falta e a investir menos no seu relacionamento, imaginando que poderiam ser mais felizes em outro (Gottman & Gottman, 2017). São incertos os caminhos do investimento conjugal diante desta busca por uma relação satisfatória, em uma época na qual o descartável predomina (Jablonski, 2001), e na qual tem sido difícil para cada casal criar seus próprios modelos de equilíbrio, inclusive, entre trabalho e vida pessoal (Heckler & Mosmann, 2016; Määttä & Uusiautti, 2012a).

Baseando-se na escala de necessidades (Maslow, 1943), Finkel, Hui, Carswell e Larson (2014) desenvolveram o modelo de sufocamento do casamento, segundo o qual, as pessoas esperam menos que este tipo de relação preencha necessidades fisiológicas e de segurança, mas têm maior expectativa no que concerne à autoestima e autorrealização. O atendimento a estas últimas promove

maior gratificação; porém, para que isto ocorra é preciso maior conexão emocional entre os cônjuges, o que requer mais investimento de tempo e recursos psicológicos. Embora os que o façam estejam obtendo ótimos benefícios, a maioria está investindo menos e tendo declínio em seu bem-estar (Finkel et al., 2014).

Sob condições adequadas, expectativas em um relacionamento promovem o bem-estar conjugal, na medida em que motivam respostas mais construtivas aos desafios do casal (Neff & Morgan, 2014; vanDellen & Campbell, 2014). O fato de se ter consciência destas expectativas cria uma dinâmica interacional diferente, na qual uma postura aberta e não defensiva pode facilitar escolhas e aumentar a possibilidade de um cônjuge ser responsivo às necessidades do outro (Patrick, 2014). Por outro lado, quando as expectativas são insustentáveis – por serem extremamente específicas ou por não haver habilidades para torná-las uma realidade, ou por ambos, também pode ocorrer uma redução no bem-estar (Neff & Geers, 2013).

Dalgleish, Johnson, Burgess Moser, Lafontaine, et al. (2015) afirmam que a satisfação em um relacionamento é ligada ao grau de intimidade e segurança, bem como ao nível de respostas e acessibilidade de um cônjuge ao outro, tendo como base a teoria do apego (Bowlby, 1988). As pessoas anseiam por conexão com seus parceiros e se sentem inseguras quando isto não acontece, se engajando em acusações mútuas, o que as distancia. Para que haja mais segurança e satisfação com a relação, e consigam mudar, é importante que saiam das emoções secundárias de apego - reativas e de autoproteção; para as primárias - adaptativas e de estímulo ao consolo. Respostas a partir de emoções secundárias contribuem para padrões desajustados, pois geram ciclos negativos de interação e bloqueiam a consciência das reais necessidades (Johnson, 2012b; Zuccarini, Johnson, Dalgleish, & Mäkinen, 2013).

Em relações inseguras, as fragilidades são mascaradas e um parceiro não conhece bem o outro. Em geral, se cria um ciclo de desconexão, no qual eles não conseguem se comunicar com clareza sobre a maioria das coisas, levando um deles a ter comportamentos de esquiva e afastamento, e o outro a ser agressivo, ao se sentir como inexistente para o parceiro. Quando os vínculos são seguros, enquanto um dos parceiros pode se expressar de forma clara e gentil, sem grande preocupação com a conexão entre eles, o outro é mais tolerante e receptivo, entendendo o

protesto como uma necessidade de maior proximidade e não como uma ameaça (Johnson, 2012a). Estudos mostram que a redução do apego inseguro, em função da habilidade dos cônjuges em manter profundo engajamento emocional no longo prazo, é associada à satisfação conjugal duradoura e ao aumento da confiança na relação, na medida em que os ciclos de interação se tornam positivos (Burgess Moser et al., 2016; Dalglish, Johnson, Burgess Moser, Wiebe, & Tasca, 2015; Wiebe et al., 2017).

Embora as crenças internalizadas nas experiências com os primeiros cuidadores criem um modelo interno de funcionamento para os demais vínculos (Bowlby, 1988), pesquisas sugerem que a duração deste impacto é moderada pela natureza e qualidade emocional de outras interações ao longo dos anos (Dinero, Conger, Shaver, Widaman, & Larsen-Rife, 2011; Fraley, Roisman, Booth-Laforce, Owen, & Holland, 2013). Assim, as mudanças em direção à segurança do vínculo (específica entre cônjuges) podem ser o reflexo de novas memórias, ideias e emoções (Burgess Moser et al., 2016). Apesar da natureza relativamente estável dos pensamentos, sentimentos e comportamentos que compõem os traços de personalidade, estes podem mudar ao longo da vida, em função de diversas experiências, inclusive o casamento, implicando em processos graduais de transformação da identidade (Bersani & Doherty, 2013; Bleidorn, Hopwood, & Lucas, 2018).

Perante este panorama, se torna importante refletir sobre quais foram as mudanças mais relevantes, no sentido de motivar os participantes a, novamente, permanecerem unidos a seus ex-cônjuges ao longo do tempo, no recasamento. Uma melhor compreensão do investimento necessário para se atingir uma relação estável e gratificante pode ser útil não apenas para os casos de quem se recasou com o ex-cônjuge, mas para os casamentos em geral. Assim, o objetivo deste estudo é analisar como as principais mudanças individuais ocorridas repercutem sobre a retomada da conjugalidade com o ex-cônjuge.

Método

Participantes

A pesquisa de campo foi realizada com 12 sujeitos independentes, ou seja, membros de casais distintos (seis homens e seis mulheres), pertencentes às camadas médias da população do Rio de Janeiro, heterossexuais, casados com o ex-cônjuge

e com, pelo menos, um filho em comum. Não foi exigido um registro civil para o casal ser considerado casado ou separado. Durante o período de separação, os participantes viveram em moradias distintas. A Tabela 1 apresenta uma descrição de seus perfis e a duração de suas transições conjugais.

Tabela 1

Características dos participantes e duração das transições conjugais

Cônjuge	Idade	Escolaridade	Religião	Duração (em anos)		
				Primeiro casamento	Separação	Recasamento até a entrevista
F1	59	Superior	Católica	5	13	18
F2	39	Pós-Graduação	Católica	7	2	3
F3	36	Superior incompleto	Protestante	5	9	8
F4	55	Superior	Nenhuma	17	16	1
F5	45	Superior	Católica	10	1 e meio	8
F6	65	Superior	Budista	11	15	18
M1	55	Pós-Graduação	Protestante	5	1	20
M2	68	Superior	Católica	15	12	22
M3	63	Superior	Protestante	22	4 e meio	16
M4	76	Ensino Médio	Protestante	25	20	6
M5	45	Pós-Graduação	Católica	12	1	2
M6	66	Superior	Católica	7	25	1 e meio

Instrumento

Foram utilizadas entrevistas individuais com roteiro semiestruturado, que foram gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas integralmente. O roteiro foi formulado com base na revisão da literatura sobre o tema e enfocou os seguintes eixos temáticos: significados e expectativas sobre casamento; questões ligadas à parentalidade e influência dos filhos na separação e no recasamento; acontecimentos com maiores repercussões para a separação; diferenças e semelhanças entre o recasamento e o primeiro casamento; experiências e atitudes após a separação quanto a trabalho, finanças, relacionamentos, dentre outros; perdas e ganhos com a separação e o recasamento.

Procedimentos

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética (Parecer nº 2016-27) da instituição onde foi desenvolvido. A indicação de participantes ocorreu por meio da rede de relacionamento da pesquisadora, constituindo uma amostra de conveniência. As entrevistas tiveram a duração de uma a duas horas e o local, data e horário foram agendados de acordo com a disponibilidade dos participantes. Todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando a divulgação dos resultados em ensino, pesquisa e publicação, e foram informados de que a sua identidade e a de seus familiares seriam resguardadas.

Análise dos dados

Para análise dos dados obtidos nas entrevistas, foi utilizado o método de análise de conteúdo, na sua vertente categorial, como proposto por Bardin (2011). O método permite a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção das mensagens, ou seja, conhecer aquilo que está por trás das palavras. Sua base reside na articulação entre a descrição e análise dos textos e os fatores que determinaram estas características, deduzidos através da lógica. Ao se realizar a leitura, os relatos considerados relevantes ao encaminhamento das discussões foram agrupados por similaridade de significado e relacionados, entre si, até que as categorias temáticas emergissem das falas.

Resultados e Discussão

O presente estudo apresenta parte dos resultados de uma pesquisa mais abrangente que buscou compreender, a partir do relato dos participantes, os principais fatores que contribuem para a reconstrução do relacionamento conjugal no recasamento com o ex-cônjuge. Para a apresentação dos resultados, os participantes serão nomeados como F (feminino) e M (masculino), numerados de 1 a 6, tendo sua idade indicada.

Uma das questões observadas foi a de que todos os entrevistados mencionaram mudanças significativas em seu modo de pensar ou agir em seu recasamento. Assim, para atingir os objetivos deste estudo, ou seja, analisar como as principais mudanças individuais ocorridas repercutem sobre a retomada da conjugalidade com o ex-cônjuge, será discutida a categoria de análise *níveis de mudanças*, e suas duas subcategorias: *expectativas, e atitudes e comportamentos*.

Níveis de Mudança

Para que o recasamento com o ex-cônjuge seja visto como uma nova oportunidade de se recomeçar a vida amorosa, alguns ajustes são imprescindíveis. Os participantes deste estudo relataram que perceberam mudanças de diversas naturezas em si próprios, nos cônjuges, ou na relação, ao longo de suas histórias em comum. Desta forma, serão abordadas, a seguir, duas subcategorias referentes a estas questões.

Expectativas

Ao serem indagados sobre ganhos e expectativas com o recasamento, um dos pontos relatados por muitos participantes foi o fato de terem passado a entender que as características do outro são diferentes do que se esperava inicialmente e, assim, respeitá-las.

Na verdade, a gente teve que fazer um ajuste. Eu tive que, eu tinha que ser menos algumas coisas e ela tinha que ser menos outras coisas. Ou seja, cada um tinha que ceder em determinada área pra gente poder se ajustar. Então, foi o que.... a expectativa foi essa. E a gente vem trabalhando isso devagarinho. E até hoje a gente trabalha isso, né? (M1, 55 anos).

Eu não podia exigir que um cidadão que foi sempre calado, que hoje ele fosse vibrar. Porque eu vibro com tudo. Eu sou emoção pura. Caraca! Ele nunca foi assim, e não vai ser agora. Como é que eu vou exigir isso de um cara que nunca foi assim? Ele não pode se tornar uma poesia de uma hora pra outra. Vai morrer assim. É estilo [...] eu consigo entender que não é possível (F4, 55 anos).

Observa-se, pelas narrativas, que uma visão mais amadurecida do relacionamento facilitou a ponderação sobre o que era mais importante para a conjugalidade, promovendo mudanças de expectativas com relação aos ex-cônjuges. O entendimento de que não se pode exigir do parceiro algo para o qual ele não tem habilidade permitiu aos participantes maiores possibilidades de intimidade, tornando possível que cedessem suas preferências, sem que isso fosse um peso para a relação (Neff & Geers, 2013; Gottman & Gottman, 2017). Os dados mostram que há expectativas, mas em um nível adequado a motivar respostas mais construtivas, indicando que o casamento passou a ser um caminho para a conexão

genuína com o parceiro e não um meio para se buscar a autoestima (Neff & Morgan, 2014; vanDellen e Campbell, 2014).

Os entrevistados também comentaram sobre a repercussão, em suas histórias, da perda da utopia a respeito do primeiro casamento e de uma vida muito melhor com a separação.

Porque às vezes você fantasia sobre a vida que você não tem. Num certo sentido, eu achava que eu ia sair daquele desgaste ruim e ia ser bom demais [risos]. Viver outras coisas, outra vida, de outro jeito. Foi bom sair, mas foi importante também entrar em contato com realidade. [...]. Essa separação me fez sentir... na carne, que a vida não é isso [...], nem a fantasia de ser casada. Que o seu casamento é isso, é aquilo. Se você fantasiar demais também, você não consegue ser feliz porque não bate com a realidade, com o tanto de oscilação e de dificuldades que vai ter (F5, 45 anos).

Eu acho que existe a perda da utopia, de você achar que sua vida é perfeita, e ela não é. [...]. A perda da utopia - eu tenho uma vida muito boa, muito tranquila, quase perfeita - pra mim, foi difícil no início. Por outro lado, como a vida é um trade-off, né, você ganha e você perde; eu acho que o descobrimento de que a vida não é exatamente, simplesmente, só trabalhar.... Então, pode existir um contrapeso e um equilíbrio que é extremamente importante (M5, 45 anos).

As falas mostram que ocorreu a desmistificação de fantasias sobre relacionamentos perfeitos, a partir do que viveram com a ruptura do casamento. O relato de F5 evidencia que havia antes a ilusão de que, diante dos problemas do casamento, outro tipo de vida a faria mais feliz (Gottman & Gottman, 2017; Jablonski, 2010). Entretanto, a ‘realidade’ a levou a perceber que fantasias podem se tornar armadilhas frente aos desgastes que qualquer casamento possui, como mencionados por Costa e Mosmann (2015). A desilusão acerca de vidas perfeitas pode, também, estimular a busca de outros recursos que venham a ajudar as pessoas a redirecionar suas vidas em direção a expectativas mais realistas. Como exemplo, M5 indica que percebeu a importância de se atingir um padrão que trouxesse equilíbrio entre trabalho e vida pessoal (Määttä & Uusiautti; 2012a).

Ao priorizarem as funções essenciais dos cônjuges no casamento, tendo claro, igualmente, o que não mais se esperava deles, foi possível para os

participantes dependerem menos do relacionamento para preencher necessidades de níveis mais elevados (Finkel et al., 2014). Percebeu-se, assim, que a relação deixou de ser fonte de pressão e passou a ocupar um lugar no qual puderam reconhecer dificuldades e ajustar expectativas, criando um contexto em que tais necessidades poderiam vir a ser atendidas mais naturalmente (Patrick, 2014).

Atitudes e comportamentos

Em função de diferentes fatores, os participantes citaram mudanças em perspectivas, posturas e forma de agir diante de situações cotidianas, problemas ou necessidades, percebidas neles próprios ou em seus cônjuges, ao descreverem diferenças e semelhanças entre os dois casamentos e ao explicarem o que aprenderam com toda a experiência.

Você só muda quando você quer mudar. Ninguém vai te mudar, não adianta. É impossível. É uma variável que não é controlada pelo, pelo parceiro. Agora, quando você fala: OK, isso aqui acho que realmente para minha vida não é positivo, não acrescenta nenhum valor, aí você muda. [...]. E eu escutei durante vários anos: você vai ser egoísta quanto a isso aí... Não adianta! Você só vai mudar quando você vê que aquilo não está OK, cara... (M5, 45 anos).

Pra que que eu vou me explodir? Entendeu? Então... Eu tenho que superar. Eu tô superando, graças a Deus. Então, se eu quero viver em paz, eu tenho que fazer a paz. E a minha posição, é... em superar, suportar, entendeu? Na outra época eu era mais novo, eu não aceitava e... resolvi sair fora (M4, 76 anos).

Eu tenho muitas amizades masculinas, né, mas eu percebo que eu cortei porque eu percebo que ele tem ciúmes, mas não porque eu vou traí-lo, mas é ciúmes de não dar atenção suficiente. Antes eu até provocava e forçava a barra, sabe? Eu era outra pessoa. Impetuosa, [...] imatura, né? Então, talvez agora eu tenha ganho maturidade e tolerância, né? Tolerância que antes eu não tinha. Achava que ele tinha que aceitar de qualquer maneira. Agora não, agora eu, eu consigo perceber mais o outro, né? Talvez antes eu fosse muito egoísta, né? (F6, 65 anos).

As narrativas mostram a grande importância do autoconhecimento no processo de mudança, de forma que os cônjuges compreendam o que precisa ser mudado neles mesmos e possam se comprometer seriamente com isto (Doherty et al., 2016). A fala de M5 indica que sua mudança se iniciou a partir de uma forte motivação, ao se conscientizar sobre sua responsabilidade quanto ao que lhe era nocivo; e não pelo esforço inútil do cônjuge, que acabou ativando os problemas da relação pela ênfase natural no negativo (Gurman, 2013). Constata-se que F6 mudou sua atitude em relação às amizades masculinas, quando conseguiu deixar de enfatizar apenas a si mesma e passou a ‘perceber mais’ o cônjuge (Fife, 2015; Knapp; 2015). Ao ter uma maior empatia por ele, F6 entendeu as carências que motivavam seus ciúmes e pôde responder ao conflito sem que fosse dominada por emoções negativas, que as levava, anteriormente, a puni-lo por sua fragilidade de forma ‘impetuosa’ e ‘imatura’ (Perrone-McGovern et al., 2014; Gurman, 2013).

O fato de M4 creditar a Deus a superação das dificuldades que ainda tem no relacionamento mostra que ele prefere não chamar a atenção para si. Além disto, o entendimento de que, se ele tem uma ‘posição’ de querer ‘viver em paz’, ele mesmo deve promovê-la, ilustra sua consciência de limites dos demais e do próprio papel na relação. Tais atitudes são típicas de humildade, o que foi um ingrediente-chave para o florescer de sua relação (Goddard et al., 2016). Assim, nota-se que estes resultados têm em comum o fato de ser importante que se tenha coragem de olhar para suas próprias dificuldades e que se consiga assumir sua parte de responsabilidade pelos problemas anteriores, para que mudanças ocorram e a relação funcione bem em um novo momento (Pearce Plauche et al., 2016).

Alguns entrevistados também mencionaram mudanças positivas nas atitudes de seus cônjuges, o que trouxe maior segurança sobre a estabilidade do relacionamento.

Mudou assim, ele de fato, hoje ele é muito mais homem do que ele era antes. Era um garoto que achava que, literalmente, não tinha que ter nenhuma responsabilidade comigo. Ele dividia a continha e me tratava como se eu fosse a irmãzinha dele. Isso de fato mudou. [...] Claro que ele ainda não é o que eu sonho e acho que nunca vai ser, mas hoje ele já tem outra postura, atitudes mais homem (F2, 39 anos).

Era primeiro o álcool, segundo ter ele como parceiro, companheiro, amigo, marido. Ninguém pode ser transparente nessa relação, passar e não me ver; se fazer de que eu não existo. Eu não quero isso. Isso é uma das coisas que sempre me fez mal. Eu não quero mais não ser vista [...]. Está sendo atendido, está sendo atendido. E está sendo bom. Eu era invisível. Eu hoje não sou invisível (F4, 55 anos).

O relato de F4 deixa claro que tinha consciência exata das novas atitudes que queria, e não queria, de seu cônjuge, cuja base estava no cuidado em ser notada e conhecida por ele em profundidade. Na medida em que seu parceiro demonstrou real interesse por ela, suas necessidades mais íntimas foram atendidas e a relação passou a lhe fazer bem, (Johnson, 2012a; Johnson, 2012b; Goddard et al., 2016). No caso de F2, percebe-se que, ainda que o cônjuge não correspondesse a todos os seus sonhos, ela reconheceu de forma clara que ele havia melhorado em relação ao que foi o motivo central de sua separação – a falta de responsabilidade pela família. Isto mostra que se desapegou de problemas menores e manteve o foco no atendimento à questão de descontentamento principal, sugerindo atitudes de aceitação e positividade (Gurman, 2013; Goddard et al., 2016).

Outros entrevistados citaram o respeito como algo fundamental para o recomeço de uma vida juntos.

Isso, há 20 anos atrás, eu iria! Que se dane se L. ia ficar sozinha, se queria ir. Se não quisesse, eu não queria saber. Eu vou de qualquer jeito, entendeu? Esse tipo de coisa, eu não faço mais (M6, 66 anos).

É, mudou bastante. Mudou, mudou, muita coisa. Eu, eu hoje chego perto de você, te abraço, te beijo e ela não fala nada. Entendeu? Então, isso daí já foi um avanço enorme! [Gargalhadas]. Não só você, mas pessoas do convívio da D., do meu relacionamento... (M1, 55 anos).

Eu sou um cara muito menos egoísta, cooperativo, é... eu sou muito mais preocupado com alguns aspectos que eu achava que não me diziam respeito. Por exemplo, a carreira dela hoje. É importante que ela tenha um trabalho dela e que ela realmente tenha suas necessidades, como profissional, atendidas. No passado, não. No passado, como eu provia tudo,

eu olhava só pra mim. Então, eu quero ser o “bambambam” das multinacionais... (M5, 45 anos).

A partir das falas, se evidencia a mudança do participante, ou de seu cônjuge, ao passarem a respeitar no parceiro o que antes era visto com desprezo, seja sua individualidade, direitos ou desejos (Gottman & Silver, 2015). M5 exemplifica este processo, a partir de um entendimento diferente de que a esposa tinha direito a desenvolver seu potencial profissional, aspecto relevante para os casais nos dias atuais (Heckler & Mosmann, 2016; Norgren et al., 2004). Isto sugere que o veículo que conduz à mudança em direção ao desejo de ser responsivo, e ao reencontro, são as novas experiências emocionais ao se buscar conhecer o outro em sua totalidade, ou seja, compreender seus mais profundos sentimentos (Dalglish, Johnson, Burgess Moser, Wiebe, et al., 2015; Johnson, 2012a; Goddard et al., 2016).

Alguns entrevistados relataram um comportamento de transparência na relação, no sentido de lidar com a verdade a todo o tempo, diferentemente do padrão anterior.

Então eu comecei a ser homem, né? A lidar com as minhas fragilidades, não esconder aquilo que eu sou [...]. Eu quero ser sempre original com meus erros e acertos. Eu estava sempre com uma máscara. Assim, máscara mesmo! Eu não queria que as pessoas vissem meu sofrimento, então eu ficava ali, sempre solícito, mas no fundo do coração, roído. Então, eu aprendi a lidar muito mais com a verdade na relação comigo, entendeu? É. Não escondo o que eu sinto, sabe? (M2, 68 anos).

A transparência. Tudo o que eu tenho que falar com a C. eu falo. Doa ou não doa, entendeu? Não existe situação, entendeu? A C. veio ficar comigo aqui [consultório] em 2010. E ginecologista... é um perigo! [...] Várias vezes, com a C. ali, pessoas me assediam aqui. Eu falo com a C: fica de olho porque, essa cliente, quando voltar... É isso. Se a gente deixar brecha... [...] Tudo mudou pra melhor (M3, 63 anos).

Como se observa nas narrativas, parece não haver mais “máscaras” e segredos entre os parceiros, que, assim, confiam que podem conversar sobre qualquer coisa que sentem ou vivem em seu dia a dia, sem medo de críticas,

acusações, reprimendas e retrações, típicos de ciclos negativos de interação (Johnson, 2012a). O maior engajamento emocional e a comunicação franca entre os cônjuges sugerem que ambos passaram a ser vistos como confiáveis e que seus relacionamentos estavam sadios (Gottman & Gottman, 2017; Gottman & Silver, 2015; Norgren et al., 2004). Além disto, tais comportamentos indicam que houve redução do apego inseguro (Burgess Moser et al., 2016; Dalglish, Johnson, Burgess Moser, Wiebe, et al., 2015; Johnson, 2012b; Wiebe et al., 2017).

A confiança esteve relacionada ao diálogo em vários outros participantes, que o consideraram essencial para que se reencontrassem enquanto par amoroso.

Acho que naquele tempo da separação do primeiro casamento era absurda a dificuldade de diálogo. [...]. Acho que, nesse tempo, a gente muitas vezes conseguiu desviar do embate que não leva a nada, pra conversas que realmente podem valer a pena e sair alguma coisa de positiva aí, de verdade. E acho que se não fosse essa possibilidade de conseguir conversar em alguns momentos, talvez, a gente nem estaria aqui de novo (F5, 45 anos).

Foi a falta de diálogo. Pra mim, assim, foi a primeira, o primeiro ponto. A gente já não tinha mais diálogo, não tinha mais conversa. Eu não compartilhava com ele nada sobre o que eu sentia, nada sobre o que eu vivia dentro de casa porque eu achava que eu era uma mulher inútil e que eu não tinha nada para compartilhar. [...] E a gente se propôs a ter diálogo, a ser transparentes. E cobrar isso um do outro. E assim foi, sabe? A gente começou a praticar essa coisa do diálogo (F3, 36 anos).

O diálogo é fundamental para as coisas. Então, hoje, quando a gente discute por algum problema, a gente discute, mas é mais amigo. A gente não discute da maneira que a gente discutia lá atrás. Hoje a gente tem uma discussão, mas na amizade, mas com mais carinho, com mais respeito. Porque, hoje, chego à conclusão que a pessoa certa pra eu casar tinha que ser a D. [choro emocionado] (M1, 55 anos).

Ao comentarem a respeito do diálogo aberto de seus recomeços, e o compararem ao primeiro casamento, os entrevistados mostraram o quanto ele está intimamente relacionado a outros comportamentos positivos, incluindo a confiança e o afeto, o que os conduziu a ciclos de interação positivas (Alves-Silva et al., 2016;

Gottman & Gottman, 2017; Johnson, 2012b). As narrativas de M1 e F5 mostram o quanto o diálogo foi ‘fundamental’ para que cada casal passasse a gerenciar seus conflitos de forma construtiva, tendo como base a amizade, na medida em que conseguiram discutir mais calmamente sobre as discordâncias (Heckler & Mosmann, 2016). A confiança conquistada desta forma gerou um forte compromisso com a relação, conforme evidenciada por M1, por meio da valorização do parceiro como insubstituível (Gottman e Gottman, 2017).

Assim, nota-se que a comunicação respeitosa e sem barreiras transformou os antigos ciclos dos entrevistados em interações seguras, permitindo que as mudanças fossem duradouras (Johnson, 2012b). Percebe-se, ainda, que a reconstrução da relação exigiu bastante investimento de ambos os cônjuges, que interpretaram isto como um sinal de que estavam vivendo uma nova história (Pearce Plauche et al., 2016). Tal investimento indica que, para que o comportamento mude de forma sustentável, é necessário que haja não apenas determinadas habilidades, mas o sério compromisso com o bem do relacionamento (Fowers, 2001).

A questão de se ter mais atenção e afeto no relacionamento foi considerada, por muitos, como relevante em suas novas vidas.

Antes não tinha atenção pra mim. E hoje ele tem, ele entende isso hoje, que eu preciso. Às vezes eu vejo que ele tá até cansado, e eu tô querendo falar, e eu vejo que ele tá ali... [...] A atenção mudou muito. Tá sempre no telefone: bom dia, como é que tá? É, procura agradar. Muito. Até os presentes que ele me dá hoje [risos] mudaram. Quando vê que tá, que eu tô aborrecida com alguma coisa, ele não deixa pra depois. Ele já faz a intervenção logo. E eu estou conseguindo fazer isso, porque eu tinha muita dificuldade, muita, muita (F3, 36 anos).

Na crise a gente não é... a gente não é muito carinhoso, né? A gente não se dá muito. Na crise você está sempre colocando a pessoa de lado. Você não quer muito contato, tal, tal. [...]. Eu falei: não, eu tenho que investir mais em minha família. Então, eu tenho que buscar mais também esse, esse contato, esse carinho, essa atenção. Então eu procurei me doar mais e ela também (M1, 55 anos).

A partir das narrativas, nota-se que o aumento da proximidade afetiva influenciou positivamente a restauração dos relacionamentos destes participantes

(Gottman et al., 2015; Norgren et al., 2004). O fato de os ex-cônjuges terem sido capazes de se voltar para seu interior e perceber sinais emocionais adaptativos de apego sugere que haviam conseguido estabelecer um bom nível de segurança emocional, importante para a estabilidade da relação conjugal (Zuccarini et al., 2013).

As falas de F3 e M1 explicitam o processo de reconstrução da amizade, na medida em se percebe que há consciência da necessidade de conexão do outro e interesse em atendê-lo com sensibilidade, gerando uma tendência à reciprocidade. Assim, os relatos mostram que, ao valorizarem o cônjuge, ou a relação, os participantes se engajaram em um maior investimento afetivo recíproco, o que os levou a se mover em direção ao maior compromisso e satisfação com a relação (Gottman & Gottman, 2017; Rauer et al., 2014; Schoebi et al., 2012).

Considerando que a conjugalidade necessita de constante investimento para que permaneça viva, constata-se, ao longo de todos os relatos, várias evidências de atitudes e comportamentos citados pela literatura como importantes para a obtenção e manutenção de um relacionamento estável e feliz. Dentre eles estão: humildade, positividade, aceitação do outro, comunicação clara, equilíbrio entre individualidade e conjugalidade, manejo das crises de forma construtiva, demonstração de afeto, de confiança e de amizade (Costa & Mosmann, 2015; Gurman, 2013; Norgren et al., 2004; Goddard et al., 2016).

Considerações Finais

Os resultados deste estudo sugerem que as principais mudanças ocorridas com os parceiros, ao longo de todo o processo, repercutem positivamente no recasamento com o ex-cônjuge, pois passam mensagens de que o caminho adotado foi uma boa escolha. O novo modelo mental evidenciado pelos entrevistados gerou diferentes atitudes e ações, antes impensáveis, quanto ao casamento, indicando que toda a vivência desde o primeiro casamento transformou, em parte, suas identidades. Embora a mudança de expectativas tenha sido importante como reforço ao processo, a mudança de atitudes e comportamentos pareceu exercer um efeito preponderante sobre o recasamento, na medida em que confirma, efetivamente, o compromisso com o “novo” casamento.

Percebeu-se que um fator muito importante na reconciliação é a compreensão de que só faz sentido lutar para que o cônjuge atenda às suas

expectativas, se estas forem viáveis para ele, já que relacionamentos perfeitos são apenas um mito. Isto levou os participantes a aprender a conviver com aquilo que possivelmente não mudaria, a valorizar o que tinham de positivo, e os ajudou a assumir sua parte de responsabilidade pelas questões centrais que os ajudariam a reconstruir seus casamentos. Ao terem coragem e humildade para analisar as falhas de ambos no relacionamento anterior e manterem o foco no problema principal, e não em suas consequências, os cônjuges assumiram um compromisso sério em fazer o que fosse necessário para que a relação funcionasse.

Nota-se, desta forma, que querer se conhecer em profundidade, e ao outro, é essencial à efetivação de mudanças, pois é a partir disto que se pode ter um novo olhar para o parceiro, bem como motivação para se engajar com o processo de forma sustentável. Ou seja, na medida em que se percebe o outro e se responde a ele como uma pessoa em sua inteireza, e não como um objeto, é possível investir em comportamentos que conduzem ao bem-estar no relacionamento.

Apesar de cada casal ter sua história única, foi possível identificar, entre os entrevistados, características comuns que se reforçaram mutuamente, gerando novos ciclos positivos de interação entre os cônjuges. As narrativas mostraram que ser empático com o parceiro, em sua totalidade - medos, desejos, dúvidas, forças, fragilidades, carências, potencial, dentre outros sentimentos e atributos, normalmente, conduz a um maior respeito e engajamento emocional. Na medida em que os cônjuges conseguem explorar e expressar suas emoções e desejos mais primitivos, se cria um novo contexto de conexão, compreensão e satisfação com a relação, o que leva ao atendimento das expectativas viáveis. Isto gera confiança - atributo fundamental para que os relacionamentos se tornem gratificantes, pois, a partir da mesma, se consegue ter acessibilidade, intimidade e gerar diálogos respeitosos e abertos, com os quais se resolvem conflitos maiores e menores. Estes diálogos, por sua vez, viabilizam a restauração da amizade gradualmente, por meio do aumento do afeto, da positividade em relação ao outro e da segurança emocional, o que estimula a reciprocidade e o compromisso entre os cônjuges.

Apesar de o processo não ter sido fácil e ter demandado um grande empenho, percebe-se que tal compromisso foi recompensador para os participantes, visto que mencionaram vários atributos que indicam satisfação e segurança com seus “novos” casamentos. Entende-se que são novos, já que os relatos indicam que

não voltaram a viver “mais do mesmo”. Isto explica o bem-estar atual como um reflexo de lembranças diferentes das relativas ao primeiro casamento; mesmo que se originem de interações com, teoricamente, as mesmas pessoas com as quais se casaram antes. Diante das histórias bem-sucedidas destas pessoas, que reinvestiram em seus casamentos depois de separadas, por poucos ou longos anos, é possível questionar a busca ininterrupta do prazer e os vínculos emocionais enfraquecidos e sem compromisso do tipo “foi bom enquanto durou”, tão valorizados na contemporaneidade. Isto não significa que estas relações não tivessem problemas, mas foi interessante notar como certas mudanças individuais são viáveis e podem ajudar a sustentar a conquista da felicidade no casamento, sem que se tenha que desistir de um parceiro e buscar outro.

Desta forma, os resultados deste estudo podem contribuir com a prática clínica ao ressaltar as principais características que subjazem ao processo de mudança individual em pessoas que desejam buscar reconciliação em seus casamentos. A partir disto, os terapeutas podem encontrar, em conjunto com os clientes, estratégias que os ajudem a aperfeiçoar a amizade, a compreensão, o respeito e a empatia, visando à redução da distância emocional, ao aumento do bem-estar, e a um relacionamento estável. Além disto, estes dados podem ser usados na conscientização sobre como ocorrem seus ciclos negativos de interação, motivando-os a abrir mão deles, ao perceberem que é inútil tentar mudar o outro e que as mudanças viáveis podem ocorrer de forma mais natural.

Esta investigação tem algumas limitações. Seria desejável ter ampliado a duração mínima para o período de separação e o tempo de recasamento, buscando uma maior homogeneização do grupo de participantes. Todavia, o fato de o recasamento com o mesmo cônjuge ser um fenômeno pouco frequente não possibilitou a aplicação deste critério. Além disto, por se tratar de uma temática com escassa literatura específica, na discussão dos dados obtidos neste estudo, foi necessário incluir trabalhos sobre relações amorosas em geral, e não apenas sobre recasamento.

Como o tema é ainda pouco explorado, novas investigações poderiam ser conduzidas, como uma pesquisa longitudinal, a fim de verificar mais à frente se estas pessoas continuam casadas com o mesmo cônjuge e, caso ainda estejam, analisar o nível de bem-estar com o recasamento. Caso não estejam, avaliar em que

medida os motivos que levaram à decisão de se recasar estão relacionados à segunda separação, e as possíveis repercussões desta nova separação. Além disto, um estudo sobre possíveis mudanças de apego, específicas do relacionamento conjugal, a partir das mudanças observadas nesta pesquisa, seria interessante para a elucidação do tema.

5. Atributos do amor no recasamento com o ex-cônjuge: uma reconstrução gratificante

Resumo

O presente estudo, parte de uma investigação mais ampla sobre o recasamento com o ex-cônjuge, tem como objetivo compreender como a expressão do amor contribui para a reconstrução deste tipo de relacionamento, a partir dos componentes da teoria triangular do amor. Realizou-se uma pesquisa qualitativa, na qual foram entrevistados 12 sujeitos independentes, de camadas médias da população do Rio de Janeiro, heterossexuais, casados com o ex-cônjuge, com pelo menos um filho em comum. Para análise dos resultados utilizou-se o método de análise de conteúdo, sendo discutida a categoria *atributos do amor* e suas subcategorias: *intimidade, paixão e decisão/compromisso*. Constatou-se uma proteção natural ao relacionamento por meio dos atributos dos componentes intimidade e decisão/compromisso, formando o amor companheiro, reforçado por doação genuína.

Palavras-chave: amor, intimidade, casamento.

Abstract

The present study, part of a larger investigation on remarriage with the ex-spouse, aims to understand how the expression of love contributes to the reconstruction of this sort of relationship, starting from the components of the triangular theory of love. A qualitative study was carried out, in which 12 independent subjects, from Rio de Janeiro's middle classes population, were interviewed - heterosexuals, married to the ex-spouse, with at least one child in common. For the results analysis, the content analysis method was used, and the *attributes of love* category and its subcategories, *intimacy*, *passion*, and *decision/commitment* were discussed. Findings indicate a natural protection to the relationship through the attributes of intimacy and decision/commitment components, constituting the companion love, reinforced by genuine giving.

Keywords: love, intimacy, marriage.

O amor entre cônjuges pode ser fonte de alegria, prazer e aumento da autoestima mútua, dando espaço para que se tornem o que quiserem (Määttä & Uusiautti, 2012b). Mesmo possuindo o amor dos pais e irmãos, importantes para o desenvolvimento, a maioria das pessoas busca um relacionamento para compartilhar a vida com intimidade até o fim dos dias (K. Sternberg, 2014). Relações de amor facilitam a tarefa das famílias de ensinar o necessário à propagação de uma sociedade civilizada: empatia, confiança e cooperação (Johnson, 2013). Devido à sua complexidade e ao valor para a humanidade, o amor tem sido alvo de vários estudos que buscam compreender sua natureza e suas diferentes facetas, gerando abordagens distintas quanto à sua repercussão sobre as relações (J. Gottman & Gottman, 2017; Johnson, 2013; K. Määttä & Uusiautti, 2013; R. J. Sternberg, 1986).

O amor, sob o viés da teoria triangular (R. J. Sternberg, 1986), é analisado por meio de três componentes com diferentes atributos, formando um triângulo: intimidade, paixão e decisão/compromisso. O autor aponta que expressar amor, em ações específicas, é central na influência dos sentimentos e pensamentos do parceiro sobre si e a relação, bem como sobre seus comportamentos, provocando uma retroalimentação. A intimidade traz a experiência de calor e aconchego a uma relação, por meio de sentimentos que promovem vínculo, proximidade e cumplicidade, oriundos, em boa parte, do investimento emocional no relacionamento (Mazadiego & Garcés, 2011). A parceria tem sido associada à intimidade, pela necessidade de os cônjuges serem flexíveis quanto às funções no casamento, estimulando atitudes de generosidade conjugal e aceitação de diferenças (Amorim & Stengel, 2014; Passos, 2013; Wilcox & Dew, 2016).

Intimidade e decisão/compromisso são mais estáveis e, normalmente, têm grande importância para relações duradouras (R. J. Sternberg, 1986). Estes dois componentes estão relacionados ao apego (Bowlby, 1982) - quanto mais seguro o parceiro se sente na relação, mais pode investir nela sem preocupações com abandono ou traição (K. Sternberg, 2014; Timm & Keiley, 2011). Já a paixão é mais instável e tende a enfraquecer com o tempo (R. J. Sternberg, 1986; Campbell & Kaufman, 2017). Com os anos, há poucas incertezas e surpresas e a paixão pode diminuir. Porém, a amizade, e a intimidade produzida por esta, geralmente, crescem quando as pessoas percebem que são aceitas ao se abrirem (Berscheid, 2010). No

início de uma relação, normalmente, os parceiros valorizam as semelhanças entre eles, o que produz grande bem-estar mútuo, dando início ao vínculo entre os membros do casal. Contudo, quando as pessoas passam a morar em uma mesma casa, as diferenças se amplificam e é comum a paixão perder o colorido (Wagner & Mosmann, 2011).

Muitas pessoas pensam em paixão como algo que acontece somente no começo do relacionamento; entretanto, a paixão pode ser vista como uma função resultante da percepção de aumento no nível de intimidade de um casal, mesmo em relacionamentos de longa duração (Baumeister & Bratslavsky, 1999). Imagens de ressonância magnética funcional do cérebro demonstraram que cônjuges em casamentos longos, que diziam sentir forte paixão por seus parceiros, indicaram respostas neurais em áreas-chave ligadas a recompensas e motivações consistentes com imagens de pessoas no estágio inicial do amor. Todavia, estes cônjuges mais velhos, diferentemente dos mais jovens, também mostraram ativação em regiões associadas ao apego e ao bem-estar, sugerindo sua coexistência com o desejo, em uma espécie de amadurecimento do amor romântico (Acevedo, Aron, Fisher, & Brown, 2012). Em outra investigação norte-americana, contrariando expectativas, 40% das mulheres e 35% dos homens casados por 30 anos, ou mais, reportaram estar fortemente apaixonados por seus cônjuges (O’Leary, Acevedo, Aron, Huddy, & Mashek, 2012). Estes dados mostram que a paixão pode existir em relacionamentos longos, embora isto não seja tão comum.

O terceiro vértice do triângulo, decisão/compromisso, é o componente que possui maior grau de controle consciente entre os três, o que lhe confere a possibilidade de influenciar as ações dos outros dois, como prova do compromisso com a relação, podendo ajudar, inclusive, a evitar uma infidelidade. Este componente é fundamental para os casamentos, pois há épocas de crise em que ele é tudo o que pode mantê-los (R. J. Sternberg, 1986). Nestes momentos, permanecer casado encontra-se intrinsecamente relacionado ao esforço e à persistência dos cônjuges (Wagner & Mosmann, 2011). No estudo de Rizzon, Mosmann e Wagner (2013), decisão/compromisso foi o componente de maior destaque, mesmo diante da carência de intimidade e paixão. Um dos aspectos que tem sido relacionado a níveis mais altos de compromisso conjugal é a religiosidade, em geral (Olson, Goddard, & Marshall, 2013; Karandashev & Clapp, 2016).

R. J. Sternberg (1986) classifica o amor em oito tipos, em função da presença ou combinação dos componentes, ressaltando que estes são “casos limites”, ou seja, muitos relacionamentos não são casos “puros” e se encaixam entre as categorias, pois os componentes se expressam ao longo de um *continuum*: (a) amor ausente, interações ocasionais nas quais inexitem os três componentes; (b) gostar, há intimidade, mas no limite da amizade; (c) amor apaixonado, só existe a paixão e se caracteriza por muita excitação psicofisiológica; (d) amor vazio, proveniente da decisão/compromisso de amar o parceiro, independentemente dos outros componentes; (e) amor romântico, possui intimidade e paixão; (f) amor companheiro, evolui da combinação entre intimidade e decisão/compromisso; (g) amor insensato, combina paixão com decisão/compromisso, precipitando, muitas vezes, casamentos com risco de divórcio; (h) amor completo, apresenta os três componentes.

Outros pesquisadores, tais como John Lee (1977) e Ellen Berscheid (2010), também especificam estilos diferentes de amor, em função da existência de determinados atributos, sendo alguns coincidentes com os que pertencem aos componentes da teoria triangular. Estes tipos parecem formar sistemas de crenças e atitudes, podendo mudar em função de fatores como, pessoas envolvidas, estágios de vida, tempo decorrido, e outros, levando uma mesma relação a passar por mudanças ao longo da vida (Berscheid, 2010; R. J. Sternberg, 1986).

De acordo com Lee (1977), há seis estilos de amor: três primários - *eros*, *ludus* e *storge*; e três secundários - *mania*, *pragma* e *ágape*. *Eros* se caracteriza por atração pelo tipo físico ideal; *ludus*, por cuidadoso controle do envolvimento emocional e relações curtas; e *storge* pelo companheirismo e afeição gradualmente desenvolvidos. *Eros* é o tipo de amor no qual, normalmente, se pensa quando se fala em amor romântico; já os parceiros que possuem o estilo *storge* manifestam grande compromisso com a relação, a ponto de, possivelmente, continuarem amigos, caso haja um rompimento; em contrapartida, aqueles que demonstram *ludus* preferem ficar solteiros e têm maior probabilidade de ser infiéis do que os outros dois (K. Sternberg, 2014).

Mania é a combinação de *eros* com *ludus* - um amor intenso, possessivo, no qual a pessoa sente necessidade constante de saber que é amada. No estilo *pragma*, resultado de *storge* e *ludus*, a pessoa avalia seriamente diversos aspectos de

compatibilidade pessoal antes de se decidir e se comprometer. O amor *ágape*, mistura de *eros* com *storge*, enfatiza a gentileza e o altruísmo, sendo mais guiado pela razão do que pela emoção (Lee, 1977). *Pragma* foi associado ao início das relações; *mania*, a fatores que sugeriram um amor obsessivo em potencial; e *ágape*, a várias atitudes para a manutenção da relação (Hammock & Richardson, 2011).

Segundo Berscheid (2010), há quatro tipos de amor – romântico, companheiro, compassivo, e de apego adulto. O amor romântico combina amizade e desejo sexual; o amor companheiro é o afeto especial sentido por alguém muito próximo. Conforme a autora, este último também é conhecido por outros nomes, inclusive, *storge*. Perante tal conceituação, os dois construtos se assemelham aos que têm a mesma denominação na teoria de R. J. Sternberg (1986). Dentre os principais atributos do amor companheiro estão: investimento no relacionamento, maior nível de religiosidade e carinho (Karandashev & Clapp, 2016). Quando o possuem, os parceiros gostam muito de estar juntos, se respeitam, mas não, obrigatoriamente, sentem atração sexual mútua (Acevedo & Aron, 2009). Os resultados do estudo de Sprecher e Hatfield (2017) apontaram um nível de concordância bastante baixo quando os participantes foram indagados se achavam que o casamento deveria ser rompido, se o amor companheiro continuasse, mas o amor apaixonado acabasse. Para Fehr (1988), os conceitos de amor companheiro e de compromisso se sobrepõem muito, pois demonstrar compromisso também inclui aspectos afetivos.

A dimensão do cuidado tem sido bastante explorada por vários autores, ao estudarem o amor compassivo e suas repercussões sobre as relações amorosas (Feeney & Collins, 2015; Fehr, Harasymchuk, & Sprecher, 2014; Reis, Maniaci, & Rogge, 2014; Sabey, Rauer, & Haselschwerdt, 2016). Os comportamentos do amor compassivo buscam o bem-estar e o alívio da angústia do parceiro. Este tipo de amor tem alguns pseudônimos, tais como *ágape* e “responsividade mútua” (Berscheid, 2010). A “responsividade” implica na expressão autêntica de emoções e de atos de cuidado sem que se exijam benefícios, ainda que gere certo sacrifício, o que aumenta a probabilidade de o cônjuge ter o mesmo tipo de comportamento (Clark & Mills, 2012; Finkel, Simpson & Eastwick, 2017). O amor compassivo, consistentemente recebido ao longo do tempo, possui grande possibilidade de ser o processo primário gerador do amor de apego, nas relações românticas Berscheid

(2010). No casamento, o apoio incondicional mútuo gera um crescente senso de segurança, por não se temer a rejeição ou crítica, vital ao compromisso (Beck & Clark, 2010).

Ao se analisar o amor frente ao casamento contemporâneo, é necessário notar que o atual contexto sociocultural, oriundo de várias mudanças que atingiram os valores, as regras sociais e os papéis de gênero levam a sociedade, em geral, a ser menos conservadora e a não considerar o casamento como uma aliança indissolúvel (Giddens, 1993; Jablonski, 2010). Como efeito, gera-se uma fragilidade conjugal, muito marcada pelo conflito entre se aliar grande independência e individualismo ao forte envolvimento afetivo, à segurança e a um único projeto conjugal (Bauman, 2004; Borges, Magalhães, & Féres-Carneiro, 2014; Finkel, Hui, Carswell, & Larson, 2014; Neves, Dias, & Paravidini, 2013).

Diante deste cenário, investigar como se apresenta o amor em pessoas que tiveram questões em seus casamentos que as levaram a se separar, mas depois decidiram se recasar uma com a outra, pode levar à compreensão sobre o que mais importa para se manter um casamento gratificante. É importante mencionar que a escassez de estudos sobre este tipo de recasamento reforça a relevância da temática para a ampliação do entendimento sobre a dinâmica relacional dos casamentos, em geral. Assim, o objetivo deste estudo é compreender como a expressão do amor contribui para a reconstrução do relacionamento conjugal, no recasamento com o ex-cônjuge, a partir dos componentes da teoria triangular do amor.

Método

Participantes

A pesquisa de campo foi realizada com 12 sujeitos independentes, ou seja, membros de casais distintos (seis homens e seis mulheres), pertencentes às camadas médias da população do Rio de Janeiro, heterossexuais, casados com o ex-cônjuge e com, pelo menos, um filho em comum. Não foi exigido um registro civil para o casal ser considerado casado ou separado. Durante o período de separação, os participantes viveram em moradias distintas. A Tabela 1 apresenta uma descrição de seus perfis e a duração de suas transições conjugais.

Tabela 1

Características dos participantes e duração das transições conjugais

Cônjuge	Idade	Escolaridade	Religião	Duração (em anos)		
				Primeiro casamento	Separação	Recasamento até a entrevista
F1	59	Superior	Católica	5	13	18
F2	39	Pós-Graduação	Católica	7	2	3
F3	36	Superior incompleto	Protestante	5	9	8
F4	55	Superior	Nenhuma	17	16	1
F5	45	Superior	Católica	10	1 e meio	8
F6	65	Superior	Budista	11	15	18
M1	55	Pós-Graduação	Protestante	5	1	20
M2	68	Superior	Católica	15	12	22
M3	63	Superior	Protestante	22	4 e meio	16
M4	76	Ensino Médio	Protestante	25	20	6
M5	45	Pós-Graduação	Católica	12	1	2
M6	66	Superior	Católica	7	25	1 e meio

Instrumento

Foram utilizadas entrevistas individuais com roteiro semiestruturado, que foram gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas integralmente. O roteiro foi formulado com base na revisão da literatura sobre o tema e enfocou os seguintes eixos temáticos: significados e expectativas sobre casamento; questões ligadas à parentalidade e influência dos filhos na separação e no recasamento; acontecimentos com maiores repercussões para a separação; diferenças e semelhanças entre o recasamento e o primeiro casamento; experiências e atitudes após a separação quanto a trabalho, finanças, relacionamentos, dentre outros; perdas e ganhos com a separação e o recasamento.

Procedimentos

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética (Parecer nº 2016-27) da instituição onde foi desenvolvido. A indicação de participantes ocorreu por meio da rede de relacionamento da pesquisadora, constituindo uma amostra de conveniência. As entrevistas tiveram a duração de uma a duas horas e o local, data e horário foram agendados de acordo com a disponibilidade dos participantes.

Todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando a divulgação dos resultados em ensino, pesquisa e publicação, e foram informados de que a sua identidade e a de seus familiares seriam resguardadas.

Análise dos dados

Para análise dos dados obtidos nas entrevistas, foi utilizado o método de análise de conteúdo, na sua vertente categorial, como proposto por Bardin (2011). O método permite a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção das mensagens, ou seja, conhecer aquilo que está por trás das palavras. Sua base reside na articulação entre a descrição e análise dos textos e os fatores que determinaram estas características, deduzidos através da lógica. Ao se realizar a leitura, os relatos considerados relevantes ao encaminhamento das discussões foram agrupados por similaridade de significado e relacionados, entre si, até que as categorias temáticas emergissem das falas.

Resultados e Discussão

O presente estudo apresenta parte dos resultados de uma pesquisa mais abrangente que buscou compreender, a partir do relato dos participantes, os principais fatores que contribuem para a reconstrução do relacionamento conjugal no recasamento com o ex-cônjuge. Para a apresentação dos resultados, os participantes serão-nomeados como F (feminino) e M (masculino) e numerados de 1 a 6, tendo sua idade indicada.

Uma das questões observadas foi a de que todos os entrevistados mencionaram atitudes ou sentimentos bastante alinhados aos conceitos dos componentes do amor (R.J. Sternberg, 1986), como algo relevante às suas histórias. Para atingir os objetivos deste estudo, ou seja, compreender como a expressão do amor contribui para a reconstrução do relacionamento, no recasamento com o ex-cônjuge, a partir dos componentes da teoria triangular do amor, será discutida a categoria de análise *atributos do amor*, desdobrada em três subcategorias: *intimidade, paixão e decisão/compromisso*.

Atributos do Amor

Concebe-se, neste trabalho, atributos do amor como as diversas características dos participantes que expressam amor pelo cônjuge, sejam em forma de sentimentos ou atos. Salienta-se que, embora se possa dividir o amor em

componentes, não se pode perder a visão do todo, ao se analisar a forma como as pessoas o expressam, pois eles interagem entre si, gerando diferentes tipos de amor (R. J. Sternberg, 1986). Para enriquecer a compreensão, os tipos de amor foram, também, articulados a construtos de outras teorias.

Intimidade

A intimidade, como ressaltada por (R. J. Sternberg, 1986), pode ser expressa quando se comunicam os mais profundos sentimentos, demonstrando afeto, compartilhando tempo e recursos, valorizando o outro, dentre outros comportamentos. Ao serem indagados sobre ganhos e aprendizado com o recasamento, bem como sobre semelhanças e diferenças em relação ao primeiro casamento, quase todos os participantes mencionaram vários atributos relacionados ao componente intimidade como importantes à reconstrução da relação. Alguns destes atributos já existiam no primeiro casamento e se mantiveram como padrão, enquanto outros foram desenvolvidos no recasamento.

Ter um companheiro junto, ter uma pessoa pra dividir a vida de carinho, pra te apoiar nas horas ruins, te dar carinho, cuidar de você. Isso é muito, muito bom! Ter alguém assim que você confie completamente é muito bom! Se você for pesar as duas coisas, é menos sexual do que afetiva, do que amorosa. Mas os ganhos são muitos! Ter alguém com quem você possa contar e ter ele sempre do seu lado (F1, 59 anos).

Eu sentia na obrigação de ajudar, mas eu não queria fazer isso escondido e chegava assim: L. [cônjuge], eu queria ver se eu arrumasse alguma coisa prática pra poder ela [mãe de filhos fora do casamento] dar continuidade porque eu não estou lá com as meninas 24 horas. Aí ela [cônjuge] falou assim: 'olha, faz isso mesmo. O que ela faz?' Aí a gente ficava conversando sobre isso. Eu achava legal isso dela! Apoiadora. Aí, os três: J., L. e R. [filhos fora do casamento] adoram ela! (M2, 68 anos).

É uma coisa assim de querer cuidar mesmo, sabe? A paixão, não é mais paixão, né? Isso é diferente, né? Eu acho que agora é mais esse..., é uma coisa de companheirismo. De companheirismo, né? (F6, 65 anos, F).

Percebe-se claramente que os participantes demonstram enorme bem-estar por terem seus cônjuges novamente a seu lado, como grandes companheiros e

apoiadores. A partir das narrativas, observa-se a confiança entre os cônjuges, mas não na forma de uma dependência emocional imatura, e sim, ao ver o parceiro como uma grande fortaleza, o que impulsionou este bem-estar (Johnson, 2013). Ao valorizar atributos de intimidade – companheirismo, parceria, apoio e amizade, alguns entrevistados comentaram sobre a redução da paixão, mas isso não os fez desvalorizar tudo o que tinham como casal (R.J. Sternberg, 1986; Berscheid, 2010). Nota-se que a atitude positiva e o respeito de um cônjuge em relação ao outro aumentou a intimidade e o prazer de reconstruírem a vida juntos, ajudando a equilibrar o jogo de poder entre eles (Gottman & Silver, 2015).

Os participantes relataram que a amizade foi algo que se fortaleceu com uma maior intimidade, tornando-se um atributo importante para o relacionamento restaurado.

A amizade que, que ela sempre teve pra mim e eu pra ela, isso só fortaleceu. Nós sempre fomos amigos. Grandes amigos. Tudo o que eu sei da vida dela, ela sabe da minha (M3, 63 anos).

E eu acho que cada dia mais a gente tem uma parceria, a gente tem uma amizade enorme. Ele me ama profundamente, eu amo ele. Eu acho que eu gosto de toda a história (F4, 55 anos).

No companheirismo, assim, mudou muito. A. passou a ser um cara-muito presente, muito família. Ele tem liberdade pra fazer os programas dele, como eu também tenho, e acho que é bom, mas é de uma forma diferente, do que foi naquele ponto da separação (F5, 45 anos).

Os resultados obtidos evidenciam que uma profunda amizade é fundamental para se manter uma relação recompensadora, ao protegê-la da necessidade de competir com o cônjuge (J. M. Gottman & Silver, 2015). Os dados também mostram a associação negativa entre o estilo *storage*, cujo principal fundamento é a amizade, e razões para o término de uma relação (Hammock & Richardson, 2011). Na percepção de F5, como exemplo, seu primeiro casamento acabou, sobretudo, pelo distanciamento emocional devido a frequentes atos individualistas do parceiro. Quando se recasaram, isto mudou muito e, atualmente, ela percebe um forte companheirismo na relação.

Parceria e cumplicidade foram outros atributos considerados, pelos entrevistados, como bastante importantes para a manutenção cotidiana de seus relacionamentos.

As qualidades dele me faziam falta. [...] Ah, ele é muito compreensivo, o G., é muito de sentar e conversar, até mais do que eu. Ele é uma pessoa ponderada e eu sou o inverso. Então, ele era um freio. Ele é ainda pra mim. E aquela coisa do olhar, me conhece, sabe como é que eu tô. Aquela cumplicidade de olhar. Essas coisas fazem falta pra gente (F3, 36 anos).

D. às vezes chegava tarde porque ela estava dando treinamento. Eu levantava cedo, arrumava ela [filha] pra escola; depois meio dia eu saía e buscava ela na escola. Depois que o V.[filho] nasceu, ela tirava leite, deixava na geladeira e, então, treinamento à noite. Eu chegava, ficava com V., dava mamadeira e aí ficava com ele. Depois brincava, fazia ele dormir (M1, 55 anos).

Hoje eu acredito que deve haver um papel de pura e total parceria em todos os aspectos. Seja o aspecto profissional, financeiro, emocional e, posteriormente, também, na educação dos filhos, né? (M5, 45 anos)

Os relatos mostram cumplicidade e parceria, tanto por meio do prazer sentido em ser profundamente compreendido pelo parceiro, quanto pela atitude de compartilhar as tarefas domésticas, devido a questões profissionais. Estes exemplos conduzem à reflexão de que certas mudanças nos valores sociais, ao transformarem os papéis de gênero no casamento e a forma de se comunicar, podem trazer maior proximidade entre os cônjuges (Heckler & Mosmann, 2016). A cumplicidade pode ser vista sob um prisma de parceria intimista, como na narrativa de F3, que ilustra uma convivência próxima e harmônica de pessoas diferentes, respeitando-se a subjetividade (Passos, 2013). Já as falas de M1 e M5 exemplificam atitudes de flexibilidade no cotidiano do casal, necessárias para que se considere que existe uma relação de parceria, o que os apoiou na estruturação de uma história comum (Amorim & Stengel, 2014; Dew & Bradford Wilcox, 2013).

De modo geral, se observa nas narrativas dos entrevistados uma ênfase no compartilhar e na conexão coexistindo com a convivência pacífica e autônoma, sem

necessariamente haver forte atração sexual (Karandashev & Clapp, 2016; Acevedo & Aron, 2009).

Paixão

A paixão é comumente ativada por atração e carinho físicos, desejo sexual e romantismo, causando, muitas vezes, fascinação, fortes emoções e êxtase. Outras questões como carências, baixa autoestima, relação de domínio e submissão podem contribuir para a paixão (R. J. Sternberg, 1986). Poucos participantes citaram características ligadas a este componente, como partes integrantes do processo de reconstrução do relacionamento.

Eu gosto de olhar a minha mulher. Ela já está com rugas.... Eu olho pra ela e ela fica... eu observo, eu olho e eu acho ela tão bonita! Eu vejo as rugas.... Porque eu comecei a namorar ela, ela tinha 16 anos, pô! Então, eu vivi todo esse processo de envelhecimento. Eu olho pra ela e fico... Meu Deus, o quanto ela é bonitinha! As rugas, pô, as rugas durinhas. E não me incomodam, cara! (M6, 66 anos)

Eu acredito no amor, mas não aquele amor, hoje, como era lá do... da minha época de romantismo. Existe romantismo, mas aquele romantismo maduro, com perspectiva, com direcionamento, com orientação, com renúncia, com idas e vindas de pensamento, com aceitação (M2, 68 anos).

A fala de M6, bastante romântica e afetiva, ilustra a possibilidade de se viver a paixão, de forma poética, não apenas quando se é jovem. O romantismo também foi citado por M2, com 37 anos de casamento no total, mas não da mesma forma que o sentiu no passado e distinto do que, normalmente, as pessoas mencionam. Percebe-se que os relatos são antagônicos ao mito de que a paixão é sempre passageira, corroborando recentes estudos que sugerem ser possível que ela exista não apenas na juventude ou no início de uma relação, já que o tempo de relacionamento e a idade não tiveram grandes efeitos redutores sobre ela (Lemmetty, 2015; O'Leary et al., 2012). As narrativas se mostram alinhadas à ideia de amadurecimento da paixão, na medida em que os cônjuges expressam seus fortes sentimentos, mas de forma ponderada e segura, diferentemente do que se percebe nos estágios iniciais do amor (Acevedo et al., 2012). Nota-se que os participantes mostram atitudes que tendem a elevar continuamente a percepção de aumento no

nível de intimidade, o que facilita que se sinta a paixão, mesmo em relações longas (Baumeister & Bratslavsky, 1999).

No entanto, assim como um vício, o amor pode ter, também, um componente tirânico e aglutinador (M. Määttä, Uusiautti, & Määttä, 2012). A fala a seguir retrata a proposição, pela mulher, de um desafio muito complicado para as condições do marido; porém, ele superou os obstáculos e conseguiu seu objetivo final, que era retomar o casamento.

*Aí eu mandei essa: você faz o concurso. E o cara passou! 6 meses.... Até um dia que ele chegou pra mim em casa, jogou o jornal, não entendi nada, todo feliz! O que é isso? [Ele] 'Lê aí'. Eu peguei uma lista com um monte de nomes. Comecei a gelar. [Ele] 'Que nome é esse? Pois é! Tô voltando agora! Vou em casa, pegar minha mala'. E foi assim que voltamos [gargalhadas]. [Ele] 'Você é minha, p*****!' (F2, 39 anos)*

Observa-se que o principal componente motivacional para este recasamento foi a paixão do marido, demonstrada por meio de sentimentos e comportamentos similares aos do estilo de amor *mania* e representada por um cônjuge apaixonado que consegue algo muito difícil, mas não impossível, quase uma resistência cega (R. J. Sternberg, 1986). Percebe-se ainda que, não apenas o marido, mas a mulher, igualmente, parece ter este estilo de amor, pois não conseguiu se posicionar firmemente diante das atitudes do cônjuge, opostas à sua vontade, mostrando uma postura de perplexidade e submissão doentia. A análise deste relato sugere um amor muito exagerado e dificuldade em terminar o relacionamento, devido à enorme dependência emocional, típicos do estilo *mania* (Hammock & Richardson, 2011).

Por estas narrativas, constata-se que, embora a paixão não seja exigida para a manutenção de um casamento, pela maioria das pessoas, a mesma pode existir e gerar prazer em relações de longo prazo e em qualquer idade.

Decisão/Compromisso

Este componente representa a decisão cognitiva de amar alguém e o compromisso de investir e manter aquele amor no decorrer dos anos. Segundo R. J. Sternberg (1986), atitudes como, fidelidade, cumprimento de promessas, se manter na relação mesmo com as dificuldades, demonstrar engajamento, e assumir o casamento mostram sua existência. Grande parte dos entrevistados deste estudo

citou situações ou convicções que manifestam a essência do componente decisão/compromisso.

Minha mãe tá com 86, mora comigo. [...] Tá sendo muito difícil ver a decadência. Então, conviver com isso tá sendo uma coisa, emocionalmente terrível pra mim. E obviamente em quem que eu desconto? É nele. Coitado, né? E por mais que eu enxergue isso e não queira fazer isso, eu faço, né? Mas aí, a, a gente consegue contornar. [Ele]: 'Então, vamos sair, vamos fazer não sei o que, né? Vamos te tirar disso daqui' (F1, 59 anos).

Ele sempre me incentivou muito, sempre foi muito meu parceiro. Fui parceira dele também. Aprendemos a viver situações apertadas juntos muito bem, passamos problemas muito bem, pensamos em filhos no mesmo momento [...]. Então, acho que a gente tinha muita afinidade (F4, 55 anos).

Alguns entrevistados, como F1, deixam claro que a unidade do casal foi fundamental para enfrentar situações complexas, com segurança. Neste sentido, os dados sugerem que o amparo mútuo e consistente reforça o bem-estar em casais mais maduros, levando ambos os cônjuges a confiar nas promessas de ficarem juntos nos bons e maus tempos (Määttä & Uusiautti, 2012b). Outros participantes enfatizam que o incentivo recíproco e o aprendizado comum reforçaram os laços conjugais e a construção de uma história comum, ilustrando que, quando os cônjuges se engajam nas necessidades do outro, constroem um profundo senso de significado para a vida a dois. Percebeu-se, assim, que compartilhar objetivos pessoais com o cônjuge não apenas aumentou a intimidade entre os parceiros, mas na medida em que ambos trabalharam juntos para atingi-los, a relação se fortaleceu bastante (J. M. Gottman & Silver, 2015). O fato de saberem que o cônjuge estaria ali para fortalecê-los, fez com que os entrevistados se sentissem mais confiantes em suas habilidades de vencer desafios, o que é essencial aos relacionamentos amorosos (Johnson, 2013).

Outra maneira utilizada, pelos participantes, para expressar o componente decisão/compromisso foi por meio de um retrato mais cognitivo e ligado a uma consciência amadurecida, que considera a vida conjunta e valoriza o que o casal tem de positivo, independentemente de problemas ou outras opções, evidenciando o poder desta decisão.

Mesmo se houver mais brigas, eu não vou querer separar, sabe? Sabe, aquela coisa de 'fizemos uma história', né. É uma história (F6, 65 anos).

Eu acho que até o fim da minha vida esse casamento vai dar certo porque eu não vou abrir mão dele (M4, 76 anos).

Eu aprendi que eu sou esposa dele [cônjuge] e eu tenho que estar do lado dele. Então, tem que estar de olho? Tá, tem que estar de olho. Só que, assim, eu o amo, e eu cheguei a esta conclusão (F3, 36 anos).

Hoje a minha visão é mais ou menos essa. É um compromisso. Mas não é um compromisso de contrato. É um compromisso de coração. E sincero, com muita verdade. Eu não deixo meus sentimentos tomarem conta de mim. Eu dou nome, eu boto eles aqui ó... [bate no peito] desculpa, eu tô com tesão, mas esse tesão não foi provocado pela minha relação com a minha mulher. Hum.... Não posso, não vai me dominar (M2, 68 anos).

As narrativas indicam sério compromisso com os relacionamentos em questão, visto que os entrevistados, além de exibirem alguns dos atributos mencionados como centrais para isto, tais como, perseverança, fidelidade, responsabilidade, viver para o outro e ser consistente, também mostram firme decisão de não os violar (Fehr, 1988). Percebe-se que uma boa estratégia para se manter este componente nos casamentos é a valorização da relação em si, da história compartilhada e da felicidade que sentem (R. J. Sternberg, 1986; O'Leary et al., 2012). Uma explicação possível para a nítida visão de indissolubilidade do casamento nestas falas seria a forte ligação a valores religiosos e o apoio de uma mesma comunidade de fé, o que estes quatro participantes possuem (Karandashev & Clapp, 2016; Olson, Goddard, & Marshall, 2013). Os relatos mostram que o amor pode suceder a uma decisão, embora isto não seja comum na cultura ocidental, como o é em algumas culturas orientais, em que casamentos são arranjados (R. J. Sternberg, 1986).

Uma dimensão bastante relevante, evidenciada pelas narrativas, foi a de cuidar e ser cuidado nas diversas instâncias da vida em comum. Alguns participantes relataram vivências com graves doenças e, nota-se que, nestes momentos, o fato de se sentir cuidado foi essencial para o aumento da intimidade e

do compromisso com a relação, pois quando um dos cônjuges fica doente, ambos são pressionados.

E de repente ela pulou da cama e correu pra janela. Abriu a janela e ficou... [imitou respiração ofegante]. O que é que foi meu amor, o que é que está acontecendo? Não conseguia falar... e com coração disparado, [...] fui, abracei ela, e... fique calma, calma. Fui fazendo carinho nela e a gente sentou pra conversar mais tarde. Ela viveu uma crise por muito tempo com relação a essa situação. Aí, cheguei e falei: gente, o que é isso? Fiquei preocupado, né? Aí, fomos a médicos e descobrimos que ela tem síndrome do pânico, que trata até hoje (M1, 55 anos).

E isso pra mim tem uma importância!... Porque surgiu o seguinte: a operação não é nada perto do pós-operatório. O pós-operatório é muito importante porque você tem que reagir a aquilo ali. E ela foi fantástica, cara! Ao mesmo tempo nós voltamos a nos reaproximar. Pouco tempo depois, eu já tinha me recuperado e, graças a Deus, as sequelas foram muito pequenas e tal, e a gente resolveu reatar (M6, 66 anos).

Estes relatos evidenciam as repercussões da dimensão do cuidado sobre as relações amorosas (Clark & Mills, 2012; Fehr, et al., 2014; Sabey et al., 2016). As falas corroboram resultados de estudos que ressaltam que, na velhice, a importância de se ter a convicção do amparo, pelo parceiro, se amplifica, devido aos desafios específicos deste período (Berscheid, 2010; Määttä & Uusiautti, 2012b). Percebe-se que os entrevistados que citaram o componente compromisso vivenciaram, ao longo de seus casamentos, situações nas quais demonstram atitudes de pessoas confiáveis, com as quais se pode contar a todo o tempo (Lemmetty, 2015).

É importante notar que o amor compassivo foi expresso no casamento destas pessoas, por meio de atitudes sinceramente responsivas, não somente na velhice ou nas dificuldades.

Eu com a preocupação do seguinte: eu já sou aposentado e mais velho. Então, no ciclo natural, eu vou morrer antes dela, e vai ser uma pensãozinha que eu vou deixar, entendeu? E isso dá uma rendinha que vai dar pra ela viver mais um pouquinho. Acho que isso vai ser também uma

forma de ajudá-la, né? Porque isso aí faz parte, você não vive só dos belos olhos (M6, 66 anos).

Passou 7 meses que nós estávamos morando juntos novamente e ele foi chamado pra trabalhar em A. [outra cidade]. Eu falei: não, vamos embora! Se essa é a sua chance, é agora que a gente tem que ir enquanto a gente tá novo. Esse é o momento de ir, de arriscar. Aí eu larguei tudo, larguei emprego (F3, 36 anos).

Constata-se, nos exemplos, a preocupação com a provisão financeira da família e a disposição de se mudar de local de moradia pela necessidade do cônjuge, que são algumas formas de se expressar o amor compassivo no casamento (Sabey et al., 2016). Este tipo de resposta é importante, inclusive, nos períodos de prosperidade, durante os quais comportamentos construtivos, como o entusiasmo de F3, comumente, geram resultados positivos e aproximam os parceiros espontaneamente (Feeney & Collins, 2015). Os participantes mostraram “responsividade” ao terem sensibilidade para atender às necessidades específicas de seus cônjuges, sem demandar reciprocidade (Clark & Mills, 2012; Finkel, Simpson & Eastwick, 2017). Observa-se que os comportamentos mutuamente responsivos do amor compassivo influenciaram o bem-estar e o engajamento com a relação e aumentaram a intimidade e o compromisso, na medida em que os cônjuges se sentiram próximos e conectados (Campbell & Kaufman, 2017; Fehr et al., 2014; J. Gottman & Gottman, 2017; Reis, Maniaci, & Rogge, 2014).

Ao se analisarem os dados relativos aos três componentes do amor, percebe-se que os entrevistados tendem ao amor companheiro que, dentre outros atributos, é composto por maior ênfase no cuidado e no servir a seu parceiro, do que na compatibilidade com ele (Karandashev & Clapp, 2016). Ao serem valorizados atributos de intimidade e compromisso sem que, obrigatoriamente, haja muita atração sexual, os resultados sugerem não apenas a presença do amor companheiro nestes casamentos, mas também, que este tipo de amor pode mantê-los gratificados ainda que o amor apaixonado acabe (Sprecher & Hatfield, 2017).

Além disto, os participantes mostram que se esforçam para ter comportamentos compromissados e sinceramente responsivos, e não de barganha. Nota-se que tais atitudes facilitam a continuidade em um casamento, pois é difícil se manter em uma relação na qual há uma contínua avaliação sobre se comprometer,

ou não (Beck & Clark, 2010). Assim, ao se analisar este conceito, em conjunto com as narrativas da presente pesquisa, se percebeu a ligação entre o amor companheiro e a responsividade mútua do amor compassivo, na busca por um casamento recompensador e estável.

Considerações Finais

Os resultados deste estudo sugerem que um dos fatores que protege, de maneira natural e gratificante, o processo de reconstrução do relacionamento no recasamento com o ex-cônjuge é a interação entre os atributos pertencentes aos componentes intimidade e decisão/compromisso, formando o amor companheiro. Constata-se pelas narrativas que, mesmo que o casamento tenha assumido outro lugar quanto a expectativas e significados, sentimentos de aconchego, harmonia e amparo, produzidos pelo investimento em uma relação conjugal, continuam sendo desejados e valorizados, independentemente de idade, atração sexual e tempo de relacionamento. Além disto, os dados indicam que amar como doação de si, em diferentes aspectos e sem barganhas, funciona como indicador de que há disposição para investir no casamento no longo prazo. Esta atitude reforça o compromisso de que estarão unidos contra as diversas intempéries da vida conjugal.

Percebe-se, ainda, que há um bom nível de influência recíproca na interação entre os atributos de intimidade e de decisão/compromisso; o que não ocorre com os atributos do componente paixão. Apesar disto, é importante ressaltar que, inclusive, em relacionamentos de longo prazo, observou-se que pode existir paixão em alguma medida. Dentre os atributos do componente intimidade, o companheirismo, a amizade, e a parceria estiveram presentes em vários momentos ao longo da vida destes casais, sugerindo que possuem grande importância para seus relacionamentos. No tocante ao componente decisão/compromisso, chama a atenção o valor dado à questão de poder contar com um parceiro conjugal dedicado, que ajude em dificuldades que surgem para todos, ilustrando, sobretudo, a interseção natural entre os laços de intimidade e os de decisão/compromisso. São também surpreendentes os relatos que mostram que uma decisão mais cognitiva e racional pode levar alguém a se comprometer com o casamento seriamente, sem que isto seja pesado, conduzindo, inclusive, à maior intimidade.

As narrativas evidenciam que as pessoas são mais felizes quando tem um cônjuge que se compromete legitimamente com elas em momentos bons e ruins, se

tornando cúmplice dos seus sonhos, e que as aceita como são, ainda que as encoraje a ser melhores. Embora a sociedade atual valorize um nível de independência emocional no qual as pessoas são exortadas a amar demasiadamente a si mesmas antes dos outros, neste estudo, notou-se que ser sensível às necessidades do outro parece fundamental para os processos relacionais. Tal atitude gera maior confiança e promove o bem-estar de ambos os cônjuges.

Viver a dois é difícil – são dois mundos estruturados de formas diferentes que precisam conviver – entretanto, as histórias de amor relatadas nesta pesquisa apontam que a intimidade é reforçada pela interação harmônica de ambos os parceiros, ao compartilharem experiências de superação de problemas, e não apenas bons momentos. Todos os participantes falaram de decepções e frustrações em seus casamentos e, alguns, inclusive, foram acometidos por doenças; porém, resistir a isto juntos mostrou que casamentos podem durar e ser agradáveis, se as crises forem vivenciadas com paciência e amor. Afinal, não há soluções fáceis para a maioria das coisas na vida e, se as crises forem vividas como desafios, isto pode ser uma oportunidade de crescer. Os entrevistados mostram que lutar para superá-las é uma boa escolha para isto.

Muitos estudos enfocam o que não funciona no casamento, o que, talvez, se deva ao fato de que problemas chamam mais a atenção, ao se observar a clínica com famílias. Contudo, a presente pesquisa se volta para os aspectos funcionais da relação. Seus resultados, ao contribuírem para uma maior compreensão sobre o amor em pessoas recasadas com o ex-cônjuge, ajudam a entender o que promove maior satisfação na dinâmica conjugal, em geral. Assim, fornecem subsídios à reflexão dos cônjuges que se separaram e pensam em se recasar, bem como aos profissionais procurados pelos casais em crise.

Esta investigação tem algumas limitações. Seria desejável ter ampliado a duração mínima para o período de separação e o tempo de recasamento, buscando uma maior homogeneização do grupo de participantes. Todavia, o fato de o recasamento com o mesmo cônjuge ser um fenômeno pouco frequente não possibilitou a aplicação deste critério. Além disto, por se tratar de uma temática com escassa literatura específica, na discussão dos dados obtidos neste estudo, foi necessário incluir trabalhos sobre relações amorosas em geral, e não apenas sobre recasamento.

Novas pesquisas sobre o tema poderiam ser feitas em outras cidades e camadas sociais, assim como comparando homens e mulheres, em busca de investigar se há diferenças de gêneros com relação aos atributos do amor. Seria interessante também analisar a possível relação existente entre os motivos que levaram estes cônjuges a se separar e as dificuldades com relação aos atributos do amor.

6. Conclusão

O objetivo geral desta investigação foi compreender, a partir do relato dos cônjuges, os principais fatores que contribuem para a reconstrução do relacionamento conjugal no recasamento com o mesmo cônjuge. Para que houvesse um entendimento mais abrangente deste processo, fez-se necessário abordar, em primeiro lugar, o que levou os ex-cônjuges a se reaproximarem. Neste sentido, os resultados mostram que o significado que os participantes dão às situações que viveram, durante o período de separação, e os estilos de apego dos ex-cônjuges são fundamentais para esta escolha. Pelos dados obtidos, percebe-se que alguns participantes têm um estilo de apego seguro e, outros, ansioso-ambivalente; cuja associação ao do ex-cônjuge, gera uma dinâmica relacional que repercutiu positivamente sobre a reaproximação. Além disto, as decepções e dificuldades vivenciadas, durante este período, são vistas de forma construtiva pelos participantes, permitindo que, naquela ocasião, tivessem uma nova perspectiva do relacionamento com o ex-cônjuge e, assim, o valorizassem.

A dinâmica relacional acima mencionada, bem como o amadurecimento e o aprendizado adquiridos durante o período de separação foram a porta de entrada para haver várias reorganizações internas e mudanças adaptativas nos entrevistados. A valorização do que havia de bom, o investimento em reajustar aquilo que era corrosivo ao relacionamento, e o compromisso em lidar com as dificuldades com um outro modelo mental pareceram levar o recasamento com o ex-cônjuge a se assemelhar a um “novo” casamento. Diante deste entendimento sobre o recasamento e das perdas ocorridas com a separação, notou-se que o conceito de reorganização do vínculo poderia ser tomado emprestado para melhor explicar a reaproximação.

No processo de reconstrução do relacionamento, um outro aspecto que parece solidificar a decisão pelo recasamento, funcionando como parte de um alicerce, são os valores pessoais. Ao viverem o período de separação, os entrevistados tiveram a oportunidade de se conscientizar do que mais importava e dos investimentos que seriam necessários para colocar isto em prática. Quando se recasaram, mantendo seus valores como base, experimentaram sentimentos prazerosos, como paz e segurança, sugerindo que a percepção de satisfação acontece, em parte, pela aproximação ao seu próprio mundo de valores, e não aos

impostos pela sociedade. Estas pessoas possuem um sistema de valores mais voltado para conceitos tradicionais, que enfatizam menos a individualidade e mais a centralidade do papel do parceiro e do casamento em suas vidas, o que parece ter reforçado o compromisso com a relação. Além disto, a existência de crenças de permanência conjugal produziu uma “ideia poderosa” de busca exaustiva de solução dos problemas, por meio de diferentes estratégias, tais como diálogo e aceitação, visto que um rompimento só aconteceria em casos extremos.

As crenças religiosas também aparecem nas narrativas de alguns participantes como importantes para este processo, quando os cônjuges veem a Deus como um modelo a ser seguido e alguém com quem se pode contar para a provisão de habilidades, oportunidades, direções, dentre outros aspectos. Para ajudar a transformar seu modo de viver e de se relacionar, os parceiros que se baseiam em crenças religiosas se utilizam de recursos como oração, leitura da Bíblia, aconselhamento com líderes religiosos, reuniões diversas e apoio da comunidade religiosa. Ao enfrentarem adversidades e serem bem-sucedidos, confiando nestes recursos de maneira regular, a validade de tais crenças são reforçadas, nestas pessoas.

Por mais que os valores sejam importantes para sustentar a decisão dos ex-cônjuges, se já houve uma separação anteriormente, existe a expectativa de que algumas questões mudem, pois, senão, os parceiros viverão “mais do mesmo”. Assim, constatou-se que é fundamental que certas mudanças individuais aconteçam, em ambos, com o objetivo de confirmar o compromisso com o recasamento e reconhecer que o caminho adotado é uma boa escolha, frente ao que consideram como ideal de família. Para tanto, é preciso avaliar com seriedade os problemas do casamento anterior, mantendo o foco em sua solução, sem ficar aprisionado nas consequências causadas pelos mesmos. Neste cenário, conhecer ao outro e a si mesmo, em profundidade, parece ser muito importante para que os parceiros tenham outras interpretações do que acontece com o casal e, desta forma, seja gerada motivação para engajamento em comportamentos que venham a produzir bem-estar.

Diante disto, o novo modelo mental continua a ser aprimorado e os cônjuges compreendem que as expectativas são saudáveis para a relação, apenas, se forem viáveis para o outro, já que relacionamentos perfeitos não existem. Isto,

normalmente, os induz a ter maior aceitação daquilo que, provavelmente, não mudaria no parceiro, a valorizar os pontos positivos e a assumir suas próprias responsabilidades pela reconstrução do recasamento. Percebeu-se que algumas atitudes e comportamentos tendem a gerar um reforço mútuo e novos ciclos de interação positiva. Ser empático produz um maior engajamento emocional, que cria um tipo de conexão que leva o cônjuge a atender às expectativas do outro, naturalmente, o que produz confiança, fundamental para o diálogo, que por sua vez, recupera a amizade. Tais ações estimulam a reciprocidade e o compromisso entre os parceiros, o qual demanda bastante empenho.

Para que uma relação gratificante, na vida a dois, seja protegida ao longo do tempo, os resultados mostram que é necessária a expressão de atributos do amor que, nesta investigação, foram representados pelos pertencentes ao amor companheiro, reforçado por uma doação genuína. Isto indica que é importante que se cultivem os atributos dos componentes intimidade e decisão/compromisso e que haja disposição para se doar ao outro, sem barganhas, reforçando o compromisso com o longo prazo.

Dentre os atributos de intimidade, o companheirismo, a amizade e a parceria parecem ter mais importância para este processo de manutenção. Ser sensível às necessidades do outro e confiar que se pode contar com o cônjuge em todas as situações, sobretudo nas dificuldades, parecem fundamentais, em termos de decisão/compromisso. A intimidade é reforçada pela interação harmônica dos parceiros ao superarem problemas, juntos, e não apenas ao viverem bons momentos. Chamam a atenção as falas que mostram que uma decisão mais racional também pode fazer com que uma pessoa se comprometa com o casamento, sem que isto a sobrecarregue, produzindo até mesmo, mais intimidade.

Desta forma, conclui-se que os principais fatores que contribuem para a reconstrução do relacionamento conjugal no recasamento com o ex-cônjuge podem ser vistos como elementos interdependentes da estrutura de uma edificação. Os significados que os parceiros dão às situações que viveram, durante o período de separação, aliados à interação dos estilos de apego dos ex-cônjuges, são como uma porta de entrada. Os valores pessoais funcionam como parte de um alicerce que solidifica e sustenta toda a estrutura do recasamento. Já as mudanças implementadas pelos cônjuges são pilares que transmitem mensagens de que há

compromisso e de que o caminho escolhido é válido. Os atributos do amor se parecem com um telhado que protege a estrutura de ser danificada, ao longo do tempo, pelas intempéries da vida.

Por fim, sem intenção alguma de afirmar que modelos tradicionais de casamento são a solução para todas as pessoas e situações, diante dos resultados desta investigação, cabem algumas reflexões sobre as relações contemporâneas. O que leva as pessoas a buscar incessantemente a realização de sua individualidade em um casamento, e a querer, ao mesmo tempo, um relacionamento íntimo que as gratifique, as complete e as deixe seguras? É possível, dentro de um casamento, obter toda a liberdade e satisfação individual sem que se pense, igualmente, no outro e na relação? Os resultados deste estudo mostram que construir, ou reconstruir, um relacionamento conjugal recompensador demanda bastante investimento pessoal; porém, o que resulta disto, a partir do relato dos participantes, parece valer a pena. Certamente é preciso que as pessoas estejam conscientes de si mesmas, do outro, da realidade de uma vida a dois e dispostas a assumir sua parte da responsabilidade para fazer tais investimentos. Contudo, ao aprenderem a se desenvolver por meio da superação de crises e desafios, têm boas chances de se sentir melhores e mais gratificadas na relação conjugal.

7. Referências bibliográficas

- Acevedo, B. P., & Aron, A. (2009). Does a long-term relationship kill romantic love? *Review of General Psychology, 13*(1), 59–65.
<https://doi.org/10.1037/a0014226>
- Acevedo, B. P., Aron, A., Fisher, H. E., & Brown, L. L. (2012). Neural correlates of long-term intense romantic love. *Social Cognitive and Affective Neuroscience, 7*(2), 145–159. <https://doi.org/10.1093/scan/nsq092>
- Ainsworth, M. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Alves-Silva, J. D., Scorsolini-Comin, F., & dos Santos, M. A. (2016). Conjugalidade e casamentos de longa duração na literatura científica. *Contextos Clínicos, 9*(1), 32–50. <https://doi.org/10.4013/ctc.2016.91.03>
- Amato, P. R., & Hohmann-Marriott, B. (2007). A comparison of high-and low-distress marriages that end in divorce. *Journal of Marriage and Family, 69*(3), 621–638.
- Amorim, A. N. de, & Stengel, M. (2014). Customized relations and the ideal of love in the contemporaneity. *Estudos de Psicologia, 19*(3), 179–188.
- Arriaga, X. B., Kumashiro, M., Finkel, E. J., VanderDrift, L. E., & Luchies, L. B. (2014). Filling the Void: Bolstering Attachment Security in Committed Relationships. *Social Psychological and Personality Science, 5*(4), 398–406. <https://doi.org/10.1177/1948550613509287>
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Barret, R. (2000). *Libertando a Alma da Empresa: como transformar a organização numa entidade viva*. São Paulo: Cultrix.
- Bauman, Z. (2004). *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Baumeister, R. F., & Bratslavsky, E. (1999). Passion, intimacy, and time: Passionate love as a function of change in intimacy. *Personality and Social Psychology Review, 3*(1), 49–67.

- Beck, L. A., & Clark, M. S. (2010). What Constitutes a Healthy Communal Marriage and Why Relationship Stage Matters. *Journal of Family Theory & Review*, 2(4), 299–315.
- Berman, W. H. (1985). Continued Attachment After Legal Divorce. *Journal of Family Issues*, 6(3), 375–392.
- Bersani, B. E., & Doherty, E. E. (2013). When the ties that bind unwind: examining the enduring and situational processes of change behind the marriage effect. *Criminology*, 51(2), 399–433.
<https://doi.org/10.1111/1745-9125.12008>
- Bleidorn, W., Hopwood, C. J., & Lucas, R. E. (2018). Life Events and Personality Trait Change: Life Events and Trait Change. *Journal of Personality*, 86(1), 83-96. <https://doi.org/10.1111/jopy.12286>
- Borges, C. de C., & Magalhães, A. S. (2013). Individualism, life trajectories and plans of constituting a family. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 30(2), 177–185.
- Borges, C. de C., Magalhães, A. S., & Féres-Carneiro, T. (2014). Liberdade e desejo de constituir família: percepções de jovens adultos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66(3), 89–103.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss: Vol. 3. Loss: Sadness and depression*. New York: Basic Books.
- _____. (1988). *A secure base: parent-child attachment and healthy human development*. New York: Basic Books.
- Boyce, C. J., Wood, A. M., & Ferguson, E. (2016). For better or for worse: The moderating effects of personality on the marriage-life satisfaction link. *Personality and Individual Differences*, 97, 61–66.
<https://doi.org/10.1016/j.paid.2016.03.005>
- Burdette, A. M., Ellison, C. G., Sherkat, D. E., & Gore, K. A. (2007). Are There Religious Variations in Marital Infidelity? *Journal of Family Issues*, 28(12), 1553–1581. <https://doi.org/10.1177/0192513X07304269>
- Burgess Moser, M., Johnson, S. M., Dalglish, T. L., Lafontaine, M.-F., Wiebe, S.

- A., & Tasca, G. A. (2016). Changes in Relationship-Specific Attachment in Emotionally Focused Couple Therapy. *Journal of Marital and Family Therapy, 42*(2), 231–245. <https://doi.org/10.1111/jmft.12139>
- Campbell, K., & Kaufman, J. (2017). Do You Pursue Your Heart or Your Art? Creativity, Personality, and Love. *Journal of Family Issues, 38*(3), 287–311.
- Chan, J., & Pfeifer, J. E. (2015). Postdivorce Adjustment in Singapore: Factors, Themes, and Positive Growth. *Journal of Divorce & Remarriage, 56*(6), 429–450. <https://doi.org/10.1080/10502556.2015.1058657>
- Ciscon-Evangelista, M. R., & Menandro, P. R. M. (2011). Casados para sempre: casamento e família na concepção de casais evangélicos neopentecostais. *Psicologia Argumento, 29*(66), 343–352.
- Clark, M. S., & Mills, J. R. (2012). A theory of communal (and exchange) relationships. In E. T. Higgins & A. W. Kruglanski (Eds.), *Handbook of theories of social psychology* (Vol. 2, pp. 232–250). Thousand Oaks: Sage.
- Cohen, O., & Finzi-Dottan, R. (2012). Reasons for Divorce and Mental Health Following the Breakup. *Journal of Divorce & Remarriage, 53*(8), 581–601. <https://doi.org/10.1080/10502556.2012.719413>
- Costa, C. B., & Mosmann, C. P. (2015). Relacionamentos conjugais na atualidade: percepções de indivíduos em casamentos de longa duração. *Revista da SPAGESP, 16*(2), 16-31.
- Dailey, R. M., Jin, B., Pfister, A., & Beck, G. (2011). On-Again/Off-Again Dating Relationships: What Keeps Partners Coming Back? *The Journal of Social Psychology, 151*(4), 417–440. <https://doi.org/10.1080/00224545.2010.503249>
- Dailey, R. M., Rossetto, K. R., Pfister, A., & Surra, C. A. (2009). A qualitative analysis of on-again/off-again romantic relationships: “It’s up and down, all around.” *Journal of Social and Personal Relationships, 26*(4), 443–466.
- Dagleish, T. L., Johnson, S. M., Burgess Moser, M., Lafontaine, M.-F., Wiebe, S. A., & Tasca, G. A. (2015). Predicting Change in Marital Satisfaction Throughout Emotionally Focused Couple Therapy. *Journal of Marital and*

Family Therapy, 41(3), 276–291. <https://doi.org/10.1111/jmft.12077>

- Dalgleish, T. L., Johnson, S. M., Burgess Moser, M., Wiebe, S. A., & Tasca, G. A. (2015). Predicting Key Change Events in Emotionally Focused Couple Therapy. *Journal of Marital and Family Therapy*, 41(3), 260–275. <https://doi.org/10.1111/jmft.12101>
- Davis, D., Shaver, P. R., & Vernon, M. L. (2003). Physical, emotional, and behavioral reactions to breaking up: The roles of gender, age, emotional involvement, and attachment style. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 29(7), 871–884.
- Dew, J., & Bradford Wilcox, W. (2013). Generosity and the Maintenance of Marital Quality: Generosity and Marital Quality. *Journal of Marriage and Family*, 75(5), 1218–1228. <https://doi.org/10.1111/jomf.12066>
- Dinero, R. E., Conger, R. D., Shaver, P. R., Widaman, K. F., & Larsen-Rife, D. (2011). Influence of family of origin and adult romantic partners on romantic attachment security. *Couple and Family Psychology: Research and Practice*, 1(S), 16–30.
- Doherty, W. J., Harris, S. M., & Wickel Didericksen, K. (2016). A Typology of Attitudes Toward Proceeding with Divorce Among Parents in the Divorce Process. *Journal of Divorce & Remarriage*, 57(1), 1–11. <https://doi.org/10.1080/10502556.2015.1092350>
- Doherty, W. J., Willoughby, B. J., & Peterson, B. (2011). Interest in marital reconciliation among divorcing parents. *Family Court Review*, 49(2), 313–321.
- Dollahite, D. C., Hawkins, A. J., & Parr, M. R. (2012). “Something More”: The Meanings of Marriage for Religious Couples in America. *Marriage & Family Review*, 48(4), 339–362. <https://doi.org/10.1080/01494929.2012.674480>
- Driver, J. L., & Gottman, J. M. (2004). Daily marital interactions and positive affect during marital conflict among newlywed couples. *Family Process*, 43(3), 301–314.
- Ellison, C. G., Wolfinger, N. H., & Ramos-Wada, A. I. (2013). Attitudes toward

- marriage, divorce, cohabitation, and casual sex among working-age Latinos: Does religion matter? *Journal of Family Issues*, 34(3), 295–322.
- Feeney, B. C., & Collins, N. L. (2015). A new look at social support: A theoretical perspective on thriving through relationships. *Personality and Social Psychology Review*, 19(2), 113–147.
- Fehr, B., Harasymchuk, C., & Sprecher, S. (2014). Compassionate love in romantic relationships: A review and some new findings. *Journal of Social and Personal Relationships*, 31(5), 575–600.
<https://doi.org/10.1177/0265407514533768>
- Féres-Carneiro, T. (2003). Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade. *Estudos de Psicologia*, 8(3), 367–374.
- Fife, S. T. (2015). Martin Buber’s Philosophy of Dialogue and Implications for Qualitative Family Research. *Journal of Family Theory & Review*, 7(3), 208–224. <https://doi.org/10.1111/jftr.12087>
- Finkel, E. J., & Eastwick, P. W. (2015). Attachment and pairbonding. *Current Opinion in Behavioral Sciences*, 3, 7–11.
<https://doi.org/10.1016/j.cobeha.2014.12.006>
- Finkel, E. J., Hui, C. M., Carswell, K. L., & Larson, G. M. (2014). The Suffocation of Marriage: Climbing Mount Maslow Without Enough Oxygen. *Psychological Inquiry*, 25(1), 1–41.
<https://doi.org/10.1080/1047840X.2014.863723>
- Finkel, E. J., Simpson, J. A., & Eastwick, P. W. (2017). The Psychology of Close Relationships: Fourteen Core Principles. *Annual Review of Psychology*, 68(1), 383–411. <https://doi.org/10.1146/annurev-psych-010416-044038>
- Finzi, R., Cohen, O., & Ram, A. (2000). Attachment and divorce. *Journal of Family Psychotherapy*, 11(1), 1–20.
- Fonseca, S. R. A., & Duarte, C. M. N. (2014). Do namoro ao casamento: significados, expectativas, conflito e amor. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(2), 135–143.
- Fowers, B. J. (2001). The limits of a technical concept of a good marriage: Exploring the role of virtue in communication skills. *Journal of Marital*

and Family Therapy, 27(3), 327–340.

- Fraley, R. C., Roisman, G., Booth-Laforce, C., Owen, M., & Holland, A. S. (2013). Interpersonal and Genetic Origins of Adult Attachment Styles: A Longitudinal Study From Infancy to Early Adulthood. *Journal of Personality and Social Psychology*, 104(5), 817–838. <https://doi.org/10.1037/a0031435>
- Garrido Rojas, L., Guzmán-González, M., & Rivera Ottenberger, D. (2016). Romantic Attachment and Adjustment to Divorce and Separation in a Chilean Adult Sample. *Journal of Divorce & Remarriage*, 57(8), 573–585. <https://doi.org/10.1080/10502556.2016.1233852>
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades*. São Paulo: UNESP.
- Goddard, H. W., Olson, J. R., Galovan, A. M., Schramm, D. G., & Marshall, J. P. (2016). Qualities of Character That Predict Marital Well-Being: Qualities of Character and Marital Well-Being. *Family Relations*, 65(3), 424–438. <https://doi.org/10.1111/fare.12195>
- Gomes, A. I. A. S. de B., Gouveia, V. V., da Silva Júnior, N. A., Coutinho, M. de L., & Campos, L. C. de O. (2013). Escolha do (a) parceiro (a) ideal por heterossexuais: são seus valores e traços de personalidade uma explicação? *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(1), 29–37.
- Goodman, M. A., Dollahite, D. C., Marks, L. D., & Layton, E. (2013). Religious Faith and Transformational Processes in Marriage: Transformational Processes and Religious Faith. *Family Relations*, 62(5), 808–823. <https://doi.org/10.1111/fare.12038>
- Gottman, J. M., Driver, J., & Tabares, A. (2015). Repair During Marital Conflict in Newlyweds: How Couples Move from Attack–Defend to Collaboration. *Journal of Family Psychotherapy*, 26(2), 85–108. <https://doi.org/10.1080/08975353.2015.1038962>
- Gottman, J. M., & Gottman, J. (2017). The Natural Principles of Love. *Journal of Family Theory & Review*, 9(1), 7–26. <https://doi.org/10.1111/jftr.12182>
- Gottman, J. M., & Silver, N. (2015). *The seven principles for making marriage*

- work*. New York: Harmony Books.
- Gouveia, V. V. (2003). A natureza motivacional dos valores humanos: evidências acerca de uma nova tipologia. *Estudos de Psicologia*, 8(3), 431–443.
- Gurman, A. (2013). Behavioral Couple Therapy: Building a Secure Base for Therapeutic Integration. *Family Process*, 52(1), 115–138.
- Halford, W. K., & Sweeper, S. (2013). Trajectories of Adjustment to Couple Relationship Separation. *Family Process*, 52(2), 228–243.
<https://doi.org/10.1111/famp.12006>
- Hall, S. S. (2006). Marital Meaning: Exploring Young Adults' Belief Systems About Marriage. *Journal of Family Issues*, 27(10), 1437–1458.
<https://doi.org/10.1177/0192513X06290036>
- Hammock, G., & Richardson, D. S. (2011). Love attitudes and relationship experience. *The Journal of Social Psychology*, 151(5), 608–624.
- Hawkins, A. J., Willoughby, B. J., & Doherty, W. J. (2012). Reasons for Divorce and Openness to Marital Reconciliation. *Journal of Divorce & Remarriage*, 53(6), 453–463.
<https://doi.org/10.1080/10502556.2012.682898>
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(3), 511–524.
- Heckler, V. I., & Mosmann, C. P. (2016). A qualidade conjugal nos anos iniciais do casamento em casais de dupla carreira. *Psicologia Clínica*, 28(1), 161–182.
- IBGE (2015). *Estatística do registro civil*. Disponível em:
http://ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2015/default_xls.shtm
- Jablonski, B. (2001). Atitudes frente à crise do casamento. In T. Féres- Carneiro et al.. *Casamento e família: do social à clínica* (pp. 81–95). Rio de Janeiro: Nau.
- _____. (2010). Atitudes de jovens solteiros frente à família e ao casamento: duas décadas de estudos. In T. Féres-Carneiro (Org.). *Casal e Família:*

Permanências e Rupturas. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Johnson, S. M. (2012a). *Abrace-me apertado: sete conversas para um amor verdadeiro*. São Paulo: Jardim dos Livros.

_____. (2012b). *The Practice of Emotionally Focused Couple Therapy: Creating Connection* (2nd ed.). New York: Routledge.

_____. (2013). *Love Sense: the revolutionary new science of romantic relationships*. New York: Little, Brown and Company.

Karandashev, V., & Clapp, S. (2016). Psychometric properties and structures of passionate and companionate love. *Interpersona: An International Journal on Personal Relationships*, 10(1), 56–76.

<https://doi.org/10.5964/ijpr.v10i1.210>

Knapp, S. J. (2015). The Ethical Phenomenology of Emmanuel Levinas: Drawing on Phenomenology to Explore the Central Features of Family Life: *Journal of Family Theory & Review*, 7(3), 225–241.

<https://doi.org/10.1111/jftr.12091>

Lamela, D., Figueiredo, B., & Bastos, A. (2010). Adaptação ao Divórcio e Relações Coparentais: Contributos da Teoria de Vinculação. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 23(3), 562–574.

Lamy, L. (2016). Beyond emotion: Love as an encounter of myth and drive. *Emotion Review*, 8(2), 97–107.

Lee, J. A. (1977). A typology of styles of loving. *Personality and Social Psychology Bulletin*, (3), 173–182.

Lemmetty, K. (2015). *An exploratory study of compassionate, companionate, and passionate love throughout relationship course and the lifespan* (Dissertação). Lakehead University, Canadá.

<http://lurepository.lakeheadu.ca:8080/handle/2453/626>

Lloyd, G. M., Sailor, J. L., & Carney, W. (2014). A Phenomenological Study of Postdivorce Adjustment in Midlife. *Journal of Divorce & Remarriage*, 55(6), 441–450. <https://doi.org/10.1080/10502556.2014.931757>

Määttä, K., & Uusiautti, S. (2012a). Seven Rules on Having a Happy Marriage

Along With Work. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, 20(3), 267–273.

<https://doi.org/10.1177/1066480712448997>

_____. (2012b). Love does not retire - not even after a half century of marriage. *Journal of Educational and Social Research*, 2(1), 23–39.

_____. (2013). *Many Faces of Love*. Rotterdam: Sense Publishers.

Määttä, M., Uusiautti, S., & Määttä, K. (2012). An intimate relationship in the shadow of narcissism: What is it like to live with a narcissistic spouse? *International Journal of Research Studies in Psychology*, 1(1), 37-50.
<https://doi.org/10.5861/ijrsp.2012.v1i1.28>

Madden-Derdich, D. A., & Ardini, J. A. (1999). The ties that bind: attachment between former spouses. *Family Relations*, 48(3), 243–249.

Madey, S. F., & Jilek, L. (2012). Attachment style and dissolution of romantic relationships: Breaking up is hard to do, or is it? *Individual Differences Research*, 10(4), 202–210.

Maslow, A. H. (1943). A theory of human motivation. *Psychological Review*, 50(4), 370–396.

Mazadiego, T., & Garcés, J. (2011). El amor medido por la escala triangular de Sternberg. *Psicolatina*, 22, 1–10.

Neff, L. A., & Geers, A. L. (2013). Optimistic expectations in early marriage: A resource or vulnerability for adaptive relationship functioning? *Journal of Personality and Social Psychology*, 105(1), 38–60.
<https://doi.org/10.1037/a0032600>

Neff, L. A., & Morgan, T. A. (2014). The Rising Expectations of Marriage: What We Do and Do Not Know. *Psychological Inquiry*, 25(1), 95–100.
<https://doi.org/10.1080/1047840X.2014.878234>

Neves, A. S., Dias, A. S. F., & Paravidini, J. L. L. (2013). A psicodinâmica conjugal e a contemporaneidade. *Psicologia Clínica*, 25(2), 73–87.

Norgren, M. de B. P., Souza, R. M. de, Kaslow, F., Hammerschmidt, H., & Sharlin, S. A. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa

- duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 575–584.
- O’Leary, K. D., Acevedo, B. P., Aron, A., Huddy, L., & Mashek, D. (2012). Is Long-Term Love More Than A Rare Phenomenon? If So, What Are Its Correlates? *Social Psychological and Personality Science*, 3(2), 241–249.
- Olson, J. R., Goddard, H. W., & Marshall, J. P. (2013). Relations Among Risk, Religiosity, and Marital Commitment. *Journal of Couple & Relationship Therapy*, 12(3), 235–254. <https://doi.org/10.1080/15332691.2013.806705>
- Olson, J. R., Marshall, J. P., Goddard, H. W., & Schramm, D. G. (2015). Shared Religious Beliefs, Prayer, and Forgiveness as Predictors of Marital Satisfaction: Religiosity and Marital Satisfaction. *Family Relations*, 64(4), 519–533. <https://doi.org/10.1111/fare.12129>
- Passos, M. C. (2013). Intimidade: origem na família e repercussões na clínica. In T. Féres Carneiro (Org.). *Casal e Família: transmissão, conflito e violência* (pp. 129–140). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Patrick, H. (2014). Ascending Mount Maslow With Oxygen to Spare: A Self-Determination Theory Perspective. *Psychological Inquiry*, 25(1), 101–107. <https://doi.org/10.1080/1047840X.2014.878682>
- Pearce Plauche, H., Marks, L. D., & Hawkins, A. J. (2016). Why We Chose to Stay Together: Qualitative Interviews with Separated Couples Who Chose to Reconcile. *Journal of Divorce & Remarriage*, 57(5), 317–337. <https://doi.org/10.1080/10502556.2016.1185089>
- Perrone-McGovern, K., Oliveira-Silva, P., Simon-Dack, S., Lefdahl-Davis, E., Adams, D., McConnell, J., ... Goncalves, O. (2014). Effects of Empathy and Conflict Resolution Strategies on Psychophysiological Arousal and Satisfaction in Romantic Relationships. *Applied Psychophysiology and Biofeedback*, 39(1), 19–25.
- Rauer, A. J., Adler-Baeder, F., Lucier-Greer, M., Skuban, E., Ketring, S. A., & Smith, T. (2014). Exploring processes of change in couple relationship education: Predictors of change in relationship quality. *Journal of Family Psychology*, 28(1), 65–76. <https://doi.org/10.1037/a0035502>
- Reis, H. T., Maniaci, M. R., & Rogge, R. D. (2014). The expression of

- compassionate love in everyday compassionate acts. *Journal of Social and Personal Relationships*, 31(5), 651–676.
<https://doi.org/10.1177/0265407513507214>
- Rizzon, A. L. C., Mosmann, C. P., & Wagner, A. (2013). A qualidade conjugal e os elementos do amor: um estudo correlacional. *Contextos Clínicos*, 6(1), 41-49. <https://doi.org/10.4013/ctc.2013.61.05>
- Sabey, A. K., Rauer, A. J., & Haselschwerdt, M. L. (2016). “Its not just words coming from the mouth”: The nature of compassionate love among older couples. *Journal of Social and Personal Relationships*, 33(5), 640–665.
<https://doi.org/10.1177/0265407515588219>
- Schneller, D. P., & Arditti, J. A. (2004). After the Breakup: Interpreting Divorce and Rethinking Intimacy. *Journal of Divorce & Remarriage*, 42(1–2), 1–37.
- Schoebi, D., Karney, B. R., & Bradbury, T. N. (2012). Stability and change in the first 10 years of marriage: Does commitment confer benefits beyond the effects of satisfaction? *Journal of Personality and Social Psychology*, 102(4), 729–742.
- Shafer, K., Jensen, T. M., Pace, G. T., & Larson, J. H. (2013). Former Spouse Ties and Postdivorce Relationship Quality: Relationship Effort as a Mediator. *Journal of Social Service Research*, 39(5), 629–645.
<https://doi.org/10.1080/01488376.2013.834284>
- Shichida, T., Dollahite, D. C., & Carroll, J. S. (2015). How the perception of God as a transcendent moral authority influences marital connection among American Christians. *Journal of Psychology and Christianity*, 34(1), 40–52.
- Simpson, J. A. (1990). Influence of attachment styles on romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59(5), 971–980.
- Sprecher, S., & Hatfield, E. (2017). The importance of love as a basis of marriage: Revisiting Kephart (1967). *Journal of Family Issues*, 38(3), 312–335.
- Sternberg, K. (2014). *Psychology of Love 101*. New York: Springer Publishing Company.

- Sternberg, R. J. (1986). A triangular theory of love. *Psychological Review*, 93(2), 119–135.
- Symoens, S., Bastaits, K., Mortelmans, D., & Bracke, P. (2013). Breaking Up, Breaking Hearts? Characteristics of the Divorce Process and Well-Being After Divorce. *Journal of Divorce & Remarriage*, 54(3), 177–196. <https://doi.org/10.1080/10502556.2013.773792>
- Symoens, S., Colman, E., & Bracke, P. (2014). Divorce, conflict, and mental health: how the quality of intimate relationships is linked to post-divorce well-being: Divorce, conflict, and mental health. *Journal of Applied Social Psychology*, 44(3), 220–233. <https://doi.org/10.1111/jasp.12215>
- Thibaut, J. W., & Kelley, H. H. (1959). *The social psychology of groups*. New York: Wiley.
- Timm, T. M., & Keiley, M. K. (2011). The Effects of Differentiation of Self, Adult Attachment, and Sexual Communication on Sexual and Marital Satisfaction: A Path Analysis. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 37(3), 206–223. <https://doi.org/10.1080/0092623X.2011.564513>
- vanDellen, M. R., & Campbell, W. K. (2014). Climbing Mount Me. *Psychological Inquiry*, 25(1), 114–119. <https://doi.org/10.1080/1047840X.2014.878174>
- Vennum, A., Lindstrom, R., Monk, J. K., & Adams, R. (2014). “It’s complicated”: The continuity and correlates of cycling in cohabiting and marital relationships. *Journal of Social and Personal Relationships*, 31(3), 410–430. <https://doi.org/10.1177/0265407513501987>
- Wagner, A., & Mosmann, C. (2011). Educar para a conjugalidade: que a vida não nos separe. In L. C. Osorio & M. E. P. do Valle (Orgs.). *Manual de Terapia familiar: volume II* (pp. 261–270). Porto Alegre: Artmed.
- Waite, L. J., Luo, Y., & Lewin, A. C. (2009). Marital happiness and marital stability: Consequences for psychological well-being. *Social Science Research*, 38(1), 201–212.
- Weiss, R. S. (1976). The emotional impact of marital separation. *Journal of Social Issues*, 32(1), 135–145.

- Wiebe, S. A., Johnson, S. M., Lafontaine, M.-F., Burgess Moser, M., Dalglish, T. L., & Tasca, G. A. (2017). Two-Year Follow-up Outcomes in Emotionally Focused Couple Therapy: An Investigation of Relationship Satisfaction and Attachment Trajectories. *Journal of Marital and Family Therapy, 43*(2), 227–244. <https://doi.org/10.1111/jmft.12206>
- Wilcox, W. B., & Dew, J. (2016). The Social and Cultural Predictors of Generosity in Marriage Gender Egalitarianism, Religiosity, and Familism. *Journal of Family Issues, 37*(1), 97–118.
- Willoughby, B. J., Hall, S. S., & Goff, S. (2015). Marriage Matters But How Much? Marital Centrality Among Young Adults. *The Journal of Psychology, 149*(8), 796–817.
<https://doi.org/10.1080/00223980.2014.979128>
- Willoughby, B. J., Hall, S. S., & Luczak, H. P. (2015). Marital paradigms: A conceptual framework for marital attitudes, values, and beliefs. *Journal of Family Issues, 36*(2), 188–211.
- Wineberg, H. (1994). Marital Reconciliation in the United States: Which Couples Are Successful? *Journal of Marriage and Family, 53*(1), 80–88.
<https://doi.org/10.2307/352703>
- _____. (1995). An examination of ever-divorced women who attempted a marital reconciliation before becoming divorced. *Journal of Divorce & Remarriage, 23*, 129–146.
- _____. (1996). The resolutions of separation: Are marital reconciliations attempted? *Population Research and Policy Review, 15*(3), 297–310.
- _____. (1997). The Association Between Having a Failed Marital Reconciliation in the First Marriage and Dissolution of the Second Marriage. *Journal of Divorce & Remarriage, 27*(3–4), 39–50.
https://doi.org/10.1300/J087v27n03_03
- _____. (1999). The Timing of Remarriage Among Women Who Have a Failed Marital Reconciliation in the First Marriage. *Journal of Divorce & Remarriage, 30*(3–4), 57–69. https://doi.org/10.1300/J087v30n03_04
- Zordan, E. P., Falcke, D., & Wagner, A. (2009). Casar ou não casar?: Motivos e

expectativas com relação ao casamento. *Psicologia em Revista*, 15(2), 56–76.

Zordan, E. P., Wagner, A., & Mosmann, C. P. (2012). O perfil de casais que vivenciam divórcios consensuais e litigiosos: Uma análise das demandas judiciais. *PsicoUSF*, 17(2), 185–194.

Zuccarini, D., Johnson, S. M., Dagleish, T. L., & Makinen, J. A. (2013). Forgiveness and Reconciliation in Emotionally Focused Therapy for Couples: The Client Change Process and Therapist Interventions. *Journal of Marital and Family Therapy*, 39(2), 148–162.
<https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.2012.00287.x>

8. Apêndices

Roteiro das entrevistas

Escolha do parceiro (o que levou você a escolher seu marido/sua mulher para casar?)

Definição de casamento (o que é casamento para você?)

Expectativas em relação ao primeiro e ao segundo casamento.

Nascimento dos filhos no primeiro casamento (como ficou a vida depois do nascimento dos filhos no primeiro casamento?)

Separação (o que levou à separação? como foi esse processo?)

Repercussão da separação e do recasamento nos filhos.

Vida após a separação (como ficou a vida após a separação?)

Decisão pelo recasamento com o mesmo cônjuge (o que você acha que levou você a decidir se recasar com seu primeiro cônjuge?)

Diferenças e semelhanças entre os dois casamentos.

Perdas e ganhos do recasamento.

Aprendizado (o que você aprendeu com toda essa experiência?)

Ficha de dados biográficos

Nome:

Data da entrevista:

Idade (sua e do cônjuge):

Sexo:

Naturalidade:

Religião (sua e do cônjuge):

Situação empregatícia (sua e do cônjuge):

Local de residência:

Grau de escolaridade (sua e do cônjuge):

Número, idade e sexo dos filhos do casal:

Duração do primeiro casamento:

Duração da separação:

Duração do segundo casamento:

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Instituição de origem: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Título da pesquisa: Recasamento com o mesmo cônjuge: um processo de reconstrução conjunta da relação conjugal.

Doutoranda: Maria Ignez C. A. Limeira – ignezrj1@gmail.com tel. (21) 981379935

Orientadora: Profa. Terezinha Féres-Carneiro - teferca@puc-rio.br tel. (21) 991110180

Este trabalho de pesquisa tem como objetivo estudar, na visão dos cônjuges, os principais fatores que contribuem para a reconstrução do relacionamento conjugal no recasamento com o mesmo cônjuge.

A pesquisa será realizada a partir de uma entrevista gravada e, posteriormente, transcrita, permanecendo sob a responsabilidade da pesquisadora todo e qualquer dado de identificação. Todas as informações têm caráter confidencial, portanto sua identidade será mantida em sigilo.

Sua participação é voluntária, estando livre para interromper a entrevista quando assim desejar; fazer as perguntas que julgar necessárias; recusar-se a responder perguntas ou falar de assuntos que lhe possam causar qualquer tipo de constrangimento. A participação na pesquisa não trará nenhum dano à sua saúde física e emocional e não haverá nenhuma penalidade caso desista de participar. Com sua adesão, você estará contribuindo para conhecermos mais sobre reconciliações conjugais após a separação.

Assinando este formulário de consentimento, você estará autorizando a pesquisadora a utilizar, em ensino, pesquisa e publicação, as informações prestadas na entrevista, sendo preservada sua identidade e a dos membros de sua família. Este documento está sendo assinado em duas vias, ficando uma com a pesquisadora e a outra com o(a) participante.

Eu,

_____, fui informado(a) sobre o estudo acima referido e compreendi seus objetivos. Tive a oportunidade de fazer perguntas e todas as minhas dúvidas foram respondidas a contento. Este formulário está sendo assinado voluntariamente por mim, o que indica meu consentimento para participar desta pesquisa.

Assinatura do(a) Participante

Assinatura da pesquisadora

Rio de Janeiro, ____/____/____